

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FLÁVIA DOS SANTOS NASCIMENTO

**JUVENTUDE E POLÍTICA: conversas com o jovem eleitor de Jair Bolsonaro**

SÃO CRISTÓVÃO  
2019

FLÁVIA DOS SANTOS NASCIMENTO

**JUVENTUDE E POLÍTICA: conversas com o jovem eleitor de Jair Bolsonaro**

Projeto apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para o exame de qualificação. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho

SÃO CRISTÓVÃO  
2019

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

N244j Nascimento, Flávia dos Santos  
Juventude e política : conversas com o jovem eleitor de Jair  
Bolsonaro / Flávia dos Santos Nascimento ; orientador Daniel  
Menezes Coelho. – São Cristóvão, SE, 2019.  
120 f.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal  
de Sergipe, 2019.

1. Psicanálise - Métodos. 2. Afeto (Psicologia). 3. Jovens –  
Atividades políticas. I. Coelho, Daniel Menezes, orient. II. Título.

CDU 159.964.22

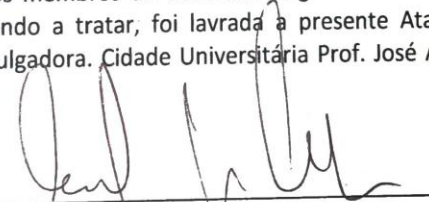


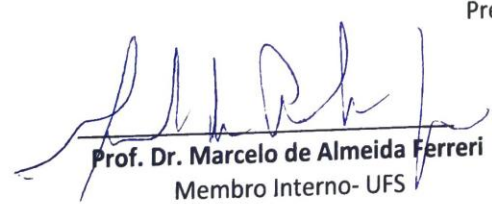
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

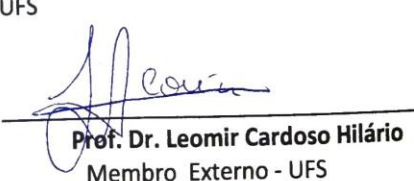
PPGPSI

## ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e dezenove, reuniram-se às 08:00 horas na sala de aula do PPGPSI, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, os professores membros da Comissão Examinadora Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho (Presidente-UFS), Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (Membro Interno -UFS), Prof. Dr. Leomir Cardoso Hilário (Membro Externo-UFS), para avaliar o trabalho intitulado: **"JUVENTUDE E POLÍTICA: Conversas com os jovens eleitores de Jair Bolsonaro."** da mestranda **FLÁVIA DOS SANTOS NASCIMENTO**. O Orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de presidente, passou a palavra a candidata, para que ela expusesse sua dissertação, informando que a mesma dispunha de 30 (trinta) minutos para a apresentação, que cada examinador iria dispor de 20 (vinte) minutos para fazer arguições e que a candidata gozaria de 20 (vinte) minutos para responder aos questionamentos. Terminada a exposição da candidata, o presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, que iniciaram a arguição. Terminada a arguição, a candidata retirou-se da Sala para que os membros da Comissão Julgadora atribuissem-lhe as notas. Logo em seguida, o presidente anunciou que a candidata foi considerada ALVOZADA a partir da avaliação pelos dos membros da Comissão Julgadora. O presidente proclamou a candidata **MESTRE EM PSICOLOGIA**, devendo este resultado ser homologado pela Comissão da Coordenação de Pós-Graduação. Em seguida, o Presidente agradeceu aos membros da Comissão Julgadora e aos presentes e encerrou a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 30 de agosto de 2019.

  
Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho  
Presidente – UFS

  
Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri  
Membro Interno- UFS

  
Prof. Dr. Leomir Cardoso Hilário  
Membro Externo - UFS

  
Candidata

Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos  
CEP: 49.100-000 – Tel/Fax: (079) 3194-6784

*Dedico os frutos deste trabalho a todos que acreditaram em mim.  
Primeiramente a Deus por me sustentar, me dar força e fé em todos os desafios,  
Aos meus pais Iva e Cidiney, por sempre acreditarem em mim e me ampararem,  
A Fernanda por todo amor, dedicação e paciência,  
A toda a minha família, em especial aos meus sobrinhos Maria Elis e Vítor Hugo  
por serem fonte de amor e afeto. Ao meu irmão Fábio e minha cunhada Valdinha  
por serem os melhores amigos que eu poderia desejar. A minha avó Diva e meu  
avô Pedro por ser fonte incondicional de amor.  
Aos meus queridos amigos que encontrei no mestrado, sem vocês não teria força  
e alegria de chegar onde estou - Faby, Alana, Anna, Joelma. Aos amigos que  
Deus me presenteou para eu me tornar uma pessoa melhor e muito mais amada-  
Denise, Luiz Henrique e Luiz Augusto.  
E ao meu querido orientador Daniel Coelho por acreditar em mim, ter paciência,  
me apoiar e pelo cuidado que sempre teve comigo.  
A todos vocês dedico este trabalho!!!*

## AGRADECIMENTOS

Ao por um ponto continuando em um trabalho que não se encerra, é preciso elaborar por partes os feitos deste. Sei que me debruçarei inúmeras vezes sobre as questões que ainda há de vir.

Queria fazer um texto de agradecimento, pois passar pelo mestrado não foi uma tarefa fácil. Não porque o mestrado é algo muito difícil e complexo, não tem muito haver com isso. O processo do mestrado é algo muito solitário e eu sempre gostei de ter pessoas ao meu redor, (eu gosto das pessoas), tive que reaprender muita coisa para chegar até aqui.

Mas o que de fato eu gostaria de falar é sobre o que esse percurso me permitiu enxergar, ‘eu, mulher, branca e privilegiada’. Ser mulher não é nada fácil, mesmo com todos os privilégios, passamos por inúmeros desafios. Comecei a perceber a quantidade de vezes que me calei com receio de participar de conversas e discussões, pois a maioria presente eram homens. Não me recordo quantas vezes nós mulheres precisávamos parar, pensar, refletir para ter a mínima coragem de manifestar uma opinião ou até mesmo um simples comentário. Enquanto a maiorias dos homens simplesmente despejavam suas opiniões sem receios.

Comei a perceber que nesses ambientes não só nos acadêmicos, mas também nas rodas de amigos, geralmente as mulheres se calam, e há um esforço danado para participar das conversas. Enquanto que pra gente é um esforço, para os homens parece ser algo simples e comum – ‘expressar o que pensam’. Este fato tem me incomodado bastante, por perceber o quanto somos silenciadas, apagadas, ignoradas, isoladas, apenas por sermos mulher.

De uns anos pra cá, consegui assumir algumas posturas de enfrentamento, me colocando mais e falando sempre que vejo algum discurso intolerante, preconceituoso, machista, isso, em alguns ambientes, mas em outros ainda me sinto frágil demais e muito amedrontada para enfrentar. E esse é o preço de uma sociedade machista, em que as pessoas continuam a reproduzir comportamento de anulamento e submissão.

Meu papel hoje aqui é dizer e mostrar para tantas mulheres que se sentem assim como eu, que somos fortes, guerreiras, corajosas, inteligentes, e que podemos também nos sentir, tristes, solitárias, desamparadas. Aí estar a maior beleza de sermos humanas, sentir tantos afetos e nos reinventarmos diante deles. O maior desafio para mim é saber me perdoar diante dos meus silenciamentos e erros, me aceitar como eu sou, e que nem todas às vezes conseguirei enfrentar, mas continuarei tentando, com todas as minhas falhas e fraquezas.

Tento ser melhor e mais humana a cada dia, as minhas verdades não serão absolutas, elas mudam, e que beleza elas poderem mudar, o que não pode mudar é a ética, a força, a

solidariedade com o ser humano, e a capacidade de empatia. Isso eu quero manter e vou lutar a cada dia para fazer desse mundo um lugar melhor. Melhor para todos e não para poucos! Então queridxs amigxs guerreirxs vamos à luta e vamos juntxs, obrigada a cada mulher e a cada pessoa que me inspira a ser melhor.

Minha mãe Iva, minha cunhada Valdinha, minha sobrinha Maria Elis, minhas avós Badé e Diva. Minha querida Fernanda, minha amiga Jamile, minha cumadre Jane. Minha mestra única Majô, minhas colegas e amigas Alana, Faby, Anna e Joelma, obrigada por tudo!!!

*Sonhar mais um sonho impossível  
Lutar quando é fácil ceder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender*

*Sofrer a tortura implacável  
Romper a incabível prisão*

*Voar num limite improvável  
Tocar o inacessível chão*

*É minha lei, é minha questão  
Virar este mundo, cravar este chão  
Não me importa saber  
Se é terrível demais  
Quantas guerras terei que vencer  
Por um pouco de paz*

*E amanhã se este chão que eu beijei  
For meu leito e perdão  
Vou saber que valeu  
Delirar e morrer de paixão*

*E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão*

*(Sonho Impossível - Chico Buarque)*

## RESUMO

Em diferentes países do mundo, o aumento das políticas de direita vem se destacando através do fortalecimento de organizações conservadoras, evidente nos Estados Unidos com a eleição de Trump e, com o crescimento de partidos conservadores como na Espanha e Argentina. Desde as manifestações de maio de 2013 às ruas voltaram a serem espaços de fazer política e de luta por direitos. Ao longo desse período de manifestações, ao mesmo tempo, em que surgiram novos movimentos de juventude conservadora, também aparecem novas organizações com pautas progressistas. Com isso, vem o desejo de compreender este fenômeno social que surge a ideia de desenvolver esta pesquisa, e de realizarmos entrevistas com jovens votantes em Bolsonaro, para ouvir o que eles têm a dizer e tentar compreender como é que o jovem, ‘supostamente’ veículo da mudança e do progresso, supostamente progressista quase que por natureza, pode votar em Bolsonaro? O que aconteceu?. Este trabalho foi construído a partir do método de pesquisa em psicanálise, as falas dos jovens foram analisadas através do aporte teórico psicanalítico. Através deste estudo percebemos uma prevalência do uso político do afeto, que marca as eleições de 2018, por um transbordamento de tensões sociais, um clima de politização e descontentamento que emergiu em uma campanha polarizada e radicalizada que permanece latente, assim como uma mobilização afetiva dos eleitores seja pelo discurso de ódio, medo, insegurança ou esperança.

Palavras- Chave: Afeto, Escuta, Juventude e Psicanálise.

## **ABSTRACT**

In different countries of the world, the rise of right-wing policies has stood out through the strengthening of conservative organizations, evident in the United States with the election of Trump and, with the growth of conservative parties as in Spain and Argentina. Since May 2013, the streets have been once again spaces for political action and for the fight for rights. Throughout this period of demonstrations, while new conservative youth movements emerged, also new organizations with progressive agendas appeared. With this comes the desire to understand this social phenomenon that arises the idea of developing this research, and to conduct interviews with young voters in Bolsonaro, to hear what they have to say and try to understand how the young, 'supposedly' vehicle of change and progress, supposedly progressive almost by nature, can vote in Bolsonaro? What the hell happened?. This work was constructed from the method of research in psychoanalysis, the speeches of young people were analyzed through the psychoanalytic theoretical contribution. Through this study we perceive a prevalence of political use of affection, which marks the elections 2018, by an overflow of social tensions, a climate of politicization and discontent that has emerged in a polarized and radicalized campaign that remains dormant, as well as an affective mobilization of voters either by hate speech, fear, insecurity or hope.

Key words: Affection, Listen, Youth and Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 JUVENTUDE.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 JUVENTUDE E SOCIOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
1.1.1 A Juventude na teoria de Karl Mannheim.....	21
1.1.2 O Problema Sociológico das Gerações.....	22
1.1.3 O Problema da Juventude na Sociedade Moderna .....	26
<b>2 JUVENTUDE E PSICANALISE .....</b>	<b>30</b>
<b>2.1 Uma Abordagem Psicanalítica dos Problemas das Gerações e da Juventude.....</b>	<b>30</b>
2.1.1 A Barreira Contra o Incesto .....	31
2.1.2 Totem e Tabu .....	33
2.1.3 Sua Majestade o Bebê .....	37
<b>3 MÉTODO .....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 Conversando com Jovem eleitor de Bolsonaro.....</b>	<b>40</b>
3.1.1 História da pesquisa.....	40
3.1.2 Descrição da Pesquisa .....	41
3.1.3 A Psicanálise como ferramenta metodológica .....	43
3.1.4 Bourdieu e a Violência Simbólica.....	46
<b>4. ANÁLISE.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1 Polarização Política e Polarização Afetiva: O “Cidadão De Bem” .....</b>	<b>50</b>
<b>4.2 Insegurança Econômica.....</b>	<b>54</b>
<b>4.3A Produção do Inimigo: o bandido, o PT e LGBTTQI+.....</b>	<b>58</b>
<b>4.4 Os direitos LGBTTQI+ no Brasil e o lugar da família.....</b>	<b>64</b>
<b>4.5 As dificuldades da escuta.....</b>	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

### A NOVA ONDA CONSERVADORA

Em diferentes países do mundo, o aumento das políticas de direita<sup>1</sup> vêm se destacando através do fortalecimento de organizações conservadoras, como ficou evidente nos Estados Unidos com a eleição de Trump e com o crescimento de partidos conservadores como na Espanha e Argentina. No Brasil em junho de 2013, a insatisfação da população diante de diversas questões política, eclodiu em manifestações nas ruas, ocupadas por diversos segmentos sociais. Até o momento estudiosos ainda tentam compreender estas manifestações, que estão sendo cada vez mais conhecidas como as jornadas de maio de 2013. Nos anos seguintes, os grupos que saíram às ruas em 2013, transformaram-se em espaços de polarização mais fortes e que dividiram as eleições presidenciais de 2014, porém, foram as manifestações de 2015 e 2016 que evidenciaram as divisões políticas estimuladas pela mídia em que o antipetismo era um dos fatores principais de coesão com o discurso pró impeachment ganhando voz com a narrativa do golpe.

Desde as manifestações de maio de 2013 as ruas voltaram a ser espaços de fazer política e de luta por direitos. Ao longo desse período de manifestações, ao mesmo tempo, em que surgiram novos movimentos de juventude conservadora, também surgiram novas organizações com pautas progressistas. A partir do cenário político em questão, alguns estudos apontam que a direita captura parte desses movimentos, e consegue fortalecer as expressões das suas forças e polarizar grupos, principalmente com o discurso do Antipetismo, com significativa ascensão de lideranças com discursos conservadores<sup>2</sup>, atraindo e se aproximando de grande parcela da população, principalmente do público jovem.

---

<sup>1</sup> Bresser-Pereira tem se empenhado na definição dos conceitos de direita e esquerda em uma série de artigos (1997; 2000; 2006). Desse esforço, chega ao seguinte resultado: a direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas. Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado função ativa na redução da injustiça social ou da desigualdade, (BRESSER-PEREIRA 2006, p. 26-27). A direita se aproxima do conservadorismo em pautas e questões morais como, por exemplo, pena de morte, redução da maioria penal e casamento homoafetivo.

<sup>2</sup> O conservadorismo pode ser definido a partir de uma síntese aproximada ao comentário que Carlos Nelson Coutinho elaborou sobre os liberais, algo que podemos estender amplamente aos conservadores: “O liberal

A onda de conservadorismo atual traz à tona questões polêmicas e posições extremistas, principalmente na juventude. Com os impactos causados por esses novos acontecimentos na esfera política e através do contato com uma parcela da juventude durante a pesquisa, foi possível perceber um intenso movimento de jovens conservadores, com discurso de ódio nas redes sociais, principalmente nos grupos de *whatsapp* e no *facebook*. Em alguns momentos, o discurso veiculava entre um desejo de mudança e a descrença com a política e com políticos, e ao mesmo tempo, em que esses jovens se manifestavam dessa maneira, uma parcela aderiu ao discurso conservador.

Para podermos compreender esses atravessamentos nas relações entre juventude e política, neste trabalho empreendemos uma reflexão a respeito do fenômeno da difusão do conservadorismo entre a juventude na contemporaneidade, diante da corrida eleitoral de 2018 no Brasil. Ao passo que a campanha presidencial de 2018 se arquitetava, percebeu-se ali um crescente aumento e aproximação da juventude que ia se interessando e se identificando com o candidato Bolsonaro. O mal-estar e o susto causado diante dessa questão (que mobiliza este e diversos outros estudos) giravam em torno de tentar compreender por que os jovens que são ‘agentes revolucionários’, que estão sempre em luta por mudanças, votariam em um candidato que apresentava em seus discursos pautas conservadoras, postura autoritária e muitas vezes intolerante.

Desde então essa inquietação acompanha e movimenta esta pesquisa. Com isso, o desejo de fomentar as discussões sobre este fenômeno social levou a ideia de desenvolver esta pesquisa, e de realizarmos entrevistas com jovens votantes em Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, para ouvir o que eles têm a dizer e tentar compreender o que desejam. Desta forma, o ponto de partida do problema de pesquisa encontra uma primeira forma: como é que o jovem, ‘supostamente’ veículo da mudança e do progresso, supostamente progressista quase que por natureza, pode votar em Bolsonaro? - O que aconteceu? O que está determinando o voto da juventude?

---

defende a mudança que se tornou necessária, valendo-se para tanto de formulações ideológicas progressistas; mas, ao mesmo tempo, recusa as consequências últimas do progresso, por temor explícito da “anarquia” e do “caos” que vem “debaixo”, das forças populares ainda “imaturas” (COUTINHO, 2011 , p. 50). Para os conservadores, se uma tradição está viva e atuante, esta evidência empírica de sua agência serve como fundamento para preservá-la.

Mediante a metodologia de pesquisa, para realizar a escuta destes jovens, tinha-se como tarefa inicial, ultrapassar ‘esse susto’ para poder realizar uma escuta, a partir de uma posição menos idealizada sobre a juventude. Era necessário superar o clima polarizado do cenário político para evitar ou minimizar a violência e a agressividade. Com isso, a construção teórica, principalmente as leituras de Karl Mannheim e Freud, deram conta do primeiro ponto do problema de pesquisa, como veremos ao longo do trabalho.

Entretanto, percebeu-se, que ultrapassar a questão da juventude e da sua relação com o conservadorismo e progressismo não era a questão central deste trabalho. Existem, outras contradições que precisam ser pensadas a partir de outro plano. Pois, o susto inicial havia sido ultrapassado, porém o mal-estar continua presente. A partir desse ponto se instala uma segunda questão; - O que aconteceu? O que está determinando voto da juventude? Nossa hipótese é que o voto em Bolsonaro representa algum desejo que não está na ordem do discurso e, tão pouco na ordem da consciência.

É através da pesquisa em psicanálise que este trabalho é possibilitado, e por meio da escuta desses sujeitos pretende-se acessar seus desejos, interesses, que estão atrelados ao próprio sujeito e ao social. O que surge por meio da relação transferencial do pesquisador com o objeto de pesquisa que as resistências e dificuldades são percebidas. Tais questões são importantes para a pesquisa em psicanálise e serão abordadas com cuidado e atenção neste trabalho.

[...] falar do sujeito é falar de uma concepção ético-política, e não de uma faceta do indivíduo recortado em bio/psico/social, sujeito produto e produtor de rede simbólica que caracteriza o que chamamos o social e o político. Desvendar um é desvendar o outro. O método para alcançar sua mensagem tem como via de acesso à palavra (ROSA E DOMINGUES, 2010, p. 182).

O primeiro desafio do pesquisador nesse trabalho, foi lidar com o seu mal-estar, Rosa (2004) chama a atenção para o sofrimento que o pesquisador pode vir a ter durante suas descobertas e para a resistência que pode se dar por conta desse sofrimento. O tempo da pesquisa acontece junto com a elaboração do próprio pesquisador, pois, sua subjetividade está implicada na pesquisa, o pesquisador precisa estar atento para perceber os incômodos, angústias e estas precisam ser ultrapassadas para a continuidade da pesquisa.

Por meio da metodologia psicanalítica escutamos esse sujeito, seus desejos e os processos subjetivos. Percebemos que as questões políticas não dão conta de compreender o

mal - estar, que estão no campo das questões subjetivas e psíquicas, dos desejos e implicações destes jovens. Através da escuta psicanalítica como ferramenta psicológica que se faz possível a escuta do sujeito. A pesquisa psicanalítica tem uma “experiência centrada na fala, na escuta e regulada pelo impacto da transferência” (BIRMAN, 1994, p. 26-27).

O pano de fundo desta pesquisa se constrói em cima da conjuntura política atual, por isso é importante tentarmos compreender esses efeitos. Esse trabalho tem como intenção provocar o debate, (dentro das limitações de uma pesquisa de mestrado), convidando o leitor a refletir junto conosco e a pensar a partir das entrevistas tais questões. Este trabalho não tem a intenção de realizar uma análise política, porém, acreditamos que ele pode colaborar no debate político.

O fenômeno conservador e o crescimento da direita estão fomentando o campo de pesquisas sobre o assunto, como é o caso das pesquisas realizadas pela professora Ester Gallego (2017). As pesquisas da referida autora têm indicado fatores que corroboram a incidência deste fenômeno, dentre eles: a utilização de novas tecnologias como ferramenta política; às transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas nos últimos anos; a crise da esquerda; o processo do impeachment; o aumento das taxas de desemprego; o crescimento de uma classe consumidora; o ódio ao Partido dos Trabalhadores (PT); e o aumento das igrejas evangélicas. Esses são exemplos importantes a considerar para a análise social brasileira, os quais podem potencializar o desgaste no tecido social e se transformar em fatores de risco antidemocrático (GALLEGO, 2017).

A mesma autora publicou os resultados de um questionário aplicado a um grupo de manifestantes em março de 2017, quando a onda conservadora já era clara, com o objetivo de entender as pautas e os posicionamentos sociais, culturais e morais desses manifestantes.

Estes grupos, que se definem majoritariamente de direita (31.4%), centro-direita (17.4%) e conservador (47.3% muito conservador, 34.4% pouco conservador), responderam ao questionário de forma pouco coesa (34.8% concordam que a união de pessoas do mesmo sexo não constitui uma família, 48.6% pensam que a escola deve ensinar valores religiosos, 57.2% que feminismo é machismo ao contrário). A unidade de respostas dá-se em torno de três questões: 1) punitivismo (82.6% apoiam o aumento de pena para punir criminosos, 84.6% apoiam a redução da maioria penal), rejeição aos programas sociais e de redistribuição de renda característicos das gestões petistas (82.2% pensam que o programa Bolsa Família estimula as pessoas a não trabalharem, 75.2% pensam que as cotas não são uma boa medida) e, fundamentalmente, no antipetismo (84.8% definiram-se como muito antipetistas) (GALLEGO, 2018, p. 4).

Estes dados corroboram nossas inquietações e ajudam a compreender o campo de pesquisa em questão, pois, indicam, em parte, como as pessoas têm se identificado com as pautas conservadoras e como elas apresentam seu posicionamento político. Há ainda o fato de que as juventudes conservadoras apareceram como uma força política expressiva nas pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais de 2018. Segundo os dados publicados, o público jovem foi o principal eleitorado do candidato Bolsonaro. Cerca de 24%, estava na faixa etária entre 16 a 24 anos.

Diante desse contexto, dedicamo-nos a pensar como faríamos para alcançar uma compreensão acerca deste fenômeno social, sem a intenção de encontrar respostas e apontar para uma verdade, mas de fomentar a discussão sobre o campo político contemporâneo, através dos estudos psicanalíticos, fornecendo novas elaborações e concebendo leituras aproximadas da contemporaneidade. Depois de apresentar de onde surgiu o problema de pesquisa, assim como os desejos e inquietações do pesquisador que moveram este trabalho. Partiremos agora à apresentação dos autores que fomentaram este estudo e a estruturação dos capítulos.

Para elucidar tais questões, o primeiro capítulo apresentará algumas definições conceituais a respeito do conceito de Juventude. Foi construído um estado da arte como referencial de pesquisa, utilizando os descritores “Juventude”, “História da juventude”. A pesquisa foi realizada no Banco de dados da Scielo, CAPES, Pepsic, na Biblioteca Digital Ação Educativa, que é um repositório temático especializado em Direitos Educativos e de Juventude e na Biblioteca digital de juventude da Secretaria Nacional de Juventude. Os autores utilizados como fonte para esta pesquisa, basearam-se em estudiosos clássicos, tais como: Freud (1912; 1913; 1921; 1922; 1923; 1930), Foracchi (1965; 1972), Mannheim, (1967; 1968; 1982). Também realizamos um percurso pelas obras de: Aberastury, (2000), Abramo (1995), Groppo, (2000), Rosa (2002) e Savage (2009).

O segundo capítulo tratará das relações entre Juventude e Sociologia e Juventude e Psicanálise. O primeiro percorrerá a respeito da teoria sociológica de Karl Mannheim, acreditamos ser fundamental nos debruçar sobre os estudos desse autor que discutia os problemas da juventude na sociedade moderna e tentava entender a relação dos jovens com o conservadorismo e o progressismo. O segundo tópico apresenta algumas possibilidades de

articulação teóricas referentes aos estudos da Juventude na psicanálise, com base principalmente nos textos freudianos.

No terceiro capítulo, apresentaremos o percurso metodológico, embasado no método psicanalítico e apoiado também nas contribuições da pesquisa social realizada por Bourdieu (1998), que apresenta reflexões sobre método de pesquisa, a partir das implicações entre pesquisador e pesquisado nas entrevistas. Este trabalho foi desenvolvido através da pesquisa qualitativa, e como tipo de pesquisa o estudo de campo e utilizou a entrevista semiestruturada como método de coleta de dados.

Por fim, no quarto e último capítulo foram realizadas as análises das falas dos entrevistados a partir dos textos psicanalíticos e sociológicos sobre juventude anteriormente trabalhados, a fim de produzir uma articulação entre as perspectivas psicanalítica e sociológica na compreensão do fenômeno estudado, fornecendo uma leitura que contribua com as pesquisas na área. Concluímos assim com as considerações finais.

Percebemos que esta pesquisa inicia com um mal-estar, porém, a todo momento ela também falava de sentimentos de resistências e principalmente de afetos. Diante de tal percepção não poderia deixar de olhar para esse fato com atenção, pois, nos parece que os afetos apresentam diversos caminhos para pensar esse sujeito.

## **1. JUVENTUDE**

### **1.1 JUVENTUDE E SOCIOLOGIA**

Os estudos sobre a Juventude despertam o interesse de variadas disciplinas como a Sociologia, a Psicologia e a História. Este conceito transita entre o biológico e o psicológico, suscitando o debate nas diferentes áreas de conhecimento que definem essa categoria social. Para Sodré e Silva (2011) a definição de juventude envolve diversos aspectos e significados que estão relacionados com o contexto histórico, social, cultural e econômico.

A Juventude tem sido tratada pelos campos de estudos como uma fase de transição entre a adolescência para vida adulta e inserção na sociedade. Essa ideia é sustentada, por exemplo, por Abramo (2005), afirmando que para a sociedade moderna essa é uma fase de

preparação para um exercício futuro de cidadania, na vida adulta. O conceito de juventude apoderou-se de diversos significados e representações, servindo tanto para identificar um estado de ânimo, como para classificar o que é novo e atual, chegando até a ser considerado como um valor em si mesmo:

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (ABRAMO, 1997, p. 1).

Esse é um momento determinante na vida do indivíduo no qual ele se prepara para se constituir como sujeito social, livre, que se integra ao social e passa a desempenhar funções em que ele foi se tornando capaz, através da interiorização dos valores, normas e comportamentos estabelecidos, ... “é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo conseqüências para ele próprio e para a manutenção da coesão social”(ABRAMO, 1997, p. 29).

Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas adquiriram diferentes definições e delimitações (BOURDIEU, 2000). Sofreram muitas divisões e subdivisões, foram criadas, recriadas e suprimidas de acordo com as mudanças sociais e culturais e têm sido alvo de discussões entre os campos de conhecimento. Dentre as pesquisas realizadas o termo “Juventude” não é o único encontrado para designar a transição da vida infantil para a vida adulta. Dois outros termos surgem com contundência sendo eles: puberdade e adolescência.

Construir essa delimitação conceitual é necessária e decisiva para guiar processos diferentes de trabalhos e pesquisas. Porém, assumimos a complexidade de realizar essa empreitada que não se apresenta somente neste trabalho. Esse é um grande desafio apresentado para as pesquisas até hoje. Com isso, pedimos licença ao leitor para utilizar ao longo deste trabalho os termos - Juventude e /ou adolescência, a depender da posição do autor.

Os estudos sobre a puberdade estão atrelados aos da adolescência e não podem ser estudados isoladamente. É visto principalmente pelas ciências médicas, correspondendo às modificações físicas e biológicas dos indivíduos, iniciado por volta dos 9 a 10 anos, provocando as primeiras transformações corporais do indivíduo que era até então criança e está se tornando adulto (OSÓRIO, 1989).

O conceito de adolescência está relacionado as transformações biopsicossociais. Algumas áreas da psicologia vêm tradicionalmente estudando o conceito de adolescência. Entre diversas outras concepções, uma delas, considera a adolescência uma fase de transformações corporais advindas da puberdade, e considera as significações sociais que tais transformações provocam e que incidem em um determinado modo de ser do indivíduo (Abramovay, 2004). Ou seja, adolescência é uma fase de preparação psicossocial para chegar à idade adulta e a sociedade, esta é a fase que define a identidade e individualidade (GROPPO, 2000).

Ao tentar delimitar o campo de pesquisa da adolescência e juventude, autores como Rassial (1997) apresentam que há, principalmente pelo menos, uma distinção recorrente entre estes dois termos. Embora ambas indiquem a passagem da infância ao mundo adulto, a juventude é frequentemente compreendida como uma etapa posterior à adolescência.

Para Rassial a adolescência pode ser pensada como um conceito psicanalítico. Sua hipótese é de que “a questão epistemológica no fundamento de toda pesquisa psicanalítica sobre a adolescência consiste no valor do conceito de adolescência, de sua validade na teoria psicanalítica, uma vez constatado por cada um que como noção ela já é de algum uso para o clínico e o praticante” (RASSIAL, 1997, p. 187). Para este autor o que falta para embasar os estudos sobre a adolescência são elementos teóricos para se pensar psicanaliticamente, pois, este conceito já teria consistência em outros campos teóricos, como na fisiologia, sociologia, e até mesmo na psicologia, que a compreende como um período de adaptação e de realização do eu.

De acordo com Groppo (2000) há duas possibilidades para a pesquisa e definição do termo juventude. A primeira é pensá-la a partir da perspectiva da adolescência e puberdade como já vimos anteriormente. A segunda é o estudo da Juventude pelo recorte das ciências sociais, principalmente da Sociologia. A categoria juventude para a Sociologia é uma construção social, histórica, política, cultural, territorial, econômica e que suas definições

dependem do determinado contexto histórico (LEON, 2005), é através dessa perspectiva que este trabalho será guiado, embora, algumas vezes, se venha a fazer uso do termo adolescência.

A sociologia tem interesse especial na categoria de Juventude, com a concepção a partir de sujeitos particulares, o interesse se concentra nas relações sociais possíveis de estabelecer-se entre os mesmos e as formações sociais, na identificação de vínculos ou rupturas entre eles (BAJOIT, 2007). A juventude possui uma função social de “maturação”. Seria uma tarefa de socialização do infante ou do jovem para se tornar um adulto, para que possa integrar a sociedade moderna. Com isso, justificam-se a partir da necessidade da intervenção da modernidade na vida da criança e do jovem, com o intuito de conter as energias de transformação para fins de interesse da sociedade. (NETO, 2015)

O recorte de faixa etária ainda é convencionalmente usado nos estudos da Juventude. Para Bourdieu (1983), a divisão etária é, antes de tudo, um ato e uma divisão de poder, e antes disso um dispositivo político através dos quais se produz e se conduz subjetividades. O fator idade definido pela questão biológica pode ser facilmente manipulado pela questão social. Sendo assim, um adulto dentro de sua faixa etária biologicamente determinada, pode ser transferido para a categoria de jovem, segundo as avaliações e condições sociológicas incidentes (BOURDIEU, 1983).

A divisão etária se constitui, em contextos específicos, como uma estratégia para o exercício do poder e não sua funcionalidade para a sociedade, complementa que “as fases de vida, como infância, adolescência, juventude, velhice, não representam unidades estanques ligadas ao fenômeno biológico do envelhecimento, trazidas à consciência pela razão e pelos métodos da ciência moderna” (NETO, 2015, p. 11).

É importante salientar que, mesmo incluindo sujeitos de uma mesma faixa etária, a juventude possui características diferenciadas entre si e de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude “s” no plural (PÓLIS, 2005), o que possibilita dar conta da diversidade dessa fase de transição à maturidade ou de socialização secundária denominada “juventude”.

Essa concepção traz à tona a existência dos grupos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes de diferentes configurações sócio-culturais, classes sociais, etnias, religiões, gêneros; surgem subcategorias de indivíduos jovens com características, símbolos, comportamentos, e sentimentos singulares. Cada juventude poderia viver da sua forma e

interpretar o que é ser jovem, diversificando e se diferenciando até mesmo das outras juventudes (GROPPO, 2000).

O emprego da expressão “juventudes” representa o reconhecimento da necessidade de se tratar de jovens considerando que eles possuem identidades diferentes e experiências singulares. Não se deve entender essa categoria de forma generalizante, pois, os jovens se distinguem e se identificam em suas muitas dimensões, tais como de gênero, classe, local de moradia, cotidiano e projetos de futuro. (PÒLIS, 2005).

Questionar o caráter universal da juventude é reconhecer a sua historicidade. Ela, assim como todos os outros segmentos populacionais, vem sendo delineada e contornada ao longo da história (Novaes, 2007). Parte-se então de uma perspectiva de conceituação sócio-histórica da juventude, em que cada época e sociedade aprovam sua concepção própria e lhe atribuem papéis particulares (Fraga e Iulianelli, 2003).

Pensar na ideia de transição implícita no conceito de juventude, é seguir um percurso no qual inicialmente, foi necessário para refletir acerca dos elementos estabelecidos o período da adolescência para nos definir da ideia de juventude. Partindo da definição consensual de que juventude é construída histórica e culturalmente, pode-se arriscar dizer que ser jovem, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência inédita. Se a história não se repete e os processos culturais sofrem suas devidas e necessárias alterações, também a experiência de juventude não pode ser a mesma ao longo dos anos, por isso, merece atenção e cuidados especiais no que tange à reflexão e à criação de novos conceitos de identidade.

### **1.1.1 A JUVENTUDE NA TEORIA DE KARL MANNHEIM**

Ao longo das pesquisas, em busca da conceitualização do termo Juventude, dentro do campo da Sociologia, nos deparamos com o fato, que o autor Karl Mannheim é referência eminente para pesquisadores como: Foracchi, (1965 e 1972), Aberastury, (2000), Abramo (1995), Groppo, (2000). Com isso, acreditamos ser fundamental nos debruçar sobre os estudos desse autor que discutia os problemas da juventude na sociedade moderna.

Algumas dificuldades foram constatadas durante as pesquisas sobre Karl Mannheim, a primeira delas foi encontrar os livros de Mannheim traduzidos para a língua portuguesa,

contamos somente com duas traduções e ambas traduzidas a partir das publicações inglesas, em que se mostram além de reduzidas, com problemas de tradução. A outra opção foi a leitura da versão na tradução Espanhola, porém, também não há disponível na versão completa. Diante disso optamos por utilizar um fragmento do artigo de Wivian WELLER (2005), para auxiliar na compreensão da primeira parte do texto “O problema das Gerações” (1927) que foi a parte que não tivemos acesso à leitura.

Karl Mannheim nasceu em 1893 na Hungria, filho de mãe judia-alemã e pai judeu-húngaro. Em 1912, iniciou seus estudos em Filosofia, Literatura e Pedagogia na Universidade de Budapeste. Em 1915, se associa ao grupo de estudos que reunia intelectuais do campo da Literatura, História e Filosofia, coordenado pelo intelectual Georg Lukács. O grupo estava interessado nos temas relativos à ética, à cultura e à filosofia, assim como na análise crítica da modernidade (WELLER, 2005).

Mannheim se interessou pelo tema da juventude a partir do surgimento de grupos de jovens filiados aos movimentos nazifascistas, o que o deixava preocupado com o destino da sociedade democrática. Abordaremos dois textos em que Mannheim desenvolve suas ideias sobre a juventude: “O problema sociológico das gerações”, (1927), e “O problema da juventude na sociedade moderna” (1961).

### **1.1.2 O PROBLEMA SOCIOLÓGICO DAS GERAÇÕES**

O trabalho que será abordado é seu estudo sobre “O problema Sociológico das gerações”, publicado em (1927/1982), no qual Mannheim desenvolveu o conceito sociológico de geração e cujos argumentos baseiam-se na importância da geração para a compreensão de movimentos sociais e intelectuais.

Mannheim, preocupado com as gerações aponta que o tema foi abordado por duas vertentes principais: a vertente positivista predominante no pensamento Francês, e o pensamento histórico-romântico Alemão, ao qual Mannheim não deixa dúvida sobre sua aproximação. O autor construiu uma crítica à visão positivista que pensava o tema da Juventude por uma linha *quantitativa*. Segundo Mannheim “os positivistas optaram por analisar “o problema do “ser-humano” a partir da captação de dados quantitativos, enquanto que na corrente histórico-romântica se priorizava a abordagem *qualitativa*. Nessa corrente há

uma recusa em se fazer contas matemáticas, prioriza-se interiorizar o problema. Mannheim crítica os positivistas alegando que para eles:

La meta es comprender el cambio formal de las corrientes espirituales y sociales inmediatamente a partir de la esfera biológica; aprehender la configuración del progreso del género humano partiendo del sustrato vital ... la historia del espíritu aparece en esa visión como se únicamente se hubieran estudiado las tablas cronológicas. Después de esas simplificaciones parece como si la dificultad del problema tan sólo estriba en calcular el período medio de tiempo que tarda en ser sustituida la generación anterior por la nueva en la vida pública y, principalmente, en encontrar el punto de comienzo natural donde se procede a hacer, en el decurso histórico, un oportuno corte, para poder empezar a contar. La duración de las generaciones se determina de forma diversa según los casos. Algunos fijan la duración del efecto de la generación en quince años (p. ej., *Dromel*), pero la mayoría de los autores sostiene que dura treinta, fundamentándolo en la siguiente consideración: los treinta primeros son años de formación; solo al alcanzar esa edad empieza el individuo medio a ser creativo, y cuando llega a los sesenta, el hombre deja la vida pública (MANNHEIM 1993, p. 195 apud WIWIAN WELLER, 2009, p. 4).

A teoria de Karl Mannheim implica, em primeiro lugar, que as gerações têm uma sucessão biológica e a relação entre o jovem e a sociedade é caracterizada por um contato “fresco” ou “*fresh contact*”. Isso não garante mudança social, mas serve como um meio para tal. Cada nova geração interpreta a realidade sem o estorvo do passado e conseqüentemente isto lhe possibilita uma nova visão da ordem existente e a possibilidade de transformá-la. É possível imaginar que quando uma pessoa muda de casa ou de trabalho, ele terá também um contato fresco e pode enxergar soluções diferentes a problemas ou situações antigas com mais facilidade. A nova geração, no entanto, tem esta visão ainda mais clara. Em segundo lugar, é característica de geração a consciência e a participação de um contexto sócio-histórico similar. É importante notar que a geração não pode ser reduzida à idade biológica.

Para compreendermos o fenômeno das gerações é necessário esclarecer as relações dos indivíduos que se constituem em uma única unidade de geração. A unidade de uma geração não consiste em um vínculo social do tipo que leva a formação de um grupo concreto, está mais relacionada com uma consciência de pertencer a uma geração, (embora em alguns casos eles possam formar grupos concretos), eles são: organizações com objetivos específicos como a família, seita, tribo. Um grupo concreto é a “união de um número de indivíduos através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados. Embora os

membros de uma geração estejam indubitavelmente vinculados de certos modos, esses vínculos não resultam em um grupo concreto”. (MANNHEIM, 1982, p.70)

É importante estabelecer uma distinção entre gerações e grupos sociais concreto, pois, as gerações não são um grupo concreto, mesmo que dentro das gerações possam haver tais grupos. Mannheim tenta explicar a ideia de gerações fazendo uma aproximação através da ideia de “situação (posição) social”, para ele existe uma situação comum entre vários indivíduos dentro de uma estrutura social, que cabe tanto a questão das classes quanto a das gerações, está mais relacionada com a posição que ela se encontra e que ao é uma escolha estar ou fazer parte.

A situação da geração é baseada através da existência de um ritmo biológico na vida humana como os fatores: vida e morte, o envelhecimento, o período limitado de vida. Os indivíduos pertencentes de uma mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social (MANNHEIM, 1982, p.71).

A unidade de geração é constituída essencialmente através da similaridade de vários indivíduos dentro de um todo social. Essa similaridade de situação somente pode ser definida através da especificação da estrutura na qual, e através da qual, os grupos situados surgem na realidade histórico-social. Com isso, por mais que as formulações sobre as gerações estejam baseadas no ritmo biológico, os fenômenos sociológicos não podem ser compreendidos através de fatores biológicos básicos, isso não significa que seu entendimento é reduzido neste aspecto. Daí nasce o problema sociológico das gerações, no ponto que se descobre a importância sociológica dos fatores biológicos, pois, antes de tudo é necessário entender as gerações como um tipo particular de situação social (MANNHEIM, 1982).

O fenômeno social da geração é um tipo “particular de identidade de situação”, que abrange “grupos etários” relacionados, impresso em um processo histórico-social. Para Mannheim (1927/ 1982) a situação etária está determinada pelos modos como certos padrões de experiências e pensamentos tendem a ser trazidos à experiência pelos dados naturais de transição de uma geração para outra.

Para o autor, o fato das pessoas nascerem ao mesmo tempo, ou de que sua juventude, maturidade e velhice coincidem, não envolve por si mesmo uma similaridade de situação. O que importa de fato, é a situação comum entre elas, é elas estarem, por exemplo, em uma mesma posição para sentirem experiências comuns nos mesmos acontecimentos e dados. Uma

contemporaneidade cronológica não pode por si só produzir uma situação de geração comum. A mera contemporaneidade torna-se significativa sociologicamente apenas quando envolve também a participação nas mesmas circunstâncias históricas e sociais. A exemplo disso podemos citar alguns grupos etários mais velhos que experienciam certos processos históricos sociais, juntamente com a geração jovem, e, no entanto, não podemos dizer que tenham a mesma situação de geração (MANNHEIM, 1927/1982).

Quando o autor aponta que tanto uma juventude conservadora quanto liberal pode pertencer à mesma geração, elas apenas constituem “duas formas polares da reação intelectual e social a um estímulo histórico experienciado por todos em comum” (1927/ 1982, p.87). Desta forma, Mannheim ajuda a elucidar o susto que foi o motor para desenvolver esta pesquisa em relação à juventude conservadora:

pode-se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de gerações separadas (MANNHEIM, 1982, p.87).

Assim para ele a juventude conservadora e a progressista apesar de pertencerem a uma mesma geração, formam dentro delas “unidades de gerações”, distintas, ou seja, a unidade de geração representa um vínculo muito mais concreto que a geração. Com isso, percebemos que a geração contemporânea, são unidades de gerações distintas dentro de uma mesma geração, o que de alguma forma, gera um certo impacto, pois, talvez há 10 anos não, tenhamos visto unidades de gerações tão distintas dentro da mesma geração como estamos percebendo agora. Além de formações de grupos concretos que incidiram em unidade de gerações, como os movimentos de juventude conservadora que conseguiram uma forte articulação ao qual percebemos nas pesquisas apresentadas no primeiro capítulo. Apesar da diferença sócio-histórica identificamos muitas semelhanças com as formações das juventudes contemporânea e a juventude analisada por Mannheim.

O conceito de Mannheim parece servir para explicar as fontes de movimentos juvenis e a sua importância para transformações sociais. A teoria de Mannheim, de fato, procura explicar o papel de um *stratum* etário como força no processo de mudança social. Em outras palavras, pode se observar como uma geração de jovens num determinado tempo histórico aparece como força ativa na criação de novas ideologias e modos de comportamento. Em

suma, geração é um conceito adequado para pesquisar as forças sociais baseadas em idade no processo de transformação social.

### **1.1.3 O PROBLEMA DA JUVENTUDE NA SOCIEDADE MODERNA**

No texto “*O problema da juventude na sociedade moderna*” (1941) foi um discurso de abertura do Congresso de Bolsistas Educação Nova, realizado em Oxford, em que Mannheim tentava apresentar a Juventude de como uma tarefa de reconstruir a sociedade democrática. Mannheim enxerga a educação escolar assumindo um protagonismo cada vez maior na ordem social moderna. Este trabalho foi publicado no livro *Diagnóstico do nosso tempo* (1967), Mannheim discute o significado da juventude na sociedade e o papel que a mesma desenvolve ou deveria desenvolver. Destaca a importância de compreendermos a juventude considerando o contexto histórico, político e social no qual ela está inserida e de percebermos a relação entre juventude e sociedade.

Mannheim (1941/1982) propõe no início do seu ensaio a seguinte indagação “O que podemos esperar da juventude?”. O sociólogo está interessado em entender a ‘natureza concreta’ da sociedade à qual a juventude pertence e como esta contribui socialmente. Para pensar tais questões, precisamos entender como Mannheim define a juventude. Para o autor, a juventude é uma categoria social, ao mesmo tempo, que uma representação sociocultural e uma situação social. Isso significa dizer que a juventude é uma “concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (MANNHEIM, 1941/1982, p. 76).

O problema sociológico que está sendo discutido por Mannheim se refere ao fato de que, apesar de sempre surgirem novas gerações em função dos grupos de idade menor, “depende da natureza de uma dada sociedade fazer ou não uso delas, e depende da estrutura sociológica dessa mesma sociedade o modo pelo qual elas a utiliza” (MANNHEIM, 1941/1967, p. 71). Afirma que a juventude só adquirirá significação social se os indivíduos jovens forem integrados a alguma função social. Segundo este autor, aos jovens pertencem os recursos latentes que toda sociedade possui e cuja mobilização, realizada por esses indivíduos, é necessária para manter a vitalidade social (MANNHEIM, 1941/1967).

Mannheim (1941/1967) aborda os tipos de sociedades nas quais os jovens estão inseridos e aponta que é fácil identificar quais são as sociedades onde o prestígio pertence aos velhos e nas quais as forças revitalizantes da juventude não se integram ao movimento social permanecendo apenas como uma reserva latente. Essas são as sociedades estáticas, que se desenvolvem lentamente e cujas taxas de mudança e transformação são relativamente baixas, pois, confiam sobretudo nas experiências dos velhos, que relutam em encorajar as novas potencialidades latentes dos jovens. Esse tipo de sociedade, segundo Mannheim, não tem vontade de romper com as tradições, logo permanece com a educação centrada na transferência das tradições e seus métodos de ensino serão sempre cópias e repetições, enquanto isso, as reservas vitais da juventude são negligenciadas.

Diferentes das sociedades estáticas ou lentas, as sociedades dinâmicas desejam dar uma nova saída para a expressão social e política, convocando e confiando na cooperação da juventude. Estas sociedades organizam seus recursos vitais em direção ao desenvolvimento social. “A geração mais velha e intermediária, talvez possam prever a natureza das futuras mudanças, e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas diretrizes” (MANNHEIM, 1941/1967, p. 72). Porém, para Mannheim, somente através da vontade da juventude é possível ter uma saída tanto para a reforma quanto para a revolução. Com isso, para este autor a função da juventude é a de “agente revitalizante”; é uma espécie de reserva que só se põe em evidência quando essa revitalização for necessária para o ajustamento a circunstâncias em rápida mudança ou completamente novas (MANNHEIM, 1941/1967).

Em uma passagem do seu texto, Mannheim (1941/1967) conta que quando era jovem, acreditava que a juventude era progressista por natureza, e sua crença estava relacionada ao fato da juventude ter um espírito aventureiro. Desde então isso revelou-se falso, pois, aprendemos que movimentos reacionários ou conservadores também podem formar organizações juvenis. A juventude não é conservadora nem progressista, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade (MANNHEIM, 1941/1968, p.40).

Para Mannheim (1941/1967), a perplexidade que o jovem sente quando se depara com a sociedade é uma reação natural do espírito inexperiente do jovem que percebe o caos social. Portanto, para este autor, a juventude é parte importante das reservas latentes que se encontram presentes em toda sociedade, porém, cabe à estrutura social a sua mobilização para

alguma função, constituindo este o principal aspecto que tornará o jovem o elemento mais importante da mudança social.

Nas discussões sobre as gerações, Mannheim (1941/1982) apresenta os jovens como grupo estratégico não apenas para a reprodução das relações sociais, mas também para a sua transformação. O potencial transformador da juventude, para ser exercido em toda sua força, necessita que ela se constitua uma geração com alto nível de identidade e capacidade de organização. Isso só ocorre quando a juventude se encontra ciente de si mesma e avançando na direção da construção de grupos concretos (MANNHEIM, 1941/1982).

A diferença apresentada por Mannheim (1941/1982) entre gerações se deve ao ritmo vertiginoso das transformações sociais na modernidade. Na sociedade moderna, as experiências sociais de uma geração são extremamente diferentes daquelas vividas pela geração anterior. Para ele a juventude é paradoxal, constitui uma ameaça que é impossível de neutralizar e que deve ser conquistada. A juventude que o pensador húngaro descreve possui então uma “força potencial de transformação da sociedade”, mas que pode também se transformar em uma força de conservação.

O que há de comum entre os conceitos de gerações e de juventude, é a possibilidade de se conceber representações e relações sociais derivadas de outras relações e representações sociais. A unidade de geração pode ser definida a partir da existência de um repertório comum de experiências sociais entre os indivíduos que estão localizados nas mesmas faixas etárias, principalmente aquelas próximas à fase de transição para a maturidade, como a juventude. Na juventude ocorre pela primeira vez a absorção consciente das experiências sociais, e é neste momento que eles passam a ter uma experiência pessoal com a vida (MANNHEIM, 1941/1967).

Os avanços na conceituação de juventude e de gerações partem da preocupação com os rumos da sociedade democrática em meio aos jovens envolvidos com as organizações nazifascistas na Segunda Guerra Mundial. Não obstante, os avanços promovidos pelos trabalhos Mannheim (1941/1967/1982), segue-se com a tarefa árdua de desmistificar o fundamento “natural” que está atrelado à juventude, “demonstrando que a faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade, é uma criação sociocultural própria, marcante e fundamental nos processos de modernização e da configuração das sociedades contemporâneas” (GROPPO, 2000). Com essa afirmação, é necessário marcar que este

fundamento naturalista, que atrelava a juventude sempre ao progressismo, esteve marcada na concepção e no ideal do pesquisador, se desvencilhar desse ideal foi realmente uma tarefa árdua. Foi necessário perceber as próprias implicações neste problema de pesquisa, para podermos pensar e escutar as juventudes de outras formas fora do campo idealizado.

Diante do que foi abordado por Mannheim nestes dois textos apresentados, verificamos alguns pontos de aproximação tanto em relação aos problemas da juventude abordados por Mannheim mas também do percurso que o autor seguiu. Parece-nos que estamos refazendo os percursos de Mannheim no sentido de compreender essa juventude, de passar pela idealização de uma juventude progressista, e entender os resquícios positivistas que estão envoltos deste fundamento naturalista. Mannheim passa a se interessar pelas gerações, preocupado com o destino da sociedade democrática, no período em que a juventude se envolvia com as organizações nazifascistas da Segunda Guerra mundial.

O Mannheim (1941/1968) caracteriza o mundo ocidental como um modo em que as transformações abruptas promovidas pela racionalidade técnica, que romperam com as formas de vida comunitária e tradicionais, jogaram os indivíduos na solidão, à mercê por vezes de movimentos totalitários que prometem algum sentido e segurança à “multidão solitária”. Isto explica o sucesso e o avanço do totalitarismo, como o nazismo na Europa. Para o autor também explica o fracasso das sociedades que desejam manter o “liberalismo” como forma de organização social e econômica.

A saída para seria constituir uma “terceira via” para preservar o que restava de liberdade e democracia, o “planejamento democrático”. Nem o mundo econômico à mercê do livre mercado, nem a tolerância liberal omissa diante dos inimigos da liberdade, nem a democracia meramente representativa. Na conferência relativa à juventude, Mannheim destacou a necessidade de uma democracia militante na Inglaterra, para a qual a juventude deveria se tornar a sua “força desbravadora” (1941/ 1968, p. 87).

Mannheim entende que o trabalho de socialização das novas gerações consiste em produzir solidariedade social, já que a finalidade é a integração desses grupos na sociedade, é construir uma sociedade melhor para do que a da geração anterior. O fator especial, que torna os jovens o mais importante trunfo para a nova orientação social, é que eles não tomam a ordem estabelecida como indiscutível e não têm interesses comprometidos, seja com sua

ordem econômica, seja com sua ordem espiritual. Finalmente, as sociedades tradicionalistas, estáticas ou lentamente mutáveis, operam sem a mobilização e integração desses recursos. Elas serão, mesmo, hábeis na supressão dessas potencialidades, enquanto que uma sociedade dinâmica terá, mais cedo ou mais tarde, de despertar esses recursos latentes e inclusive, em muitos casos, organizá-los. A tarefa da Juventude será em experimentar novas formas de autoridade, deve se encontrar outra saída que não seja os extremos. A educação, portanto, é uma importante técnica pela qual a sociedade deve realizar o desafio de manter a coesão da sociedade (MANNHEIM, 1941/1954, p. 97).

## **2. JUVENTUDE E PSICANÁLISE**

### **2.1 UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DOS PROBLEMAS DAS GERAÇÕES E DA JUVENTUDE**

“Eu vejo o futuro repetir o passado”

(Cazuza)

Nas referências psicanalíticas, pouco se encontra a respeito do conceito de “juventude”. Há, no entanto, conceitos psicanalíticos próximos, que podemos articular as ideias de Karl Mannheim, e que ajudam a elaborar mais nosso problema de pesquisa. Há uma extensa bibliografia, por exemplo, sobre “adolescência” ou “puberdade” como em Freud com as fases de desenvolvimento psicosssexual (1905), mas também em: Khel, (2004 e 2008), (DANTAS, 2002) Rassial (1997), Dolto (1990). Porém, aqui corremos o risco de cair numa definição biológica demais, quantitativa demais, marcada pela ideia de faixa etária, muito próxima do que Mannheim criticava nos positivistas.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016), Freud entende a puberdade a partir de uma perspectiva mais desenvolvimentista e como a última etapa da sexualidade, na qual se dá a descoberta e a escolha do objeto, que é sempre marcada pela barreira contra o incesto, ou seja, a proibição de tomar a mãe como objeto sexual. Aqui, Freud entende que essa barreira é fundamental para o avanço cultural, pois, é ela que coloca em questão a autoridade dos pais, criando um conflito entre filhos e pais, ou seja, entre uma geração e outra. Seria esse conflito que promoveria o avanço da cultura. O tema da barreira contra o incesto é retomado anos depois, em *Totem e Tabu* (1913/2006), quando Freud

apresenta o mito do assassinato do pai da horda como cena inicial da civilização. Mas, agora essa barreira não representa mais um fator de progresso, mas de repetição dessa cena inicial.

Outro ponto no qual vemos Freud falar das relações entre duas gerações é em *Introdução ao Narcisismo* (1914/2006), quando desenvolve a ideia de que o amor dos pais pelos filhos é a reedição do seu próprio narcisismo perdido, que implica em realizá-los.

Propomos então a leitura desses três pontos para uma abordagem psicanalítica dos problemas das gerações e da juventude, que contribua para o nosso problema de pesquisa.

### **2.1.1 A BARREIRA CONTRA O INCESTO**

No texto os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/2006), especificamente na parte “*A Barreira contra o Incesto*” tentaremos apresentar o que Freud discute sobre o conflito de gerações e a necessidade de rompimento com os laços familiares na puberdade para o possível avanço cultural.

Nesta parte do ensaio Freud inicia apresentando como o carinho dos pais pode cumprir a tarefa de orientar os filhos, na maturidade, em sua escolha do objeto sexual, afirmando que esse caminho seria mais curto para o filho se ele pudesse escolher como objeto sexual, as pessoas que ele ama desde a infância, porém, esse impedimento é realizado pela construção da barreira do incesto.

Freud afirma que devido à barreira contra o incesto, que durante a puberdade o adolescente consegue desviar as escolhas objetais para outras pessoas que a eles se assemelham, pois, na infância essas escolhas eram direcionadas para os pais e para os que cuidam dela. O respeito a essa barreira é, acima de tudo, uma exigência cultural da sociedade, pois, se trata de uma proteção de uma defesa contra a devastação, da família, dos interesses que a ela são necessários, para que se possam produzir unidades sociais superiores. Sem a interdição dessa barreira o jovem permaneceria com os laços fixos no seio familiar, não conquistam novas tarefas e funções na sociedade, e dessa forma não haveria o progresso das gerações que até então Freud acreditava que existia.

Freud traz que a necessidade do jovem afrouxar os laços com a família, é uma realização psíquica que marca a puberdade, e que o desligamento da autoridade dos pais é

uma das tarefas para o alcance de uma sexualidade adulta. Afirma tal ato não depende apenas do adolescente, mas também do conflito entre as gerações. O desligamento das figuras parentais é um momento significativo e doloroso para os jovens, no entanto, a superação deste processo permitida pela barreira do incesto, resulta no seu desenvolvimento, e que a escolha objetual possa ser investida em um novo objeto sexual. Possibilitando o desenvolvimento do progresso e dessa nova geração. Para Freud o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as sucessivas gerações, que é fundamental para o avanço da cultura.

Freud (1905/2016) articula que é neste momento que são abertos novos caminhos para o entendimento e o investimento do jovem para o que está ao seu redor, ao passo que este rompe com os laços familiares, o grande salto que deverá ser dado por ele reside na mudança dos amores incestuosos para outros fora do âmbito familiar e na conquista de um lugar na sociedade. Os caminhos que os adolescentes tomam, sejam através do esporte, da arte, de uma atividade que lhe dê profissão, são novas possibilidades que são permitidos após a barreira do incesto, pois, não são mais dirigidos à família, mas sim para o laço social. São esses novos investimentos que darão ao jovem um lugar na sociedade e poder enfim assumir uma função no âmbito social.

A adolescência marca o momento em que se deixa para trás a criança que fora idealizada pelos pais, é quando se passa a investir e reinvestir e de busca da identidade sexual, marcada também por ser um período de crise, pois, o adolescente sente-se ameaçado pela possibilidade de realização do incesto e das exigências de renúncia da vida em sociedade. O entendimento sobre a barreira contra o incesto auxilia Freud a pensar no surgimento da cultura, assim como o surgimento do núcleo familiar, para que a criança pudesse entender o seu lugar dentro da família frente aos seus pais e irmãos, ajudando-o a se diferenciar das outras gerações e se reconhecer como uma.

Assim, a ideia de Freud neste texto é que a barreira contra o incesto permite ao jovem uma entrada no social para investir em outros objetos que não os familiares, para que através do conflito geracional, e conseqüentemente do rompimento dos laços familiares, pudessem desenvolver o avanço cultural e a formação de unidades sociais mais elevadas.

Percebemos alguns pontos de aproximação entre as ideias de Freud (1905) e Mannheim (1968), ambos até uma parte da vida acreditavam que o conflito de gerações era necessário para o desenvolvimento cultural e que é através dos jovens que o avanço da cultura

poderia acontecer. Para ambos o progresso depende dessa nova geração que deverá seguir a exigência cultural e vir a conquistar uma função na sociedade.

### **2.1.2 TOTEM E TABU**

Os textos políticos de Freud permitem inscrever a constituição psíquica do sujeito em seu fundamento social, explicitando a inexorável articulação entre ambos. Em diversas obras, Freud discute as restrições sobre a satisfação pulsional que a civilização impõe aos indivíduos. Ou seja, ao entrar no mundo social, os indivíduos precisam abdicar de uma parcela de sua satisfação para cumprir as obrigações socialmente impostas pela sociedade reguladora, seja pela moral ou pela política, impedindo esses indivíduos de buscar o prazer imediato. Freud ao longo das suas obras, levanta a questão do líder sob diferentes perspectivas, como o pai da horda e como um substituto do pai.

Totem e tabu (1913/2006) foi a primeira obra de destaque publicada por Freud no que concerne aos textos classificados como sociais. Este texto é marcante na sua produção teórica e provocou grande repercussão na época de sua publicação. Neste ensaio, o pai da horda é descrito por Freud como uma figura tirana, como detentor de todo poder diante da horda, e somente para ele os prazeres e o gozo eram permitidos. Os demais membros insatisfeitos se rebelaram contra a tirania do pai, identificaram-se como irmãos e com o sentimento de ódio em relação ao pai, assassinaram-no e o devoraram em um banquete totêmico, acreditando que dessa forma os atributos do pai seriam incorporados.

Freud (1912-1913/2006) segue um caminho na “tentativa de aplicar perspectivas e resultados da psicanálise a problemas ainda não solucionados da psicologia dos povos” (p.14) ao tratar do totemismo e o tabu presente nestas civilizações. Nas três primeiras partes deste ensaio Freud discorre sobre as origens do totemismo relatando suas principais características, o autor atribui grande relevância nas análises referentes ao horror ao incesto que se fazia possível nas relações entre os membros do totem. A existência do tabu, e das proibições são exigências para a convivência dentro do clã, que despertam nos membros identificações e sentimentos ambivalentes.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1912-13/2006) tenta fazer uma comparação entre os mecanismos que atuam nas neuroses e os que atuam entre os povos primitivos, e justifica que o estudo das neuroses é muito importante para o entendimento do processo de civilização. O nosso interesse neste texto é no capítulo quatro, “*O Retorno do totemismo na infância*” (1913/2006), que aborda as implicações apresentadas por Freud referentes aos problemas relativos ao desejo, à proibição e ao surgimento da consciência moral e das instituições sociais civilizadas, nas palavras do autor esse texto tem “sua importância para a compreensão do progresso da civilização” (FREUD, 1913/2006, p. 83).

De acordo com Freud, o tabu fundamental do sistema totêmico é a proibição de membros do mesmo clã casarem ou terem relações sexuais entre si, eis o misterioso efeito do totemismo: a exogamia. Freud traz em seu texto uma tentativa de elucidar o que está em torno do horror ao incesto e da existência da exogamia. Essa articulação é sustentada pela leitura de três autores: o primeiro é Charles Darwin em que ele apresenta a horda primal descrita no livro “*A descendência do homem e a seleção em relação ao sexo*” (1871) o segundo é James Jasper Atkinson em que aborda as observações relatadas em seu trabalho intitulado “*Primal Law*” (1903) em que o autor defende a tese de que a organização familiar possuía apenas um macho como líder e pai de todos os filhos e por último Robertson Smith ao qual concede o conceito de “*refeição totêmica*”.

Antes de passarmos para o mito, precisamos apresentar o que significa o totem e o tabu nesta obra. Para isso utilizaremos o fragmento de Freud para elucidar essa questão:

O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso ou temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum de todo o clã; ao mesmo tempo é seu guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos (FREUD, 1913/ 2006, p. 22).

O tabu é a representação de um sistema primitivo de lei significa tudo àquilo pessoa, lugar, coisa ou estado transitório que é proibido, intocável, inacessível ou acessível apenas para alguns membros da tribo. O totem para Freud é explicado através da citação de Wundt, que afirma que a compreensão sobre o tabu passa por “toda proibição (seja fundamentada no

uso ou no costume, seja em leis explicitamente formuladas) de tocar em um objeto ou dele fazer uso para finalidades próprias” (FREUD, 1913 /2006, p. 41).

A organização social proposta por Freud neste ensaio baseia-se na referência a Darwin, das suas observações com povos da horda primeva, neste mito ele retrata o único macho detinha do poder sobre sua horda, ao qual comandava e possuía acesso único a todas as fêmeas do seu grupo, a eles eram reservados as melhores terras e alimentos, e para os seus filhos apenas o que restasse, a partilha e organização do seu bando era guiado pelo seu interesse, sendo muitas vezes tirânico com seus próprios filhos.

As decisões sobre a organização deste grupo era de responsabilidade unicamente desse macho ciumento que determina que nenhum outro macho mais jovem tivesse relações com as fêmeas. Quando um desses filhos por fim resolvia lhe desafiar, a única alternativa socialmente aceita para romper este *status quo* era desafiar o macho mais forte para um duelo em que o vencedor ocuparia o lugar de líder da horda, por conseguinte, se beneficiaria dos privilégios referentes à sua posição agora ocupada. Cabendo a este decidir o destino do perdedor em ser morto ou ser expulso da horda. Por um longo tempo somente essa saída era visualizada pelos filhos. Dessa forma se constituiu a proibição do incesto nessa horda comandada por um macho mais velho e mais forte.

Um segundo tempo dessa trama é marcada pela revolta dos filhos diante do gozo pleno do pai tirânico, e uma nova saída é vislumbrada, a de unirem-se e assassinar o pai. A ambivalência dos sentimentos que estavam presentes nos filhos, pois, mesmo odiando aquele pai, ao mesmo tempo, era admirado e amado, por isso não somente um filho e sim todos deveriam cometer esse ato coletivamente, pois, o que individualmente não dava conta de se ser feito, coletivamente haveria de conseguir. Assim num ritual matam-se o pai, e rememorando o sacrifício do animal totêmico, em seguida comem sua carne como uma tradição no intuito de que ingerindo sua carne, os atributos e qualidades desse pai fossem absorvidos assim quando dividissem a carne dividiram também a culpa pelo assassinato, e acreditava que esta fosse expurgada e que honraram a morte do pai.

Porém, mesmo após a realização do ritual, nenhum dos filhos consegue assumir o lugar do pai, em todas as tentativas de ocuparem esse lugar, retornavam ao mesmo ponto de disputa, recaindo assim no mesmo lugar, e enfim chegam à conclusão “que todos tinham de renunciar à herança do pai” (FREUD, 1921/2011, p. 101). Os filhos culpados pelo assassinato

do pai descobrem que perderam o lugar de gozo livre que o pai desfrutava, e agora se encontram não mais como filhos revoltados, mas como uma nova organização fraternal que lhes permitiam reconhecer-se como irmãos, que unidos precisavam se libertar da culpa.

Assim a nova organização de interdições é construída através da culpa pelo assassinato do pai, a nova organização familiar é formada, a interdição do incesto e a exogamia permanecem como regras e proibições. O que era proibido pelo pai, enquanto existia, passou a ser interditado pelos filhos, a fim de que a vida na comunidade pudesse continuar. Segundo Freud (1912-13/2006, p. 174), “a sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa”.

Para Freud (1913/2006), assim fundam-se as religiões, como esforço para reduzir o sentimento de culpa, mesmo que se diferenciando de acordo com a etapa da civilização em que se originaram e com os métodos que escolhem. O autor presume que o advento do cristianismo surge como um método alternativo para atenuar a culpa sentida e o que Cristo que sacrificou a própria vida e redimir o pecado original do conjunto de irmãos, o que também se configura como uma repetição da cena inicial do mito.

É nesse contexto que Freud acredita que o ato fundador da cultura acontece, através da interdição do incesto que provoca a revolta dos filhos e assim organizam o assassinato do pai. Um dos aspectos mais relevantes para este trabalho está no seu aspecto de repetição. Diferente da sua posição nos “Três Ensaio”, no qual a barreira contra o incesto e a exigência de exogamia são fontes de progresso, aqui elas são apresentadas como fatores de retorno a uma cena primitiva de uma revolta fracassada que, no final, instaura aquilo que se queria derrubar.

Observou-se que é a partir da pressuposição da existência da ambivalência dos filhos em relação ao pai tirânico que Freud (1913-12/2006) teorizou sobre os modos pelos quais os estados mentais são transmitidos de uma geração para outra. A transmissão é tratada por Freud nesse texto através da culpa e do ideal, onde relata que somos todos os herdeiros do crime do assassinato contra o pai, que este fato está marcado em toda humanidade. O pai morto se transformou em totem, enquanto o sentimento de culpa será transmitida para as

gerações posteriores, funcionando como interdição. No final do texto Freud traz algumas reflexões sobre o progresso das gerações:

A menos que os processos psíquicos sejam continuados de uma geração para outra, ou seja, se cada geração fosse obrigada a adquirir novamente sua atitude para com a vida, não existiria progresso neste campo e quase nenhuma evolução. Isso dá origem a duas outras questões: quanto podemos atribuir à continuidade psíquica na sequência das gerações? Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte? Não vou fingir acreditar que estes problemas estão suficientemente explicados ou que a comunicação direta e a tradição — as primeiras coisas que nos ocorrem — são suficientes para explicar o processo (FREUD, 1913-12/2006, p. 159).

Para concluir, Freud discute o problema das gerações postulando que “nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes” (FREUD, 1913-12/2006, p. 162). Desse modo, o que é transmitido de geração em geração não é somente o ideal, mas também a culpa, as proibições, através da autoridade, e essa transmissão passa pela via do inconsciente e que escapa até mesmo à repressão, tornando-se presente ainda que muitas vezes de maneira disfarçada. Podemos pensar com isso que a entrada do sujeito no mundo é antecipada por regras e leis que devem ser cumpridas para que se possa viver em sociedade.

Diante disso, vimos que a ideia do conflito geracional contado por Freud nos Três ensaios (1905) continua aqui em Totem e Tabu (1912-13), porém, neste texto Freud percebe que lidar com a barreira do incesto, com a autoridade do outro, ali está presente o caráter da repetição. Isto que acontece para cada pessoa e acontece também várias vezes na história da cultura, matar o “pai” faz com que ele volte sempre e cada vez mais forte e exigente. É novamente uma repetição, não temos aqui um passo pra frente, não há um progresso. Assim como em Freud, há um momento que Mannheim (1968) percebe que não há progresso, que havia nele resquício dos positivistas que acreditavam no fundamento naturalista de uma juventude progressista.

### **2.1.3. SUA MAJESTADE O BEBÊ**

Em *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914/2016) articula o conceito psicanalítico do narcisismo na esteira do desenvolvimento infantil e dos investimentos libidinais. Neste texto ele aponta a continuidade na vida psíquica entre gerações, reforçando as questões já

apresentadas acima no texto de *Totem e Tabu* (1913/2006), em que considera que o sentimento de culpa e a barreira do incesto se constituem como organizadores da cultura. O tema do narcisismo é um dos mais relevantes na obra de Freud e, para nós, sua importância se dá, sobretudo, por abordar as relações do bebê e a idealização dos seus pais. Daremos ênfase aqui a este conceito no que Freud nos diz a respeito da herança, como lugar e posição que ocupamos estando vinculados ao narcisismo de nossos pais.

Freud desenvolve o conceito de narcisismo tomando como referência as observações sobre a esquizofrenia, à vida mental das crianças e dos povos primitivos. Este estrutura-se mediante as relações que estabelece com aqueles que circulam em volta do bebê geralmente pelas figuras parentais que contribuem para a instauração da onipotência primária.

Freud nos mostra que antes mesmo do nascimento do bebê parece já haver um lugar, uma posição ocupada por ele, em que seria o herdeiro dos sonhos e dos desejos não realizados dos pais, cabendo a ele dar lugar e sentido a estas predisposições que o antecedem. Segundo Freud (1914/2006, p. 34), “a criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram”, acrescentando que “o amor dos pais, tão comovedor e, no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior”.

O narcisismo primário é uma herança do ideal narcísico dos pais. A criança viria a ocupar o lugar daquilo que ficou perdido na vida dos pais, cabendo a ela recuperar para eles todos os privilégios que estes foram obrigados a renunciar, e a realizar os sonhos e projetos nos quais eles fracassaram. Este lugar, no qual os pais costumam colocar o filho, Freud chamou de “Sua Majestade, o Bebê”.

O narcisismo primário é a marca do amor dos pais pelo filho. Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. A criança é fonte de um investimento e uma supervalorização sexual por parte dos pais, a idealização é tamanha que os defeitos dos filhos são totalmente amenizados ou apagados da percepção dos pais.

O ego ideal é desta forma, consequência de um discurso apaixonado dos pais, ao qual a criança segundo Freud é a herdeira dos sonhos e desejos não realizados dos pais, e é neste contexto que o narcisismo primário é revivenciado pelos olhos desejantes e fantasiosos dos

pais, assim, estes pais procuram reviver e reproduzir seu próprio narcisismo através dos filhos.

Dessa forma, podemos supor que o bebê nasce carregando com ele o desejo das gerações que o antecederam o lugar a ser ocupado pelo filho é marcado pelo discurso e escolhas dos investimentos parentais. Da mesma forma que o amor dos pais revela seu narcisismo renascido e transformado em amor objetal, nos estados de paixão o narcisismo primário sofre um deslocamento para os objetos de escolha amorosa igualmente valorizados e cobertos de perfeições. A idealização transforma a pessoa amada em um ser ideal que está acima de qualquer crítica.

Nas questões sobre as gerações discutidas no primeiro capítulo, neste ensaio nos ateremos especificamente à relação entre pais e filhos, em que Freud apresenta que há uma idealização dos pais em que tomam seus filhos, por vezes, como modelos, em muitas atitudes e comportamento, a expressão “Sua Majestade o Bebê” descrita por Freud (2006, p. 108) para falar do narcisismo da criança. Esse termo apresentado por Freud poderia ser reescrito nos termos “Sua Majestade a próxima geração”, para falar da idealização e do investimento que é feito na próxima geração, pois, a ela é creditada toda esperança, transformação que essa geração não conseguiu realizar, assim como no narcisismo primário que os pais depositam nos filhos suas realizações, a cada geração é depositada nela essa herança.

Como apresentamos nos escritos de Mannheim, desde os positivistas o que víamos nas discussões iniciais, parte do jovem para outra geração, o jovem sempre no centro das transformações. Aqui o raciocínio aponta um investimento de uma geração na próxima que é idealizada, há um investimento que a próxima geração alcance e conquiste o que a atual e as passadas não conquistaram, aqui temos a reedição do narcisismo perdido.

Assim, é preciso dizer que essa idealização estava presente na formulação inicial do nosso problema de pesquisa. Fazíamos a suposição de que a juventude era por natureza progressista. Isso não era apenas o resultado de um preceito positivista, como Mannheim aponta, mas também o resultado da idealização da figura do jovem que está ligada ao narcisismo da pesquisadora, que também é jovem, e que acredita ser parte de uma juventude que seria fonte de progresso e mudança. Essa pesquisa pode contribuir para pensar as configurações das dinâmicas e relações entre as gerações, e a juventude, a partir das contribuições de Mannheim e Freud.

### **3. MÉTODO**

#### **3.1 CONVERSANDO COM JOVENS ELEITORES DE BOLSONARO**

##### **3.1.1 HISTÓRIA DA PESQUISA**

A experiência das entrevistas com os jovens constituirá o material para a análise deste trabalho. Porém, antes de adentrarmos o campo do método especificamente, precisamos relatar como foram as escolhas para o campo de pesquisa. Entre algumas conversas com o orientador, uma preocupação evidente era em torno do cenário de polarização política do Brasil, em que o diálogo estava ficando cada vez mais empobrecido, e a insegurança em relação à violência que poderia existir, nos fizeram recuar diante de algumas possibilidades.

Inicialmente o desejo do pesquisador era em realizar entrevistas com os integrantes do movimento Juventude Conservadora de Sergipe, decidimos tentar contato inicialmente via facebook do movimento, pois, era o principal meio de veiculação das informações do grupo. Assim fizemos, realizamos o primeiro contato, e um dos integrantes que não informou o nome, nos respondeu, com isso nos apresentamos e depois de algumas poucas conversas perguntamos se poderíamos realizar algumas entrevistas em locais neutros, com alguns integrantes do movimento. Este primeiro movimento foi negado e informaram que poderiam responder as entrevistas e nos enviarem.

Não tínhamos interesse neste tipo de entrevista por conta do nosso método, inspirado na psicanálise, que preconiza a associação livre e a atenção flutuante. Considerando todos os cuidados e preocupações, resolvemos solicitar a participação do pesquisador em uma das reuniões do movimento, que também foi negado pelo grupo, com a justificativa de serem um grupo fechado, e a participação ser exclusiva para membros. Assim como não houveram outras possibilidades, resolvemos pensar em outros grupos.

A segunda opção vislumbrada foi realizar grupos com secundaristas que tinham a intenção de votarem no candidato Bolsonaro. Como a pesquisadora mantinha contato prévio com algumas escolas, por ter trabalhado nelas como psicóloga, resolvemos formular a ideia. Porém, tínhamos muitas preocupações: a participação de menores de idade só era possível com a autorização dos pais, a pesquisadora tinha uma posição hierárquica, por ter trabalhado nas escolas, em relação a esses secundaristas, que podiam influenciar muito a fala delas. Com

essas incertezas, fomos adiando a ida a campo a fim de tentarmos encontrar formas de minimizar tais questões.

Foi quando surgiu a ideia de utilizar Bourdieu, que trazia preocupações em torno da violência simbólica, na prática de entrevistas de pesquisa, numa tentativa de minimizá-la, repensando a implicação do pesquisador com seus entrevistados. Basicamente, Bourdieu (1998) propõe, ao contrário da metodologia tradicional, que o entrevistador e o entrevistado tenha alguma proximidade social e afetiva, que possa servir de freio para a violência simbólica. Assim, nos decidimos por entrevistar jovens com alguma proximidade social e afetiva com a pesquisadora, que declaram ter votado em Jair Bolsonaro. Pedimos a amigos que indicassem pessoas com esse perfil, e as convidamos para as entrevistas.

A seguir, apresentaremos uma breve descrição da pesquisa, seguido de considerações sobre o método psicanalítico em pesquisas sociais e o conceito de violência simbólica de Bourdieu. Logo depois, apresentaremos o material e as análises que conseguimos produzir a partir de nossa pesquisa.

### **3.1.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

O método proposto para este trabalho será utilizado como tipo de pesquisa o estudo de campo e como método de coleta de dados, a entrevista semiestruturada. A entrevista será conduzida por meio de um roteiro de perguntas, as quais compõem a entrevista semiestruturada elaborada pelo Pesquisador e pelo Orientador (Apêndice A). É importante ressaltar que na pesquisa psicanalítica o roteiro não é fundamental, e neste método ele não foi um obstáculo para a condução das entrevistas, servindo apenas para auxiliar na condução da pesquisa, porém, não é ele que guia o processo. Nossa orientação é a associação livre e a escuta flutuante. Achamos importante ressaltar tal questão, pois neste trabalho o roteiro que segue as funções tradicionais dos trabalhos científicos.

Esta pesquisa foi estruturada em três etapas. A primeira etapa consistiu na realização de um levantamento bibliográfico, elaborado a partir de material já publicado acerca do assunto, sendo constituído principalmente de livros, revistas, periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, teses e materiais da internet. Tal levantamento bibliográfico teve

como objetivo colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, a pesquisa atentou à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Foi essa fase da pesquisa que indicou a importância do trabalho de Karl Mannheim.

O segundo passo da pesquisa foi a realização da coleta de dados, efetuada através de entrevistas semiestruturadas, pautadas no objetivo principal de revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. As entrevistas foram realizadas com jovens entre 16 a 30 anos. As narrativas foram registradas em gravador digital, tendo em vista a fidelidade da pesquisa, e transcritas após sua realização (Apêndice B). Esta etapa foi norteadada pelos princípios do método psicanalítico, para o qual a escuta e a atividade interpretativa, característicos da psicanálise não se restringem à situação clínica. De acordo com Coelho e Santos (2012, p.16), isso implica na “possibilidade de o pesquisador realizar um trabalho pautado na escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função da questão que se pretende investigar”.

A terceira e última etapa será a análise dos dados obtidos da coleta das narrativas orais, que após terem sido transcritas, serão analisadas a partir dos textos psicanalíticos e sociológicos sobre juventude a fim de produzir uma articulação entre as perspectivas psicanalítica e sociológica na compreensão do fenômeno contemporâneo.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de dezembro de 2018 e março de 2019. Jovens entre 16 e 30 anos, que declararam ter votado em Jair Bolsonaro, e que tivessem algum grau de proximidade com a pesquisadora seguindo as orientações no método de Bourdieu. Houveram duas etapas diferentes para a construção da pesquisa de campo. A primeira foi a escolha dos participantes, baseada no método de pesquisas sociais de Bourdieu (o qual abordaremos mais adiante). E a segunda etapa foi a ida a campo para a realização das entrevistas, com inspiração da psicanálise.

Foram ao total cinco entrevistas, sendo que os locais dos encontros variaram de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e da localidade em que estes residiam. Foram realizadas duas (2) entrevistas em Aracaju/ SE, duas (2) em Fátima/BA e uma (1) em Canindé do São Francisco /SE. As entrevistas duraram em torno de trinta (30) a cinquenta (50)

minutos. Todas foram registradas por gravador e somente se iniciaram após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice C).

### 3.1.3 A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

Aqui pretendemos apresentar a Psicanálise como uma ferramenta de análise dos fenômenos sociais. As relações entre sujeito e os fenômenos socioculturais e políticos foram observadas e estudadas por Freud, que fez uso da análise de fenômenos coletivos para compreender processos individuais e tentar confirmar que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social. Em uma das passagens do seu texto Freud marca a impossibilidade de separação entre uma psicologia do individual de uma psicologia social:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado de perto. É verdade que a psicologia individual se relaciona com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raras vezes (...) se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (FREUD, 1921/1996, p.81)

A “divisão indivíduo e sociedade e afirmou uma concepção biopsicossocial, demonstrando que as modificações psíquicas impostas ao indivíduo sofriam influência das instituições e considerava que a entrada na vida social impunha modificações ao sujeito” (ROSA, 2004, p. 333).

Segundo Iribarry (2003), a psicanálise segue três pontos: um método de investigação do inconsciente, como uma teoria e técnica de tratamento e como um meio de investigação dos fenômenos sociais, culturais e políticos. Pode-se notar com mais clareza que Freud não restringiu sua elaboração teórica à clínica individual em seus escritos de perspectiva antropológica e sociológica como em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), *Totem e Tabu* (1913) entre outros.

Na tentativa de interpretar os fenômenos sociais a partir das premissas psicanalíticas, diversos autores fomentam discussões em torno do método de pesquisa em psicanálise. A

pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos possibilita um contato direto com o sujeito do fenômeno estudado e foi este o caminho que tomamos nesta pesquisa.

Para haver a possibilidade da aplicação do método psicanalítico e da introdução do analista nos campos sociais, é necessário que a investigação psicanalítica não esteja dissociada da experiência clínica, pois, é originalmente nesta que se constroem as interpretações que são guiadas pela relação transferencial. A experiência psicanalítica compõe a base para a pesquisa em psicanálise e, com isso, orienta a produção teórica e fornece o arcabouço para a saída do *setting* clínico para o campo, movimento este denominado por Rosa (2004) de psicanálise extramuros.

Freud (1912/2006) em seu texto *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise* apresenta algumas regras, para serem consideradas como guia e referência, que são indicadas para que aqueles que exercem a psicanálise. Trouxe como regra fundamental a associação livre que “consiste simplesmente em não dirigir reparo para algo específico e manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ em face de tudo o que se escuta” (p. 125).

A atenção flutuante requer que o analista escute sem eleger previamente nenhum conteúdo para concentrar sua atenção e consiste na maneira pela qual o analista deve escutar o analisado: “[...] não se deve privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2011, p. 40).

A psicanálise, por tratar de questões inconscientes, jamais poderia trabalhar com a previsibilidade, sistematização e determinação dos fatos (IRIBARRY 2003). O trabalho do analista é se colocar diante do outro, considerado em toda sua singularidade, seguindo as regras deixadas por Freud: a associação livre, a atenção flutuante e o manejo da transferência.

A escuta psicanalítica diz respeito principalmente a escuta do inconsciente. Para Rosa (2004), “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (ROSA, 2004, p. 341-342).

É o trabalho teórico que dá sustentação e condições de pensar os fenômenos sem se ater somente à experiência. Para Rosa (2004), é através da relação que se torna possível construir e ultrapassar aquilo que foi falado.

Uma das particularidades da pesquisa psicanalítica é a de que esta é produzida na própria investigação, pois, acredita-se que o pesquisador está implicado em toda sua dimensão subjetiva, que é própria de cada sujeito, portanto, nenhuma pesquisa será idêntica à outra, pois, o processo interpretativo e a relação transferencial estabelecida são únicos em cada campo e com cada pesquisador. E é nesta condição que está a verdadeira riqueza da pesquisa psicanalítica (COELHO; SANTOS, 2012).

Deste modo, entende-se que o pesquisador psicanalítico é guiado pela escuta e pelas impressões transferenciais acerca do campo, o que significa que ele está implicado diretamente ao analisar os dados da pesquisa. É sua a interpretação que ocorre a partir do impacto transferencial. Segundo Loureiro (2002), a metodologia de pesquisa psicanalítica apresenta certa passividade na medida em que o objeto de estudo é deixado à solta. Seguindo o seu próprio percurso, o pesquisador é guiado pelo pesquisado, utilizando-se da associação livre deste, demonstrando assim o papel ativo que o sujeito pesquisado exerce no processo de construção do estudo. Logo, evidencia-se outra riqueza da pesquisa psicanalítica: a consideração do sujeito pesquisado como detentor de um papel ativo no processo de pesquisa.

A pesquisa em psicanálise possui como fundamento o critério ético e seu campo é a escuta do inconsciente:

é aquele que reconhece ao sujeito um lugar na linguagem no qual o processo de alienação/separação indica uma direção ética: não à exclusão do sujeito, isto é, não a um sujeito sem Outro, não alienado ou fora da linguagem; mas também, não há um sujeito sem corpo, sem lugar de expressão singular no circuito das pulsões (POLI, 2005, p. 11-12).

Assim, a ética da psicanálise é exclusiva dessa forma de fazer pesquisa condicionando, portanto, a investigação à formação ou ao desejo de formação em psicanálise (GARCIA; SILVA, 1992).

A implicação do pesquisador com sua investigação e sua inferência subjetiva são fundamentais na relação, e é através do processo associativo e do olhar do pesquisador que a

investigação vai sendo construída. Esta implicação do pesquisador não reduz o rigor metodológico, pois, a pesquisa psicanalítica trata da realidade psíquica, por conseguinte, a investigação do objeto não pode ser enquadrada e racionalizada, como é feito em outras abordagens. “O mais importante é que o pesquisador transforme sempre seu dado em texto” (IRIBARRY, 2013, p. 125).

Entretanto, a pesquisa psicanalítica necessita ser orientada pela escuta e a transferência deve ser o caminho que orienta o pesquisador em relação ao texto. Na clínica, a escuta tem como base a teoria e a atenção flutuante em relação à fala do analisando. Na pesquisa psicanalítica o processo é semelhante, porém, ao invés da fala, trabalha-se com o texto escrito na tentativa de “identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação” (IRIBARRY, 2003, p. 129). É a experiência com os dados, através da escuta e da interpretação, que é transformada em texto pelo pesquisador.

### **3.1.4 BOURDIEU E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

Pierre Bourdieu em seu livro *A miséria do mundo* (1998), no capítulo *Compreender*, apresenta o método de pesquisa e as aproximações metodológicas que discorre sobre o “caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga” (1998, p. 693), apresentando reflexões sobre o método de pesquisa e as implicações entre pesquisador, pesquisado e entrevista.

Bourdieu (1998) afirma que a relação de pesquisa, ainda que sejam diferentes das demais trocas entre pessoas, não deixa de ser uma relação social, de modo que não é isenta de exercer efeitos sobre a pesquisa. Na leitura do trabalho deste autor, destacou-se um conceito que interessa mais especificamente a este trabalho: o conceito de violência simbólica. Segundo Bourdieu (1998, p.16): “é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconsciente de a exercer ou a sofrer”.

Para este autor, a interrogação científica deveria excluir a intenção de praticar qualquer violência simbólica que possa afetar as respostas dadas pelo pesquisado. A questão que se coloca é que não está em jogo a intenção de praticar ou não a violência simbólica, haja

vista que não se pode confiar na intencionalidade da ação, pois, se está diante da estruturada relação da pesquisa, a qual é portadora de distorções que estão inscritas na própria estrutura. Para ele “ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social, portanto, a violência está presente, e que oferece efeitos sobre os resultados obtidos” (Bourdieu, 1998, p. 694).

Bourdieu (1998) apresenta uma série de informações que podem auxiliar no desenvolvimento de comunicação não violenta, as orientações indicadas pelo autor são: antes de iniciar uma relação de entrevista, é necessário entender os efeitos que podem ser produzidos pelos diversos caminhos que a entrevista pode levar, a apresentação da pesquisa deve ser fonte de cuidado, pois, ali é necessário entender os motivos e os sentidos que levam o entrevistado a aceitar a participação nesta troca. O objetivo para ele é reduzir e/ou dominar ao máximo os efeitos da violência simbólica:

Procurou-se instaurar uma relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da outra não intervenção da entrevista não dirigida, quanto ao dirigismo do questionário. Postura de aparência contraditória que não é fácil de se colocar em prática. Efetivamente ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria (BOURDIEU, 1998, p. 695).

Com isso, Bourdieu (1998) tenta alcançar uma relação de pesquisa que seja a mais próxima possível do ideal, visando a controlar tanto a interação em seus níveis linguísticos (verbais e não verbais) quanto a estrutura da relação através da escolha dos entrevistados. Este ponto é relevante nesta pesquisa, pois, seguimos as orientações de Bourdieu (1998) quando ele concede a liberdade ao pesquisador, para poder escolher os pesquisados entre pessoas conhecidas ou pessoas que pudessem ser apresentadas por conhecidos. Para o autor, a proximidade social e a familiaridade podem assegurar duas condições importantes: “de um lado quando o entrevistado está socialmente próximo ao entrevistador, ele lhe dá por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas” (BOURDIEU, 1998, p. 697). Por outro lado, proporciona condições que estimulam a troca devido ao acordo implícito de pressupostos e formas de comunicação, ou

seja, na emissão de sinais verbais, confirmações de entendimento, feedback, incentivo, sinais de aprovação.

Outra orientação de Bourdieu (1998) que foi adotada neste método, é que o próprio pesquisador realize a transcrição, pois, para o autor, a transcrição não é somente o ato de passar para o papel o discurso que foi gravado. Neste momento, o pesquisador se permite ouvir, sentir, dar atenção à entonação, aos risos que estão presentes na entrevista, considerando os sentimentos que surgem como importantes para a análise. Ana Cristina Figueiredo, em “Vastas confusões e atendimentos imperfeitos” (2002) e que trabalha com o método psicanalítico, também relata que este é um excelente momento para elaborar as informações e dar-se conta do que passou despercebido durante as entrevistas, as pequenas sutilezas os detalhes, dar novos sentidos.

#### **4. ANÁLISE**

Inicialmente gostaríamos de apontar algumas percepções gerais sobre as entrevistas. Perceberam-se que algumas questões eram recorrentes durante as entrevistas e se repetiam no discurso de todos os participantes. A primeira delas que será apontada diz respeito à questão da segurança pública (tema central nas falas dos participantes); esta aparece através de diversos aspectos, nos relatos das experiências de violência (roubo), nas falas sobre o caos e a desordem que o Brasil se encontrava, Bolsonaro para os entrevistados surge como a única possibilidade de salvação para o Brasil.

Outra questão relevante que será descrita é referente a situação econômica do Brasil, todos os 5 (cinco) sujeitos entrevistados, abordaram este tema como fator decisivo para o voto em Bolsonaro, as justificadas giravam sobretudo em torno da crítica às políticas de investimento em programas sociais que o PT desenvolveu, a crise da economia no Brasil causando desemprego, aos salários e a um sentimento de insegurança. O interessante é que mesmo todos concordando com a importância desses programas, afirmaram que o governo do PT estava ‘quebrando’ o país com a corrupção e através dos programas sociais.

Este ponto nos parece importante, diante do fato de que todos os participantes já haviam sido beneficiados por ao menos um dos programas sociais do governo do PT, a exemplo do bolsa família e PROUNI, e mesmo assim, não concordavam com o modelo de

gestão do governo. Outro ponto relevante a ser pontuado, é que todos os entrevistados votaram anteriormente nos governos do PT, e relatam sobre Lula com certa decepção, porém ao mesmo afirmam que o mesmo já havia sido referência para eles. Tais apontamentos podem ser lidos através dos sentimentos de ambivalência entre revolta, decepção e identificação principalmente com a figura de Lula. Eles atribuem ao PT, a responsabilidade dos problemas que o país vem sofrendo, Bolsonaro acaba ocupando um lugar de esperança, e de grande promessa de salvação para todo mal e sofrimento que está sendo enfrentado no Brasil.

A partir do exposto, nossa reflexão baseará-se no deslizamento de identificações entre a figura de Lula para Bolsonaro, através do campo dos afetos. Como ler-se em Freud (1921/1969): “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de laço emocional com outra pessoa” (p. 133). Ou seja, com a psicologia das massas de Freud, entendemos que o laço social é, antes de tudo, um laço libidinal que se forma a partir do investimento libidinal no objeto amoroso, que será o suporte das identificações. Assim, o laço social segue o modelo de investimento das identificações.

Deste modo, foi possível considerar alguns pontos de aproximação entre Lula e Bolsonaro; Lula já foi a representação de esperança, e salvação para o país; o discurso anticorrupção, de homem honesto e comum, também são pontos de semelhança entre eles. Quando estes fatos são pensados pela via dos afetos, a passagem de identificações entre Lula a Bolsonaro consegue ser mais facilmente aceita, isso não significa que exclua a complexidade e as demais questões que fazem parte deste problema. Neste trabalho não temos o interesse de entrarmos nesta discussão, mas achamos importante ressaltar esse ponto que foi identificado.

Segundo Safatle (2008), a esperança é o afeto fundamental que pode colocar em curto-circuito o medo. Tanto o medo quanto à esperança organizam a experiência através da projeção de um horizonte de expectativas, à projeção de um horizonte seja de um mal que ocorrerá, seja de um bem que ocorrerá, essa ligação vem de uma mesma forma de experiência que esses afetos têm uma relação profunda entre si.

Outro ponto a ser pensado é o lugar que tanto Bolsonaro quanto Lula ocupam. Nos últimos anos, constatamos a falência da autoridade paterna, e a vinculação desta falência a uma situação de crise que surge como marcas recorrentes da crítica a sociedade contemporânea. Essa perda, no entanto, estaria no fundamento do mal-estar na modernidade.

Seria justamente isso que produziria o desamparo na subjetividade, assim como a referida nostalgia do pai, como antídoto ilusório para o desamparo (BIRMAN, 2006, p.66-67).

O discurso político contemporâneo é construído através dos afetos e não em um programa de governo. Isso nos remete ao pai soberano, amado e temido, ao qual renunciamos nossas decisões, para depositar nele a confiança, pois, se acredita que precisamos é de um pai protetor, que seja capaz de acabar com as ameaças a estes filhos. O discurso cativante e afetuoso estimula o desamparo e deixa a população aflita pela figura do pai protetor, ela é uma espécie de retorno às experiências infantis que infantiliza o eleitorado, afastando-o da realidade. 'Este' seduz o eleitor, e ocupa a posição de ideal de eu. Essa fantasia é revivida ao se colocar nesse lugar de afeto, e isso acaba dividindo a população que está tomada por essa desesperança nos tempos de crise.

#### **4.1 POLARIZAÇÃO POLÍTICA E POLARIZAÇÃO AFETIVA: O "CIDADÃO DE BEM"**

Entende-se neste trabalho que as manifestações de 2013, foi o pontapé inicial para desencadear a onda de conservadorismo e a fortalecer partidos e lideranças políticas com intenções para as eleições de 2018 no Brasil. A reação popular contra os partidos políticos e a forma de fazer política iniciaram-se por um movimento apartidário que não durou muito tempo, até partidos e líderes políticos perceberem a oportunidade de se aproximarem desse movimento (SOUZA, 2014).

Mesmo que ainda de forma difusa, e sem intenções definidas, os movimentos que iniciaram em 2013 eclodiram nas eleições de 2018, com uma direita mais organizada, que foi capaz de capturar, os sentimentos que estavam presentes ao longo dos anos de manifestações. Em 2014 e 2015 ficaram mais evidentes, a descrença e rejeição com a política, a raiva dos partidos que causou uma polarização que culminou na radicalização de extremos que precisam se dividir e se afastarem (ABRANCHES, 2019). Em 2017, uma pesquisa do DataFolha apontou que 60% dos eleitores do então pré-candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), tinham entre 16 e 34 anos. Isso soou como uma surpresa na esfera pública, que é, em grande medida, movimentada pela polarização ideológica que se acirrou no Brasil após 2013.

A decepção com o funcionamento democrático clássico provocou um descrédito da política, a utilização cada vez maior da Internet e sua interferência na vida política produzem novas formas de padrões de sociabilidade e comportamento político. Na lógica dualista presente nas redes sociais, cada integrante de um polo pensa dentro um pacote de valores políticos e morais que é oposto ao seu antagônico (SOLANO, 2018).

As eleições de 2018 foram marcadas por um transbordamento das tensões sociais que permanecem latentes. O conjunto de afetos políticos que emergiu com as manifestações de 2013, com uma efervescência de politização e descontentamento que emergiu em uma campanha polarizada e radicalizada, mobilizou grande carga afetiva dos eleitores, seja pelo discurso de ódio, medo, insegurança, esperança ou crença. Cada vez mais os afetos fazem parte da vida política, afinal a política é feita de seres humanos, mas a questão relevante aqui é quando esses afetos são mobilizados com alguma finalidade, esse ponto nos parece fundamental para ser refletido neste trabalho.

Percebemos durante as entrevistas que a todo o momento os sujeitos estavam expressando afetos como: o medo, a insegurança, o ódio, a esperança, isso era perceptível através do tom de voz, das reações, mesmo que seu discurso não falasse diretamente isso. A polarização afetiva que vem dividindo as posições políticas, vem também transformando a forma das pessoas se relacionarem. Há uma forte expressão que está dividindo o país em dois lados – nós/eles, que respondem a estímulos que levam as pessoas a sentirem-se pertencentes a um grupo, representadas e com identidade própria, e exige-se, em contrapartida que se tenha outro lado antagônico. Nas entrevistas percebemos que há nitidamente uma divisão que se apresenta entre – “Nós cidadãos de bem” e eles. O novo nós - apresenta o inimigo declarado que é o outro, e neste lugar de outro, cabem inúmeras definições. Nas falas dos entrevistados diversas vezes eles usam o termo “cidadão de bem”, vejamos como esse discurso é articulado:

**Ind - 2**

*Eu acho que tem direito, só que algumas pautas se você for analisar você vai ver que esses ganham mais que um **cidadão de bem** que trabalha, mais que um salário mínimo, até porque têm familiares que sofreram a perda dos seus parentes que não recebem, e os filhos de presidiários recebem, eu sei que ele não tem nada a ver, mas acho errado. Acho que Bolsonaro e Paulo Guedes podem ajudar nessas coisas.*

**Ind - 2**

*Concordo com o porte armas, mas não sair liberando assim para qualquer. Primeiro você tem que ser limpo na justiça emprego, maior de 21 anos, **cidadão de bem**, que seja só para ter quando eu fico dentro de casa você não precisa tá saindo na rua. Só a posse para ter em casa, porque o sujeito precisa ter o direito de se defender né?*

**Ind - 2**

***Cidadão de bem** é aquele que seja honesto, trabalhador, independente do seu cargo. Se você for professor ou feirante não importa, o que importa é você não dever nada à justiça, você respeite todas as pessoas onde você anda.*

**Ind-3**

*Eu só não concordo com as questões da liberação das armas, eu acho assim, tem um **cidadão de bem** que tipo não tem nenhum problema psicológico e você tá aqui comigo a gente discute e tal e você tem a posse, a posse é pra ficar em casa né? Mas essa pessoa que tem a posse vai querer andar, vai querer ter porte, mesmo sem ter, vai colocar no carro, vai andar com ela...*

Os últimos anos culminaram na produção de dois lados, de um lado, o “cidadão de bem”, que é o trabalhador, honesto e ordeiro e, do outro, o delinquente, louco, drogado, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência. A norma se impõe pela força e sua lógica é a da produção do anormal, do patológico, em relação ao qual ela deve agir com rigor para curá-lo, eliminá-lo ou, ao menos, anulá-lo. (SOLANO, 2018)

O que nos parece é que esse é um dos modos de representar o medo instalado nas subjetividades das pessoas, um medo que as conduzem a desejarem medidas duras contra os perigos do cotidiano. Associado a isso há uma lógica liberal, que mantém o sujeito sob um imaginário de ameaça e caos a ordem econômica e social, e uma política que incita o medo e o ódio como afeto central nas relações, colidindo na produção de um inimigo que precisa ser combatido.

Compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma. Pois, se, de todas as paixões, a que sustenta mais eficazmente o

respeito às leis é o medo, então deveríamos começar por nos perguntar como ele é produzido, como ele é continuamente mobilizado” (SAFATLE, 2008, p.18).

Na tentativa de elucidar como os afetos contribuem para os impasses sociopolíticos, é necessário entender o que se entende por afetos neste trabalho. Enquanto sistema de reprodução material de formas de vida, as sociedades adotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis (SAFATLE, 2008). Há uma adesão social construída através de afecções:

Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. (SAFATLE, 2016, p. 15-16)

A dimensão dos afetos comumente se relaciona com os sistemas individuais de crenças, fantasias, o que dificulta o entendimento dele e suas implicações na vida social como sistema de regras e normas. Para entender a dimensão dos afetos enquanto questões ligadas aos vínculos sociais exigiria uma perspectiva diferente, capaz de descrever o funcionamento estrutural da sociedade e de suas esferas de valores. (SAFATLE, 2016)

Muitos fatores devem ser considerados como a consolidação de laços e identidades comuns, mobilização de afetos, uso de redes sociais, o neoliberalismo que atua a partir de um fortalecimento dos dispositivos estatais autoritários e violentos e atua também em um plano, construindo subjetividades, alimentando uma lógica individual uma sociedade neurótica com medo da diferença, a crença no fracasso como uma incapacidade individual que joga as pessoas em uma competição permanente, uns contra os outros.

Acreditamos que essa polarização foi estimulada em dois sentidos uma que parte das questões econômicas que têm um impacto direto na subjetividade dos sujeitos, e outra que parte de uma sensação de insegurança, de caos na segurança pública do país que incide diretamente nos modos de relações das pessoas, e na necessidade de criação de um inimigo em comum que possa assumir a responsabilidade pelo caos.

## 4.2 INSEGURANÇA ECONÔMICA

A partir da escuta dos sujeitos entrevistados, percebemos que haviam diversos caminhos a serem tomados para a investigação. Contudo, algumas falas deles, nos convocava atenção, percebemos que havia um mal-estar em todos os entrevistados, porém, a forma de expressão variava de acordo com o repertório de cada um. Há nitidamente um efeito causado pelo funcionamento de massa que vem mobilizando uma insegurança social, fantasias de idealização, de medo e de inimigos imaginários que estão corrompendo o Brasil e consequentemente as pessoas de bem estão perdendo o seu espaço. O mal-estar presente na constituição do sujeito aparece nas fronteiras e nos campos políticos, sociais e subjetivos. Há uma recusa em aceitar as diferenças e um jogo complexo de questões, culturais, sociais, psíquicas, políticas e históricas.

A escuta nos permitiu perceber diferentes questões de cada entrevistado, porém, algo comum a todos eles, foi um sentimento de “insegurança”, que se traduzia na fala deles através das suas experiências pessoais, relacionados principalmente a economia, e a ausência de segurança pública. A impressão que tínhamos é que esse sentimento falava de algo a mais que não cabia na fala. Acreditamos que este sintoma da insegurança que as pessoas têm sentido cotidianamente, pode partir da sensação de constante de ameaça que o outro representa, e isso pode partir tanto da disputa por emprego, como no medo de ser assaltado, por exemplo.

Os mecanismos de poder introduzem, de modo radical, os afetos e os conteúdos emocionais no interior da dinâmica do comportamento econômico. Os afetos e as relações interpessoais são, no mesmo movimento, impregnados pelos repertórios do mercado e pela lógica do cálculo, desempenho e eficiência da racionalidade econômica.

A contemporaneidade tem sido marcada pelo sujeito neoliberal, em que o capitalismo conduz e capturam os afetos, como forma de ordenação dos modos de existência e do viver juntos. Veremos que as questões em torno da economia foi um dos pontos centrais na fala de todos os entrevistados, ela aparece como um dos pontos definidores para o voto em Bolsonaro:

ultimamente eu tenho escolhido principalmente pelo viés liberal, quanto mais voltadas às propostas liberais para **economia**, mais me interessa, mas isso aconteceu há alguns anos atrás antes disso eu estava muito aquém da situação política do Brasil

**ind\_2**

se ele tivesse perdido eu teria sentido um pouco de tristeza só que eu queria que o candidato que ganhasse fizesse um bom trabalho para melhorar o país para transformar às famílias mudar a **economia** deixar seu país com mais moral fora do Brasil

**ind\_5**

eles que decidam se vão e como vai ter que passar continuando então a primeira coisa é a reforma para dar estabilidade à **economia** e poder de investimento do capital dentro do país para incentivar o investimento e oxigenar a **economia**

**ind\_5**

a **economia** é a base isso é o tripé dele **economia** segurança e o outro é os militares no governo é o grande tripé negativo

**ind\_3**

o partido não eu votei em Bolsonaro também pela questão da **economia** que ele apresentava ele conseguia se sair melhor falando de **economia** do que Haddad entendeu e no brasil todo caos de crise financeira vem por aí por isso questão da **economia**

**ind\_1**

os brasileiros com o pretexto de proteção da **economia** isso é uma forma de agressão sim em essência sim, mas podemos discutir se os liberais se as pessoas realmente querem isso

**ind\_1**

mas há uns dois anos eu comecei a acompanhar um pouco mais muito por influência do que estou estudando do curso de gestão as empresas, as **economias**, eu venho percebendo que propostas liberais são mais interessantes pro brasil

**ind\_2**

capacitada na área pra trabalhar acabar com o apadrinhamento e não trabalhar só por indicação como acontece na maioria dos interiores a questão da **economia** que defendemos, a **economia** liberal acredito eu que vai diminuir mais a desigualdade entre as famílias e vai gerar mais empregos para população

**ind\_3**

eu acho que com o PT iria continuar a mesma coisa não tava a **economia** ia continuar ruim a inflação aumentando que não tivesse corrupção na política brasileira que as verbas fossem para o que realmente precisa

**ind\_2**

pra mim sim porque a gente pesquisava a fundo ia ver se realmente a notícia era verdadeira ou não para depois dar opinião a **economia** assistência social aos necessitados realmente a saúde a prevenção a educação

**ind\_2**

acho que Bolsonaro e paulo guedes podem ajudar nessas coisas a **economia** brasileira de 10 anos pra cá caiu muito com a odebrecht banco do brasil Itaú são muitas empresas que prejudicou o brasil

**ind\_1**

corrupção diminuiu porque ela impacta na **economia** a corrupção não vai acabar já tá tendo esses escândalos aí com o filho com o próprio Bolsonaro pra mim, votar no político achando que ele não

vai se corromper pra mim, é inocência

**ind\_2**

*na economia eu gostaria que mudasse as regalias pra mim, é uma das questões que mais prejudicam o país, prefeitos se aposentam bem antes que o trabalhador e têm vários benefícios com valores absurdos que não concordo teria que ter igualdade na questão dos salários também*

A política neoliberal foi introjetada no debate político, e acendeu em uma parcela da população uma crença que essa política era a saída para o Brasil. Os discursos do esforço e do mérito individual entram em contraste com a um Estado que oferece proteção e direitos vistos como demasia pelos entrevistados.

No livro “A nova razão do mundo” (2016), Dardot e Laval sustentam a tese que o neoliberalismo antes de uma ideologia ou uma política econômica, é um fundamento, ou seja, uma racionalidade, que pretende estruturar e organizar as ações dos governantes e até a própria conduta dos governados. O neoliberalismo nas sociedades ocidentais não se limita às questões econômicas, ele produz formas de relações sociais, formas de viver juntos, produz subjetividades, ou seja, ele dita formas de existência, formas de relações tanto com os outros, como com nós mesmos.

As normas que os indivíduos são submetidos impõem relações de competição, individualismo, modelos de mercado, comandando as relações econômicas, essa norma que vem regendo a vida e a política pública está transformando a sociedade e transtornando a subjetividade. As consequências são as mais diversas, tanto a nível social, individual, político, econômico (DARDOT E LAVAL, 2016). Neste trabalho percebemos que há uma subjetividade que marca o nível social e individual e acreditamos que estamos diante de um novo sujeito, um sujeito neoliberal. Como percebemos nas falas:

**Ind-1**

*Ultimamente eu tenho escolhido principalmente pelo viés liberal, quanto mais voltadas às propostas liberais, para economia, mais me interessa*

**Ind-1**

*O liberalismo enquanto vertente de pensamento, por exemplo, se você é uma mulher que quer se vestir de homem, você se veste de homem e eu não tenho nada a ver com isso, se você é um homossexual eu não tenho nada a ver com isso, se você quer usar drogas, não tenho nada a ver comigo, se alguém me perguntar eu digo pra não usar.*

**Ind-2**

*A questão da economia que defendemos, a **economia liberal**, acredito eu que vai diminuir mais a desigualdade entre as famílias e vai gerar mais empregos para população.*

**Ind-3**

*Eu votei em Bolsonaro também pela questão da **economia** que ele apresentava, ele conseguia se sair melhor falando de economia do que Haddad entendeu, e no Brasil todo caos de crise financeira vem por aí por isso questão da economia.*

**Ind-3**

*Eu fiquei feliz porque eu tenho uma esperança de que alguma coisa possa mudar para melhor. Eu acho que com o PT iria continuar a mesma coisa não tava, a **economia** ia continuar ruim a inflação aumentando.*

**Ind-5**

*A **economia** é a base, isso é o tripé dele: economia, segurança e o outro é... os militares no governo. É o grande tripé*

Segundo Foucault, o governo liberal não visa à salvação em outro mundo, e nem se empenha em aumentar o bem-estar do Estado. Pelo contrário, ele vincula a racionalidade de governo a um objeto exterior, a sociedade civil, e a liberdade dos indivíduos são consideradas como um parâmetro para a ação governamental, e para formas de controle. (FOUCAULT, 2008, p. 434, apud, LEMKE, 2017, p. 20,)

Foucault (2008) distingue o governo sob sua forma política da problemática geral do governo. Ele propõe uma significação ampla para o termo, e não entende que os processos de subjetivação e a formação do Estado como dois processos separados e independentes, pelo contrário, ele articula e os compreende de acordo com uma única perspectiva analítica. Dessa forma entende que a "genealogia do Estado moderno" é também a "história do sujeito" uma vez não considera o Estado moderno uma estrutura centralizada, mas sim, no interior das mesmas estruturas políticas, uma combinação astuciosa das técnicas de individualização e dos procedimentos de totalização. (LEMKE, 2017)

O neoliberalismo também vincula a racionalidade governamental à ação racional dos indivíduos, mas ele não concebe mais o princípio do governo em uma liberdade natural que deve ser respeitada. Ao invés, ele foca em uma liberdade artificial e arranjada: a conduta empresarial de indivíduos econômico-rationais. O modo de governamentalidade que é própria do neoliberalismo cobre um conjunto de técnicas de governo que ultrapassam a estrita ação de estado e orquestram a forma como os sujeitos se conduzem por si mesmos. A empresa passa a ser promovida a modelo de subjetivação e cada indivíduo é sua própria empresa que deve se

gerir através de um capital. O neoliberalismo conseguiu produzir o sujeito neoliberal quando compreende ao mesmo tempo, o governo de si, unido ao governo dos outros. (LEMKE, 2017)

Para Safatle (2016), a própria lógica liberal produz a imagem do outro, do próximo, como um invasor em potencial, isto é, potencialmente uma ameaça à total expressão da liberdade, ou da verdade que deve ser absoluta. Dessa forma o que encontramos é um sujeito numa sociedade pautada pelo conhecimento paranoico, isto é, uma sociedade sob ameaça, que tem o medo como o afeto político central e o ódio como coadjuvante.

Em relação aos novos posicionamentos subjetivos que estão sendo produzidos na contemporaneidade, é importante recordar a formulação construída por Melman (2008) que postula que a atualidade favorece o que ele denomina de ‘paranóia social’ ou ‘paranóia da vida cotidiana’. A paranoia é definida como "a certeza para um sujeito de ter o saber da verdade, da verdade absoluta" (MELMAN, 2008, p.13).

A identidade encontra-se sob ameaça no contemporâneo, a tentativa de defender e proteger a subjetividade, é marcada pela indiferenciação e pela globalização, esses fatores estimulam o sentimento de ameaça pela diferença e pelo que possa estar além das nossas fronteiras. Essa postura é justaposta pela fragilidade e dificuldade dos laços sociais na atualidade, assim como às condutas de violência extremada e gratuita que estão sendo manifestadas no dia a dia. (MELMAN, 2008)

### **4.3 A PRODUÇÃO DO INIMIGO: O BANDIDO, O PT E LGBTTQI+Q**

Apresentamos até aqui como os afetos podem estar relacionados com a vivência subjetiva e como a política pode capturar e produzir subjetividades para aumentar sua forma de dominação sobre os modos de existência. Segundo Safatle, o medo enquanto afeto político “tende a construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranoico, preso à lógica securitária do que deve se imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social” (2008, p.24). Precisamos agora falar sobre como o discurso do caos, da desordem e da segurança estão presentes no discurso dos entrevistados.

Ainda Segundo Safatle, é a gestão do medo que rege as conexões possíveis entre circuito dos afetos que é a sociedade, a sua produção, mobilização e gestão constituem o campo de possíveis dentro dos quais determinadas vidas fundamentam sua existência. Sabe-se que o medo, é um dos afetos que anulam as práticas de liberdade: “A liberdade nas sociedades que inscrevem sujeitos sob a forma de indivíduos”, em que a categoria de indivíduo é tomada em sua acepção liberal de átomo indivisível dos vínculos sociais da sociedade, “é indissociável da criação de uma cultura emergencial da segurança sempre latente, cultura do risco iminente e contínuo de ser violado” (SAFATLE, 2016, p. 17-18).

O medo é um afeto político importante, aparece na fala dos entrevistados em diferentes sentidos: medo pela vida, o medo de ser morto, sofrer alguma violência, e o medo patrimonial que é o medo de ser assaltado, de levar seus bens, foram questões pertinentes nas falas dos entrevistados. O medo é um afeto político ainda pouco entendido, e que a direita aprendeu a utilizar integrando ao seu aparato político e implantando em seu discurso populista como no exemplo ‘bandido bom é bandido morto’!. Vejamos como esse discurso se apresenta na fala dos entrevistados:

***ind\_3***

*e eles pesquisaram muito sobre a vida dele porque não queriam que ele fosse o presidente aí eles nunca acharam nada de fato que ele **roubou** mesmo alguma coisa, na verdade não*

***ind\_3***

*é porque era realmente verdade eles pesquisam muito e vão atrás das origens se ele já tivesse **roubado** a globo com certeza teria divulgado pra ele não se eleger e quando aconteceu essas coisas eu fiquei muito triste porque têm coisas que não foram comprovadas, mas eu acho que ele **roubou** muito e depois disso eu comecei a desacreditar*

***ind\_5***

*isso tudo pra ele se articular para passar a reforma da previdência e ele disse lá no chile que se fizer a articulação eu vou acabar **preso** como lula e temer ele fez a parte dele*

***ind\_4***

*porque eles fazem o que quer e , na verdade somos nós que estamos **presos** e eles estão soltos e fazem o que quer*

***ind\_1***

*quando ele cerceia a liberdade do cidadão de fazer algumas coisas, criam regras para evitar algumas coisas poderiam citar o protecionismo você impõe sobretaxa a produtos que vem de fora para **proteger** os produtores locais*

***ind\_2***

*a polícia deve **proteger** o cidadão o papel dela não é espancar é tentar tirar aquela pessoa que está no caminho errado e colocar no caminho certo*

*ind\_2*

*família sabe de tudo eu sei que não existe candidato honesto no Brasi, mas Bolsonaro era o que o brasil estava precisando ele era quem representava o que eu mais queria as questões da **criminalidade** saúde e educação*

*ind\_2*

*a gente da propina para facilitar sua vida aí vem aquela conversinha brasileira aí você vai alimentando né não só acho que essa questão da **criminalidade** foi mais importante porque o país hoje precisa muito dos seus outros governantes ou outros ofereceram realmente o que o país precisava*

*ind\_2*

*gostaria que as famílias tivessem salário mais justo porque não concordo com salário atual gostaria que implantassem mais escolas em periferias pra dar mais oportunidade e tentar amenizar a **criminalidade** do país*

*ind\_1*

*mas com estadistas os políticos e com todas as pessoas você vê que tem criminosos que entram na cadeia por pequenos delitos roubos, furtos, isso aquilo, mas aí eles passam pouco tempo ali e voltam a **delinquir***

*ind\_1*

*15 vezes pior aí você pergunta o que é que um cidadão desses que rouba 10 vezes estar fazendo solto ele não tinha que estar aqui no nosso meio não tinha que estar solto aqui por que você sabe que ele vai voltar a **delinquir***

*ind\_1*

*a probabilidade dele voltar a **delinquir** é sempre maior então a possibilidade deles se tornarem cidadãos de bem trabalhadores é muito pequena olhe pode ter várias explicações eu não vou aqui citar quais seriam*

*ind\_1*

*que têm contas da família pra pagar e em determinado momento ele cometeu um crime, mas você sabe que ele é uma boa pessoa e que se ele tiver uma oportunidade de emprego ele não vai voltar a **delinquir***

*ind\_1*

*e existem pessoas que simplesmente não trabalham uma minoria que não tem interesse em trabalhar só tem interesse em **delinquir** só em roubar e fazer o mal pros outros*

*ind\_1*

*e têm pessoas que têm tendência a voltar a **delinquir** em alguns casos porque sentem prazer não necessariamente seria uma doença patologia ou que o produto do crime delas esteja trazendo vantagens financeiras p*

*ind\_4*

*ninguém me convence se eu quero pronto na parte da **segurança** pública, trabalhos também né porque a população é muito carente olhe eu votei mesmo pra tirar o PT porque eu não acreditava que eles fossem fazer mais nada além de roubar*

*ind\_5*

*a economia é a base isso é o tripé del: economia, **segurança** e o outro é os militares no governo é o grande tripé negativo*

*ind\_1*

*eu só não tendo para um anarco capitalismo digamos assim porque eu creio que o estado tem uma função a defesa da soberania nacional imparcialidade na questão da justiça de **segurança** pública de maneira imparcial*

**ind\_3**

*e tirasse alguns impostos mais empregos pros médicos a **segurança** também aumento do poder de polícia aumento na quantidade também eu só não concordo com as questões da liberação das armas eu acho assim*

**ind\_4**

*quando finalizou a pesquisa eles começaram a falar que havia muitas pessoas no grupo de whatsapp da cidade que se manifestavam muito e que uma das principais questões era a **segurança**, pois não podiam sair com celular na cidade*

**ind\_3**

*a questão da **segurança** também é muito importante tem muitas mortes e assaltos eu já fui assaltada aqui na frente de casa e ninguém fez nada não tinha polícia não tinha nada isso era umas 18 horas da tarde em casa é muito perigoso*

**ind\_2**

*you tem o direito de escolha escola pública uma escola militar creio eu se você tem livre arbítrio de escolher não seu pai sua mãe escolher, mas sim o adolescente escolher na **segurança***

**ind\_1**

*aí você pode perceber alguma contradição daquilo que ele disse daquilo que ele fez se ele mudou algumas aspirações seu pensamento vai depender do cruzamento dessas informações o viés liberal pensar no desenvolvimento econômico e a questão da **segurança** pública*

**ind\_4**

*o marido da entrevistada é da guarda municipal e falava da importância da **segurança** pública que o governo de Bolsonaro iria dar mais prioridade pra isso, mas afirma que sempre votou no PT*

**ind\_5**

*mas aí você vê o histórico e ele realmente é assim e continua assim até agora então eu posso confiar e qual a proposta dele é dá uma reviravolta no brasil e mudar dando viés a **segurança** pública*

O discurso da segurança pública impulsionado pela extrema-direita, fortalece uma visão dualista do mundo que é necessário distinguir e separar quem é cidadão de bem e quem é bandido, essa questão parece importante para os entrevistados, para diferenciar é o outro e quem ele é. Segundo Laclau (2005), o discurso populista tem uma tendência política a utilizar conceitos complexos que vão sendo esvaziados e que pode ser qualquer coisa inclusive o que eles acharem mais convenientes naquele momento.

A construção da dicotomia de um contra o outro, produz conflito que é sustentado por uma retórica moralista. Nas falas dos entrevistados o bandido, o delinquente é protegido e financiado pelo estado (principalmente pela esquerda), enquanto os cidadãos de bem estavam abandonados pelo estado, sustentada por uma retórica do vitimismo, a única reação possível

foi o voto em Bolsonaro, que reafirmam em muitos momentos que mesmo não sendo a melhor opção, era o mal necessário para “consertar” o país e devolver a ordem.

Entendemos que o discurso da economia e da segurança pública presentes nas falas dos entrevistados, sustentam os argumentos para a retirada do PT do poder. Havia um pensamento que os problemas do Brasil seriam resolvidos com a saída do PT. Neste fato parece estar presente o pensamento mágico, que com a saída do PT as coisas se resolvem quase que milagrosamente, há nessas falas uma crença que isso realmente pudesse acontecer. Como vemos nas seguintes afirmações:

**Ind- 3**

*A minha decisão mesmo foi **tirar o PT**, quando eu vi que só estavam eles dois no segundo turno, não teve jeito, ali eu sabia que tinha que tirar, que tinha que votar em Bolsonaro por causa da corrupção.*

**Ind- 3**

*Eu acho que com o **PT** iria continuar a mesma coisa não tava, a economia ia continuar ruim a inflação aumentando*

**Ind- 4**

*eu preferi votar nele justamente por isso, porque por já ter visto que o **PT** há muito tempo não resolveu grande coisa então ele é novo né*

**Ind- 4**

*Eu votei mesmo pra **tirar o PT**, porque eu não acreditava que eles fossem fazer mais nada além de roubar.*

As tentativas de escapar às ansiedades e conflitos, aos desprazeres tanto do mundo externo quanto do interno. Como se o ato de pensar pudesse controlar, explicar e até mesmo modificar a realidade, além de oferecer a impressão de estabelecer uma relação causal entre dois eventos isolados. Isso pode ser pensado através do pensamento mágico, pois, não se limita às palavras: ele participa ativamente na atribuição de qualidades que damos, por exemplo, a objetos com poderes supostamente capazes de concentrar a energia, e que produzem efeitos de cura específicos; as substâncias associadas a partes do corpo, e assim por diante. “Essa crença tão antiga quanto o homem de poder mudar o mundo através do pensamento ou da fala não é uma atitude única das crianças, sendo também encontrada em certas crenças” (LINDENMEYER E CECCARELLI, 2016, p.50).

O que vem a consciência é apenas uma pequena parte da nossa vida psíquica; é governada por processos psíquicos que se passam a nível inconsciente, por isso escapam ao

controle da consciência (REICH, 1972). Essa afirmação nos auxilia a questionar se realmente é o PT que eles desejam retirar do país, e, porque isso só seria possível com a entrada de um candidato com discurso intolerante, autoritário e radical?

Entendemos que a gestão dos afetos alimenta e provoca uma insegurança social e acaba criando uma paranoia de que existe um inimigo que precisa ser combatido para que a sociedade consiga restaurar a ordem. Sabemos também que no Brasil há uma dificuldade e uma recusa por parte de alguns brasileiros em reconhecer e aceitar as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos, que apesar de não ter mudado o modelo político e econômico, provocou mudanças significativas na vida de muitos indivíduos e conseqüentemente de uma parcela de brasileiros que nunca haviam sido reconhecida nem receberá atenção por parte do Estado. Revelou que a dificuldade de alguns brasileiros e de uns coletivos em aceitar essas mudanças sociais que ainda existe (DUNKER, 2015).

Diante do contexto histórico social, adicionado a uma campanha política pautada nos valores associados à defesa da família tradicional, a heterossexualidade, o que percebemos nas falas dos participantes é um interesse que em menor ou maior grau deseja um governo que regule via Estado a dimensão da vida familiar, moral e sexual dos seus cidadãos.

Parece-me que o voto em Bolsonaro tem outras motivações além das que podem ser ditas ou as que são conscientes. Minha interpretação é que o voto em Bolsonaro seja uma tentativa de barrar o crescimento dos direitos LGBTTTQI+, por não conseguirem suportar e aceitar esse outro diferente que é tão igual a si. Diante destes fatos acreditamos que os ganhos de direitos da população LGBTTTQI+, provoca em uma parcela da população o sentimento de insegurança e que talvez sintam suas tradições ameaçadas com essa política. A nossa interpretação, e reafirmo que é a minha interpretação, é que os discursos da economia e da segurança escorregam para as questões morais e sexuais.

A primeira é de ordem econômica, derivada das transformações na estrutura econômica dos países desenvolvidos que têm feito desaparecer os empregos que exigem menor grau de instrução. Isso tem aprofundado a distância não apenas econômica, mas espacial e cultural entre o topo e a base da pirâmide social nesses países, o que ajuda a reforçar os impactos de uma segunda razão, que me parece a mais importante: o processo de transição demográfica em países desenvolvidos, derivado da baixa taxa de natalidade combinada com altos índices de imigração. Nesse processo, “maiorias” vão gradualmente tornando-se “minorias”, o que gera um sentimento de deslocamento econômico-social e de perda de laços identitários, abrindo espaço para forças políticas que articulam uma narrativa nativista, construindo o estrangeiro como inimigo. Finalmente, uma terceira razão é a

ascensão das redes sociais e de novas formas de consumo e de produção de informação, o que permitiu a difusão de ideias que de outra forma seriam bloqueadas pelos canais de comunicação tradicionais (CHARLEAUX, 2018, p. 11).

Supomos que o Brasil está sob influência desses aspectos, com a radicalização e a presença da insegurança, como já apresentamos anteriormente. A insegurança leva à radicalização e esta última, por sua vez, leva a intolerância. Vejamos como algumas falas tocam diretamente nestas questões:

*ind\_5*

*e não importa se o cara é **gay** ou com quem ele se relacionam o que importa é aquilo ali mulher, homem e filhos com quem ele se relacione não é importante é que aquilo seja respeitado*  
*ind\_5*

*no dia e hoje que eu tenho maior consciência desse tipo de ação que chegam e não são poucas ações chegam na secretaria de saúde do município é hoje eu vejo, por exemplo até a cartilha da educação chamado*

*kit **gay***

*ind\_1*

*ah! e esse meu amigo ele é bem **gay** viu não esconde pra ninguém e foi com ele que eu fui aprendendo a não ser tão homofóbico comecei a andar com ele e é meu amigo até hoje encontro ele sempre no ponto de ônibus*

*ind\_1*

*têm muitos liberais que são contrários às drogas ao armamento civil ao casamento **homossexual** pra mim uma pessoa que é liberal de verdade é liberal em todos os sentidos eu tento pelo menos*  
*ind\_1*

*se você é um **homossexual** eu não tenho nada a ver com isso se você quer usar drogas não tenho nada a ver comigo se alguém me perguntar eu digo pra não usar*

A ideia que de um inimigo público comum que precisa ser combatido aparece nos discursos contra os movimentos sociais (feminismo, LGBTTTQI+), como um desejo de aniquilamento, exclusão, com isso percebemos a produção desses inimigos o bandido o PT e os LGBTTTQI+. Vejamos agora o histórico de conquistas da luta LGBTTTQI+, que acompanham parte do governo do PT.

#### 4.4 OS DIREITOS LGBTTTQI+ NO BRASIL E O LUGAR DA FAMÍLIA

No Brasil, o movimento homossexual conquista suas primeiras ações no final da década de 1970, embora já existissem, desde os anos 1950, atos individuais de politização das

identidades gay e lésbica (GREEN, 2007). Contudo, é nas décadas de 1980 e 1990 que a invisibilidade homossexual começa a aparecer o crescimento da epidemia de HIV/aids (BRASIL, 2006).

Nos anos 1990, o Projeto de Lei nº 1151/95, de autoria da Deputada Marta Suplicy, que previa a parceria civil registrada (PCR) entre pessoas do mesmo sexo, visando à proteção dos direitos à propriedade, usufruto de bens caso o parceiro viesse a falecer, pensão e plano de saúde, entre outras, atravessou o novo século sem aprovação (BRASIL, 1995). Recentemente, entrou para essa lista o Projeto de Lei 122/2006, que criminaliza a discriminação às pessoas LGBTTQI+. Criticado com rigor pela Frente Parlamentar Cristã, foi reformulado diversas vezes até ser reprovado no ano de 2013. (BRASIL, 2014)

No Governo Lula (2003-2010) a relação com o Poder Executivo incluiu as primeiras iniciativas em âmbito federal, e trouxe sequência no Governo Dilma. As lutas desenvolvidas pelo movimento LGBTTQI+ no Brasil permitiram, em articulação com o Estado, ações governamentais como o Programa Brasil sem Homofobia (2004), vinculado à Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH). Iniciado, após, a Coordenação Geral de Promoção dos Direitos LGBTTQI+ (2009) e o Conselho Nacional de Combate à Discriminação LGBTTQI+ (2011), que foi o responsável pela efetivação e fiscalização do Plano Nacional de Promoção dos Direitos e Cidadania LGBTTQI+ (2009), produto da I Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBTTQI+ (2008). A criação do BSH iniciou ações específicas, implicando em uma inserção expressiva, se considerarmos a existência reduzida de iniciativas da temática na agenda política brasileira antes de sua criação. (BRASIL, 2014)

Neste período houve também a realização da I e II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBTTQI+, em 2008/2011, a criação da Política Nacional de Saúde Integral LGBTTQI+ pelo Ministério da Saúde, em 2010, a criação do Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência contra LGBTTQI+, em 2013, e o reconhecimento da diversidade de “condições sexuais” no âmbito do Plano de Política Criminal e Penitenciária, em 2011, que determinou a criação da Resolução Conjunta nº 01/2014, entre o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) e o Conselho Nacional de Combate à Discriminação – LGBTTQI+ (CNDC), estabelecendo parâmetros de acolhimento de LGBTTQI+ em privação de liberdade. (BRASIL, 2016)

Em maio de 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), aprovou resolução proposta pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa, obrigando os cartórios de todo o país a registrarem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Essa resolução baseou-se em decisões proferidas pelo STF e pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) no ano de 2011 (BRASIL, 2016).

Algumas estratégias desenvolvidas por determinados segmentos do movimento LGBTTIQI+, como o “abraço ao STF” em agradecimento à decisão favorável à união civil em 2011, realizado na II Marcha Nacional de Combate à Homofobia, corroboram com o que mencionamos ser o “fetiche da condição de cidadão.” (LESSA, 2006). Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) editou a Resolução 175, que determinou não apenas dever dos tabeliões de celebração da união estável, mas também do casamento civil com pessoas do mesmo sexo, e mais recentemente em maio de 2018, aprovado o direito à identidade de gênero, que possibilitou realizar a alteração do nome e sexo em seus registros civis diretamente nos cartórios, sem a necessidade de laudo médico, avaliação psicológica ou autorização judicial. (BRASIL, 2018)

As questões de gênero e sexualidade estão envolvidos num “pânico moral” que estas políticas ainda não foram suficientes para dissolver. Para Miskolci a definição de pânico moral se relaciona com a existência de “mecanismos de resistência e controle da transformação societária” (2007, p. 103), que surgem a partir do “medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadora” (2007, p. 103).

Partindo da teoria do narcisismo, Freud (1913) abordou os mecanismos de intolerância, segregação e violência existentes na cultura para explicar como humanos vivendo em sociedades teriam propensão à agressão uns contra os outros. Haveria um processo no sentido de estigmatizar o outro com pequenas diferenças que construiriam o estranhamento deste outro e a segregação nos grupos, a exemplo do fenômeno das polarizações políticas.

Com efeito, com o enunciado do conceito do narcisismo das pequenas diferenças, o discurso freudiano formulava que a dificuldade maior presente no espaço social da modernidade se centrava no confronto com a diferença, na medida em que indivíduos, segmentos, etnias e classes sociais não suportariam o convívio com tudo aquilo que fosse

diferente de si (Freud, 1921/1981). Para Rosa (2013), o narcisismo é constitutivo de todo sujeito, mas pode ser convocado em um laço totalitário que procura o apagamento, a imobilização e neutralização do outro, impondo a homogeneização e a subtração da diferença.

A psicanálise pode nos ajudar a entender como esse outro radicalizado que funciona no lugar de ponte que incorpora algo percebido como ‘estranho’ ao sujeito, a expressão que corporifica um vazio que implica, ao final, uma posição ética onde o outro é diferente e apartado do sujeito a certa distância. O estrangeiro tanto fascina, quanto repele, atrai, e amedronta. Tanto é o objeto do preconceito e do ódio: o pobre, o negro, o judeu, o homossexual, o refugiado; quanto o da idealização. O principal sintoma decorrente das políticas excessivamente centradas nas demandas de identidade é a segregação imaginária do outro, como contra identidade formada no escopo mesmo da reificação dos personagens envolvidos no conflito (DYER, 1997).

Ao aproximar os conceitos de fantasia e ideologia na forma de uma fantasia ideológica, torna-se mais claro que a identidade, e particularmente a reificação identitária que se exprime na segregação imaginária, é uma forma de defesa contra a angústia da inadequação entre o desejo e os objetos. Como anteparo contra a impossibilidade de integralização do sujeito em seu desejo, a defesa evoca a possibilidade que esta inadequação possa ser endereçada a um outro. Reencontramos aqui a ideia historicamente recorrente nos processos de segregação, especialmente quando esta se manifesta sob forma de violência, de que um “estranho”, um “estrangeiro” roubou ou está roubando algo de “nós”, funcionando como algo que sustenta as formas tradicionais e novas de intolerância. (ROSA, 2018)

A complexidade envolvida quando se trata de questões relativas à intolerância tem levado muitos pesquisadores a pensar que deveríamos ir além das circunstâncias econômicas, políticas e sociais que justificam as paixões das nações, grupos étnicos e religiosos, classes sociais e indivíduos. É preciso abarcar a especificidade de cada conflito presente nas fantasias que cada grupo provoca no outro com os quais têm contato e disputa espaços políticos, ampliando o debate e que ultrapasse os posicionamentos duais. O problema da intolerância se deslocou, decisivamente, para a esfera do sofrimento social e das estratégias não apenas públicas de reconhecimento de diferenças (ROSA, 2018).

Neste sentido, acreditamos que a psicanálise nos ajuda a pensar como as demandas sociais e as novas formas de vida e como políticas da tolerância precederam e condicionaram a atual situação. Em “O Estranho” Freud (1975) nos lembra que o estrangeiro é definitivamente o mais familiar, na entrada de seu compartimento do trem, Freud deparou-se com a visão de um rosto de um homem de idade. A surpresa desfez-se quando ele percebe que esse homem, que de início ele não reconheceu, era ele mesmo. O estranho se articula com o inconsciente e suas manifestações, que produzem no sujeito um sentimento de ultrapassagem, como se fora atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, um estranho, que se impõe em seu discurso.

Acreditamos que o lugar que a família ocupa é extremamente relevante por ser oposta ao lugar do estrangeiro, e como ela aparece fortemente nas falas dos nossos entrevistados. O outro é tão ameaçador que precisamos nos unir entre os familiares entre os que conhecemos. A família é a garantia da proteção contra o estranho, é necessária a manutenção dessa tradição:

*ind\_2*

*a questão dos direitos humanos eu não concordo mesmo sendo uma vida, mas os criminosos recebem apoio dos direitos humanos e as famílias das vítimas não recebiam apoio nenhum*

*ind\_2*

*se ele tivesse perdido eu teria sentido um pouco de tristeza só que eu queria que o candidato que ganhasse fizesse um bom trabalho para melhorar o país para transformar as famílias mudarem a economia deixar seu país com mais moral fora do brasil*

*ind\_1*

*o que não dá é que no meio educacional em que os filhos e as famílias são obrigados a estar ali que eles doutrinam os alunos num determinado viés ideológicos eu já vi casos poucos*

*ind\_3*

*eu também acho muito perigoso uma arma em casa pra criança pra família saúde com mais hospital melhorar os hospitais aí então a contratação de médico também porque tem poucos*

*ind\_5*

*hoje eu posso dizer que escolho de forma eu sou isento não escolho por candidato ou por partido nem por família escolho por proposta e por representatividade se realmente vai ser minha voz e essa representatividade tá falando eu me identifico*

*ind\_5*

*a questão do conservadorismo é algo que eu me identifico os valores estruturantes valores da família poderia resumir da família tradicional os valores estruturantes dos bons costumes tradicionais que por mais que sejam abertos*

*ind\_5*

*é você ter a família tradicional homem mulher e filhos o que tiver mais não é tradicional não que a gente deva ser a favor da homofobia ou a própria discriminação*

*ind\_5*

*mas que a partir do momento que eu tenho o direito de ter minha consciência de formar minha opinião essa é a família tradicional com homem mulher e filhos*

*ind\_5*

*isso tem que ser o pilar é por isso que a gente discute essa questão dos direitos justamente por isso a família sendo o pilar ela vai irradiar para sociedade por exemplo o movimento feminista*

Esse trabalho não tem a pretensão de esgotar a compreensão dos fenômenos, pois, nosso interesse é fomentar o debate, a escuta, e concentra-se no exercício de investigação da dimensão inconsciente, seja no consultório, na instituição, seja no campo social.

#### **4.5 DIFICULDADES DA ESCUTA**

Diante das mudanças sociais e políticas da contemporaneidade, nosso trabalho é um esforço de escuta da juventude. O desejo de compreender tais questões foram o que movimentou e possibilitou a construção deste trabalho, que poderá nos auxiliar na compreensão deste fenômeno social contemporâneo, acreditamos que essa é uma tentativa que poderá elucidar os processos subjetivos que estão interconectados com as questões sociopolíticas.

As dificuldades deste estudo passaram por diversos momentos, apesar do desejo e envolvimento com a temática, o susto e a idealização em relação à juventude precisou ser ultrapassada, para podermos seguir com o trabalho de escuta destes jovens. As tentativas e retornos a metodologia de pesquisa refletem a preocupação em conseguir uma posição de escuta em que não estivéssemos em uma posição de julgamento ou de defesa.

As implicações de realizar uma escuta fora do tempo do pesquisador, poderia estar repletas de violência simbólica, no qual a escuta não seguiria a indicação da pesquisa em psicanálise, que requer uma escuta flutuante, sem seleção de conteúdo e julgamentos. Em diversos momentos os afetos do pesquisador vieram à tona nas entrevistas, momentos de raiva, compreensão, tristeza, decepção, empatia, medo, insegurança estavam latentes. A importância de ter um método de pesquisa que embasasse o pesquisador, também orientou e

preparou para lidar com tais questões, porém isso não conseguiu garantir que estas pudessem ser ultrapassadas e/ou excluídas.

As posições ideológicas, eram antagônicas, além das diferenças de implicação ético-política que não se esvazia no momento da entrevista. Houveram momentos que a metodologia não dava conta de minimizar a violência simbólica que durante a transcrição foram identificadas nas entrevistas. Momentos que os afetos surgiam e eram deslocados para as questões, vejam:

***PESQUISADORA-** Mas você sabe que o programa mais médico precisou ser criado, pois, os médicos brasileiros não queriam atender nas periferias, zonas rurais, por exemplo?*

***PESQUISADORA:** Mas você acha que formular sua opinião em cima do que ele fala (fui interrompida)*

***PESQUISADORA:** Mas você sabe por que e como foi pensada a política de redução de danos, que ela não é uma política isolada, está aliada a todo uma política de saúde mental que se chama a RAPS?*

***PESQUISADORA:** Com esses novos escândalos que está acontecendo aí com envolvimento dele com a milícia, qual sua opinião sobre isso?*

Apesar de toda preocupação em buscar uma metodologia que minimizasse a agressividade da relação durante a entrevista, percebemos que todo esse esforço em alguns momentos se escapa, e encontram outras saídas. As indicações de Bourdieu nos auxiliaram bastante neste sentido, mas ela não conseguiu excluir a violência simbólica. Durante a escrita das análises, nos encontramos diversas vezes sendo violentos e agressivos, precisamos voltar diversas vezes na escrita para minimizar a violência latente.

Dentre as entrevistas o momento mais difícil de continuar a escuta, e que provocou dúvidas em relação as condições de permanecer realizando a entrevista, foi quando um entrevistado, fala sobre a vereadora Marielle:

***Ind – 5***

*E tudo que fala sobre ele e principalmente do caso Marielle. Eu, como investigador, tenho minha opinião sobre o caso sobre caso Marielle, eu tenho 100% de certeza que ele não tem envolvimento nenhum, ele pode até gostar porque eu também gostaria. Marielle para mim, é uma bandida, era uma bandida que estava investida no cargo de político, isso eu sei porque eu conheci Marielle, eu conheço a história dela.*

Este foi o único momento durante todas as entrevistas que como pesquisadora pensou-se que não iria mais suportar ouvir. Não foi possível esconder os afetos neste momento, os sentimentos de raiva e desejo de revelar a indignação diante daquele comentário. A

insegurança de continuar com a entrevista surge fortemente e é percebida pelo entrevistado, que ao final da sua fala, quando se prossegue para outra questão para mudar o conteúdo, a pesquisadora é imediatamente interrompida:

*PESQUISADORA: Mas você acha que formular sua opinião em cima do que ele fala (fui interrompida)*

**Ind- 5**

*Não, não em cima do que ele fala. Eu pesquiso a fundo como investigador e como cidadão!*

Nesta parte percebemos que a violência simbólica é cometida por ambos, porém, consegue permanecer no campo simbólico, e não é transformada em violência física. O ambiente de polarização fica evidente, e assim percebemos que existem nitidamente dois lados que estão se esforçando para manter um diálogo, uma escuta, uma troca, pois, ambos sentiam o mal-estar ali.

Com isso é perceptível que toda a preocupação inicial fez sentido, as inúmeras vezes retornamos para o método de pesquisa, que refletimos sobre os entrevistados, o ambiente... Entendemos que pensar em todos aqueles aspectos foi fundamentalmente necessário, toda cautela e preocupação. Talvez se não tivéssemos construído a metodologia neste formato as chances de violência física seriam quase inevitáveis. Outro aspecto fundamental, foi termos ultrapassado o susto inicial, e realizado o estudo teórico que ajudou a pesquisadora assumir outra posição dentro da própria pesquisa, um lugar menos idealizado da juventude e com menos julgamentos.

Diante da experiência das entrevistas, compreendemos que o mal-estar estava presente tanto no pesquisador quanto nos entrevistados, e que mesmo sua origem partindo de lugares distintos o sofrimento estava presente. Percebemos que havia nos entrevistados um desejo de mudança que estava representada por Bolsonaro, ele é uma promessa e uma esperança de saída para o mal-estar. Segundo (Bleichmar, 1997/2010), o espaço para a criatividade e reconstrução história pessoal, elementos que possibilitam ao sujeito reinventar-se a partir de algum ideal de vida, torna-se cada vez mais escasso. Assim ramifica-se o mal-estar que transforma a esperança em ilusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras sobre a Juventude, nos permitiram desenvolver o caminho metodológico desta pesquisa. Percebemos alguns pontos de aproximação entre as ideias de Freud (1905/1913/1914) e Mannheim (1927/1941), ambos até uma parte da vida acreditavam que o conflito de gerações era necessário para o desenvolvimento cultural e que é através dos jovens que o avanço da cultura poderia acontecer, e o progresso dependia dessa nova geração que deveria seguir a exigência cultural de conquistar uma função na sociedade. Mas o que vimos com Freud é que diante do conflito geracional, não há um progresso, mas uma repetição.

Assim como em Freud, há um momento que Mannheim ultrapassa a ideia de progresso. Os resquícios do fundamento naturalista de uma juventude progressista continua presente até a contemporaneidade, e se encontra presente na idealização construída da imagem do jovem. Essa idealização aponta um investimento sempre voltado para próxima geração, há um investimento para que ela alcance e conquiste o que a atual e as passadas não conseguiram conquistar, percebemos aqui a idealização do próprio pesquisador, que se encontra na mesma geração dos entrevistados, e que também investia e acreditava nas próximas gerações para um possível progresso.

Os pontos essenciais aos quais chegamos com Freud e Mannheim, foi o entendimento que o progresso pode ser algo diferente para os diversos grupos de jovens de uma mesma geração, pois dentro da mesma geração encontramos diversos grupos concretos. A maior contribuição de Mannheim em relação ao ideal de desenvolvimento humano da modernidade está na defesa do potencial renovador da sociedade contido na juventude.

Como já dito anteriormente, para realizarmos a escuta dos jovens, foi preciso realizar um percurso teórico que passou essencialmente por Freud e Mannheim. Tais leituras nos permitem sair de uma posição idealizada da Juventude, que incluía o processo pessoal do pesquisador. Percebemos que as implicações não se davam somente pelo envolvimento com a pesquisa, mas pelo fato do pesquisador também ser jovem, e estar diante das mesmas questões sociais, históricos e políticas dos entrevistados. O processo pessoal enquanto jovem, que idealiza em si a possibilidade de contribuir socialmente para o progresso da mesma geração. Passar por esses autores nos permitiu, sobretudo desidealizar a ideia de progresso,

distensionar a posição do pesquisador para minimizar o ambiente de polarização para realizar a escuta.

Nossa tentativa nesta pesquisa diante das questões apresentadas, é tentar por meio da psicanálise, um olhar diferente das outras teorias, não temos a intenção de realizarmos uma análise exaustiva, nem mesmo uma análise política, nosso interesse é olhar para o sujeito falante, e tentar escutar o que este tem a dizer.

O lugar que falo é de estudante de psicanálise, que acredita na relevância de pensar o campo da política a partir da experiência subjetiva, ou seja, pensar o modo em que o indivíduo vivência psiquicamente, subjetivamente a política e sua inserção no social. Esta pesquisa pode contribuir para pensar os efeitos políticos dos campos dos laços sociais e das formações coletivas das formas possíveis de relação do sujeito consigo mesmo e com o outro. Acreditamos também que a psicanálise deve ser um trabalho de cunho político, acreditamos que o psicanalista não pode se eximir de se implicar na ética social, pois, pensar o indivíduo é pensar na sociedade. Como nos fala o autor:

...a psicanálise não é apenas a ciência da psique individual, mas também aquela das interações entre os diversos indivíduos, dos processos de identificação, de projeção e da formação de fantasias ativadas nas inter-relações e que desorientam a realidade psíquica dos indivíduos, aquela das “alianças intersubjetivas” que se atam e desatam no campo social, que lhe dão forma ou que trabalham por sua implosão. (KAËS, 1994, p.84)

Durante esse percurso, encontramos desdobramentos e observações que possibilitaram abrirem o caminho para uma reflexão teórica, da prática política a partir de algumas características. Poderíamos pensar a partir do “narcisismo das pequenas diferenças”, que a maior dificuldade presente no espaço social da contemporaneidade pode estar centrado no confronto com as diferenças, e na medida em que indivíduos, segmentos, etnias e classes sociais não suportariam o convívio com tudo aquilo que fosse diferente de si (FREUD, 1921/1981). O ódio pelo outro declarado que, irremediavelmente marcou o século XX com o nazismo, retrata bem essa matriz da intolerância, que corresponde ao ódio às diferenças, como testemunhamos imergir nas cenas atuais como intolerância política.

Pode-se dizer que esse conceito possibilita desenvolver questões centrais sobre as questões sociais que perpassam as sociedades democráticas contemporâneas, como marcadores de subjetividade no Estado moderno. Com isso, recoloca-se a questão do efeito do

mal-estar na política, pensada dentro da psicanálise, que tem implicação com o laço social e regido pelo discurso capitalista.

Diante das entrevistas podemos apontar algumas questões, em que uma reforça a existência das outras. A primeira é de ordem econômica, que vêm transformando a subjetividade dos sujeitos. A insegurança social que fundamenta os laços sociais que gera um sentimento de deslocamento e de perda de laços identitários, e permite espaço para forças políticas que articulam uma narrativa moratória, e de exclusão, construindo o diferente como inimigo. Acreditamos que a política ela deve ser pensada a partir das emoções e do campo dos afetos que estão sendo produzidos pelo meio social. O ponto central é que o medo está presente na lógica que governa a política pública. O estado obedece à lógica do medo e se transforma num calculador universal. Assim, Safatle afirma que “o mais correto é dizer que o Estado não se coloca como garantia da segurança, mas como gestor da insegurança social” (2016, p.142).

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta. 1994
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo (Org). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania, 2005.
- ABRAMO, Helena. **Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, setembro de 1997.
- ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. (org.) **Juventude, Juventudes, o que Une e o que Separa**. Brasília, UNESCO, IBOPE, 2006.
- ABRAMOVAY, M.; et al. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: RITLA, SEDF, 2009.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Políticas de/para/com juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.
- ABRANCHES, Sérgio Henrique et al. **Democracia em risco**. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. Companhia das letras, 2019.
- AQUINO, Julio Groppa (org.) **Diferenças e Preconceito na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
- AQUINO, L. (2009). **A juventude como foco das políticas públicas**. In J. A. Castro, L. M. C. Aquino & C. C. Andrade (Orgs.), *Juventude e Políticas Sociais no Brasil* (pp. 25-39). Brasília: IPEA
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Retomada de um legado**: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo Social*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11 - 33. Nov. 2005
- BAJOIT, G. e Franssen, A. **Modos de ser Jovem- in: O trabalho, busca de sentido**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd. Revista Brasileira de Educação-ANPED, 2007.
- BIRMAN, J. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 13-53.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.
- BLEICHMAR, S. (2010). **Un modo de pensar nuestro tiempo**. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 19-22). Buenos Aires: Topía. 1997
- BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre . **A juventude é apenas uma palavra**. In *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Cuestiones de sociología**. Madrid: Istmo. 2000

BRASIL. Projeto de Lei 478/2007. Câmara Federal: Brasília. 2007. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=718396&filename=SBT+1+CSSF+%3D%3E+PL+478/2007](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=718396&filename=SBT+1+CSSF+%3D%3E+PL+478/2007)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos LGBTTQI+. Brasília. 2009.

\_\_\_\_\_. Câmara Federal. 2013a. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Sistema Nacional de Enfrentamento à Violência LGBTTQI+ e Promoção dos Direitos. Brasília. 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Portaria nº 766, que institui o Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência Contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTTQI+) e dá outras providências. Brasília: SDH. 2013b.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Cidadania LGBTTQI+: mapa de boas práticas, Brasil – União Europeia. Brasília: SDH. 2013c.

BRESSER-PEREIRA. **O paradoxo da esquerda no Brasil**. Revista Novos Estudos, São Paulo: Cebrap, n. 74, acesso 14 de mar. 20019, p. 25-45.

CANESIN, M. T., Chaves, E. G. & Queiroz, E. M. O. de. (2002). **Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação**. Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação da UFG [Goiânia], (27), 1-25. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/1508/1495>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CASTRO, M. G. & Abramovay, M. (2009). **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M e CARVALHO, **Ser jovem no brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira cadernos adenauer xvi (2015) nº1 2014**

CAVALCANTI, Rafaela Sátiro de Souza. **Transpondo o Muro: Interferências da Violência Extramuros no Cotidiano Escolar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2006.

CHARLEAUX, João Paulo. **Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 07 maio de 2019.

CUNHA, E. L; COELHO, D. M. **Recomendações ao pesquisador que pratica a psicanálise**. In: FARO, A.;

MENDONÇA FILHO, M.; HENRIQUES, R. P. (Org.). **Políticas do Social: avesso da razão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 94 -104.

COELHO, D.; SANTOS, M.V.O. **Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica**. Analytica : Revista de Psicanálise, v. 1, p. 90-105, 2012. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scriPT=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100006&lng=PT&nrm=iso&tlng=PT](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scriPT=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100006&lng=PT&nrm=iso&tlng=PT) >. Acesso em: 28 out. 2018.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Os intelectuais e a organização da cultura. Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DADOUN, R. (1998). **A violência**. Ensaio acerca do “homo violens”. Rio de Janeiro: Difel.

DARDOT, Pierre; Laval, Chrstian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo:Boitempo.2016

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é Participação Política**. São Paulo: 8ª ed. Ed. Brasiliense, 1983.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In O. Fávero, M. P. Spósito, P. Carrano & R. R. Novaes (Orgs.), **Juventude e contemporaneidade** (pp. 155-176). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd. 2007

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Rio de Janeiro: Observatório Jovem. disponível em: [www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=34](http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=34). Acessado em: 12 de outubro de 2008.

DYER, R. White. Nova Iorque: Routledge, 1997.

DUNKER, Christian Ingo L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

EISENSTADT, S. N. **De geração em geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude e a Sociedade Moderna**. São Paulo. Pioneira, 1972.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da biopolítica: curso no Collège De France 1978-1979**. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante na Transformação da Sociedade Brasileira**. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1965.

FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, Jose de Souza. **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro, LTC, 2004.

FRAGA, P. C. P., & Iulianelli, J. A. S. **Introdução: juventude, para além dos mitos.** In P. C. P. Fraga & J. A. S. Iulianelli (Orgs.), *Jovens em tempo real* (pp. 19-37). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Totem e tabu** (1913). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Psicologia de Grupo e a análise do ego** (1921). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **O ego e o id** (1923). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v.19. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **O estrangeiro** (1919). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. 27. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização** (1930). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GALLEGO, E. S. **Crise da Democracia e extremismos de direita.** *Análise*, n. 42, 2018. Disponível em: <<https://www.fes-brasil.org/detalhe/crise-da-democracia-e-extremismos-de-direita/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

GALLEGO, E.S.; ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. **Guerras culturais e populismo anti petista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. Opinião**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

GREEN, A. **Le travail du négatif.** Paris: Minuit, 1993

GROPPO, L. A. **Juventude-** ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HELOÍSA Helena T. de Souza Martins e Maria Helena Oliva Augusto. **Juventude(s) e transições Tempo Social.** *Revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2 2005

IANNI, Octavio. **O jovem radical.** In: BRITTO, Sulamita de (org). *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje.* Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS; PÓLIS. **Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas.** Rio de Janeiro: Ibase, 2005.

IRIBARRY, I. N. **O que é pesquisa psicanalítica?** *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-118, jan./jun. 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982003000100007&scriPT=sci\\_arttext&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982003000100007&scriPT=sci_arttext&tlng=PT)>. Acesso em: 27 out. 2018.

JAIDE, Walter. **As ambigüidades do conceito de ‘geração’.** In: BRITTO, Sulamita de (org.). *Sociologia da juventude*, II. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

KAËS, R. **La parole et le lien**, Paris: Dunod. 1994

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise.** ATENÇÃO FLUTUANTE. In: J. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 40-42.

LACLAU, E. **A razão populista.** São Paulo: Três Estrelas. 2005.

LEMKE, Thomas. **Foucault, governamentalidade e crítica.** São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017

LESOURD, S. **A construção adolescente do laço social.** Petrópolis: Vozes. 2004.

LEÓN, O. D. **Adolescência e juventude: das noções às abordagens.** In Freitas, M. V. de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.* São Paulo: Ação educativa. 2005. (e-book). Disponível em: [http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno\\_Juv.pdf](http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno_Juv.pdf). Acesso em: 18 nov. 2018.

LINDENMEYER C., CECCARELLI, R., P. **O pensamento mágico na constituição do psiquismo** MINDLIN, B. & narradores indígenas. *Mitos indígenas.* São Paulo: Ática, 2006.

LOUREIRO, I. **Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana.** In: QUEIROZ, E. F; SILVA, A. R. (Org.). *Pesquisa em psicopatologia fundamental.* São Paulo: Escuta, 2002.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MANNHEIM, K. **O problema da juventude na sociedade moderna.** In: DE BRITTO S. (Org.). *Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje.* Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações.** In. FORACCHI, M. A. (Org.). *Mannheim, Grandes Cientistas Sociais.* São Paulo: Ática, 1982.

MAYER, Arno. 1987. **A força da tradição.** A persistência do Antigo Regime (1848- 1914). São Paulo: Companhia das Letras.

MAYORGA, Claudia; COURA, Alba; MIRALLES, Nerea; CUNHA, Vivane Martins. **As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política**

heterossexual. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 2, 2013. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200003&script=sci_arttext).  
 Acesso em: 30/03/2019

MELMAN, C. **Como alguém se torna paranóico: De Schreber a nossos dias**. Porto Alegre, RS: CMC. 2008.

MELO NETO, R.D.; OLIVEIRA, M.L. **As diferenças entre o dito e o percebido nas políticas de juventude do governo Lula: caso Prouni e Projovem original em Pernambuco**. Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 12, n. 27, p. 212-230, 2015.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21. 2009. p. 150-182.

NETO, M. R. D.; Oliveira, m.l. **As diferenças entre o dito e o percebido nas políticas de juventude do governo lula: caso prouni e projovem original em pernambuco**. Educação e cultura contemporânea, Rio de Janeiro, v. 12, n. 27, p. 212-230, 2015.

Novaes, R. R. (2007a). **Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas**. In O. Fávero, M. P. Spósito, P. Carrano & R. R. Novaes (Orgs). Juventude e contemporaneidade (pp. 253-281). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd.

Novaes, R. R. (2007b). **Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Sociologia especial: Ciência e Vida, 1(2), 6-15.

OLIVEIRA, André Côrtes de. **Ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich** / André Côrtes de Oliveira; orientador Paulo Albertini. -- São Paulo, 2014.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PACHECO FILHO, R. A. **O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise**. Psicologia e Sociedade, São Paulo, v. 9, n. 1/2, p. 124-138, 1997. Disponível em: <>. Acesso em: 04 nov. 2018.

PAIS, José, Machado. **A construção sociológica da juventude**. Revista, Análise Social, vol. XXV (105-106), (1.º, 2.º), 139-165 alguns contributos 1990

RASSIAL, J. J. **A passagem adolescente: da família ao laço social**. Tradução de Francine A. H. Roche. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

\_\_\_\_\_. **A adolescência como conceito da teoria psicanalítica**. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Adolescência: entre o passado e o futuro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. p. 45-72.

REICH, W. (s/d). **Psicologia de massa do fascismo** (M.G. Macedo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1946)

RIBEIRO. **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso / Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.).** — São Paulo : Ação Educativa, 2016.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. **Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros.** Opinião Pública, v. 17, p. 333–368, 2011.

ROSA, Gabriel Artur M.; SANTOS, Benedito R. **Facebook e as nossas identidades virtuais.** Brasília: Thesaurus, 2013.

ROSA, Miriam. D. **O discurso e o laço social nos meninos de rua.** Revista Psicologia USP. v. 10, n.2, 1999. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200013)>. Acesso em: 02 jan.. 2018.

\_\_\_\_\_. **Uma escuta psicanalítica das vidas secas.** (mesa-redonda). In: XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, na UFSC, Florianópolis, Nov. de 2001. Disponível em:< [http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/16\\_rev\\_politica.htm](http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/16_rev_politica.htm)>. Acesso em 17 maio. de 2019.

\_\_\_\_\_. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica.** Revista Mal-Estar e Subjetividade. v. 04, n. 2, Fortaleza, 2004, p. 329-348.

ROSELANI Sodr e da Silva Vini Rabassa da Silva. **Política nacional de juventude: trajetória e desafios** caderno crh, salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica.** São Paulo: Boitempo, 2008.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo** (2<sup>a</sup> ed.) Belo Horizonte: Autêntica. 2016.

SAVAGE, Jon. **A cria o da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SEMENZATO, Geraldo. Opinião e comportamento político: notas sobre a contribui o dos estudos empíricos. Revista Brasileira de Estudos Políticos, n. 9, 1960.

SILVA, Jailson de Souza. **Por que uns e não outros?** Caminhada de estudantes da maré para a universidade.1999. Tese (Doutorado em Educa o)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999

SILVA, R. S. **Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios.** Cad. CRH vol.24 no.63 Salvador Sept./Dec. 2011  
Disponível <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000300013> >. Acesso em: 15 maio. 2018.

SOLANO, Ester . **Crise da Democracia e extremismos de direita.** Acesso em 10 de junho de 2018 <https://www.fes-brasil.org/detalhe/crise-da-democracia-e-extremismos-de-direita/> São Paulo 2018

SOUZA, Regina de Magalhães. **O Discurso do Protagonismo Juvenil**. São Paulo: Ed Paulus, 2008.

SPOSITO e CARRRANO, Paulo. **Juventude e políticas no Brasil**. Davila, O. (ed.) Políticas de juventude em América Latina: políticas nacionais. Viña del Mar, CIDPA, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. Marialice **Foracchi e a Formação da Sociologia da Juventude no Brasil**. 39 encontro anual da ANPOCS, 2015.

ROSA, M. D. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos**: metodologia e fundamentação teórica. Revista Mal-estar e Subjetividade, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27140208> >. Acesso em: 30 out. 2018 .

ROSA, Miriam. D.; DOMINGUES, E. **O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos**: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, 22(1), Florianópolis. Jan. / Abr. 2010. p. 180-188. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000100021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100021) >. Acesso em: 14 maio. 2018.

WELLER, W. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. **Soc.estado**, Brasília, v. 25, n. 2, mai. /ago.2010. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>> Acesso em: 10 mai. 2018.

WELLER, Wivian. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa**: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, 2005a. p. 260-300

## APÊNDICE

### APÊNDICE A

#### ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. Como você escolhe os seus candidatos?
2. O discurso político para você é importante no momento da escolha do candidato?
3. Quais aspectos você considera importantes no momento da decisão?
4. Essa decisão é influenciada por alguém. Se sim por quem?
5. Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?
6. O partido político do candidato é importante para você?
7. O que você sentiu quando o presidente que você votou ganhou?
8. O que você gostaria que mudasse no Brasil com esse presidente?

## APÊNDICE B

### ENTREVISTAS

#### ENTREVISTA 1

PESQUISADORA: Como você escolhe seus candidatos?

Ultimamente eu tenho escolhido principalmente pelo viés liberal, quanto mais voltadas às propostas liberais, para economia, mais me interessa. Mas isso aconteceu há alguns anos atrás, antes disso eu estava muito aquém da situação política do Brasil, mas há uns dois anos eu comecei a acompanhar um pouco mais, muito por influência do que estou estudando, do curso de gestão, as empresas, as economias, eu venho percebendo que propostas liberais são mais interessantes pro Brasil.

PESQUISADORA: Qual seu curso?

Sou formado em engenharia de produção e faço mestrado em administração.

PESQUISADORA: Você falou da importância da economia, como você analisa a economia do Brasil?

Eu julgo importante principalmente a questão da redução da regulamentação, e simplificação dos impostos da ação do Estado, porque o Estado, hoje, tem um nível de intervencionismo muito grande na vida das pessoas. Estou comparado a outros países como os EUA, países com viés um pouco mais liberais. Vou dar um exemplo, hoje nas empresas você vê que elas pagam uma gama de tipos de impostos diferentes, como poderia aglutinar esses impostos num só tanto pras empresas quanto para eles. Isso eu venho estudando e percebendo, mas não sei se isso é verdade, mas isso é o que vejo em algumas empresas. Meu interesse principal é no desenvolvimento econômico do Brasil.

PESQUISADORA: Você se referiu a algo que eu achei interessante, você falou sobre a intervenção do Estado na vida das pessoas, você acha que a expansão do liberalismo iria auxiliar nesse aspecto, você poderia me falar um pouco melhor sobre isso?

O liberalismo enquanto vertente de pensamento, por exemplo, se você é uma mulher que quer se vestir de homem, você se veste de homem e eu não tenho nada a ver com isso, se você é um homossexual eu não tenho nada a ver com isso, se você quer usar drogas, não tenho nada a ver comigo, se alguém me perguntar eu digo pra não usar. Você só não é livre, juridicamente falando, pra agredir outra pessoa. Então isso é o que o liberalismo é contra: contra a agressão. Em alguns sentidos, pode-se dizer que o Estado agride as pessoas, quando ele cerceia a liberdade do cidadão de fazer algumas coisas, criar regras para evitar algumas coisas, poderia citar o protecionismo, você impõe sobretaxa a produtos que vem de fora, para proteger os produtores locais. Os brasileiros com o pretexto de proteção da economia, isso é uma forma de agressão.

PESQUISADORA: Então você acredita que o liberalismo é uma forma de proporcionar maior liberdade para as pessoas viverem como elas gostariam de viver?

Sim, em essência sim, mas podemos discutir, se os liberais, se as pessoas realmente querem isso, têm muitos liberais que são contrários às drogas, ao armamento civil, ao casamento homossexual, pra mim uma pessoa que é liberal de verdade é liberal em todos os sentidos.

PESQUISADORA: E você se considera liberal nestes sentidos?

Eu tento pelo menos.

PESQUISADORA E você acredita que no Brasil há políticos liberais em essência de acordo com o pensamento liberal como você falou?

Eu não sei dizer, mas existem discursos que mostram que sim, agora se eles vão se mostrar como estadistas ou se eles vão à contradição no futuro não sei dizer.

PESQUISADORA: Então o discurso político pra você é importante na hora da escolha do candidato?

Sim, o discurso e o histórico, porque hoje você pode dizer que tem um candidato liberal que nunca foi político antes, não tem como você saber se vai ser um bom político, se ele dizia antes uma coisa e depois mostra outra, aí você pode perceber alguma contradição daquilo que ele disse daquilo que ele fez, se ele mudou algumas aspirações, seu pensamento, vai depender do cruzamento dessas informações.

PESQUISADORA: Quais aspectos você considera importantes no momento da decisão?

O viés liberal. Pensar no desenvolvimento econômico, e a questão da segurança pública. No Brasil nos últimos 20 anos, a escalada da violência tem sido impressionante e eu fui vítima disso, eu fui assaltado quatro vezes, tive arma apontada na minha cara, então quando me perguntam se a polícia e se os órgãos precisam ser mais duros com os criminosos eu digo que precisam ser muito mais duros com os criminosos hoje, porque eu sei que a impunidade é muito grande não só com os criminosos, mas com estadistas, os políticos e com todas as pessoas.

Você vê que tem criminosos que entram na cadeia por pequenos delitos, roubo, furto isso, aquilo, mas aí eles passam pouco tempo ali e voltam a delinquir 10, 15 vezes pior, aí você pergunta o que é que um cidadão desses que rouba 10 vezes estar fazendo solto? Ele não tinha que estar aqui no nosso meio não tinha que estar solto aqui, por que você sabe que ele vai voltar a delinquir. A probabilidade dele voltar a delinquir é sempre maior, então a possibilidade deles se tornarem cidadãos de bem trabalhadores é muito pequena.

PESQUISADORA : Então você não acredita na ressocialização?

Olhe, pode ter várias explicações, eu não vou aqui citar quais seriam, mas o que eu entendo é que a maioria são pessoas boas que querem voltar a trabalhar que não querem prejudicar as outras, e a minoria são de pessoas que por iniciativa própria (isso também é preceito liberal), a questão do individualismo, você é responsável por suas próprias ações, então se você comete um mal contra outra pessoa, isso é responsabilidade sua você tem que pagar por isso, e eu não vou tentar levar isso para além do seu próprio indivíduo, pra tentar entender o que te levou a fazer aquilo, por exemplo, se você está desempregado ou se sua família é ruim ou você não teve família isso é algo secundário, se você é um indivíduo que praticou o mal pra alguém isso é escolha sua e você tem que pagar por isso, e a depender da gravidade daquilo que você faça, maior o castigo contra você, então eu acredito numa pena mais dura e uma ação mais

repressiva dos criminosos. O fim dessa progressão de pena, são propostas desse tipo que pra mim faz diferença.

PESQUISADORA: Você falou sobre algumas questões que você acredita serem secundárias em relação a levar uma pessoa a cometer algum tipo de delito, o que você acredita que levaria uma pessoa a fazer isso?

Em primeiro lugar eu acredito que tem o interesse do indivíduo em cometer um mal, pode sim ter um trabalhador que ficou desempregado, que tem contas da família pra pagar, e em determinado momento ele cometeu um crime, mas você sabe que ele é uma boa pessoa, e que se ele tiver uma oportunidade de emprego, ele não vai voltar a delinquir, e existem pessoas que simplesmente não trabalham, uma minoria que não tem interesse em trabalhar, só tem interesse em delinquir, só em roubar e fazer o mal pros outros. Pra mim essas pessoas fazem por interesse pessoal, individual, e que independente da sua vivência, da sua família, e são pessoas que se colocar uma proposta de emprego para elas, ela não vai aceitar, não está nem aí, e no fim das contas, é o que vem acontecendo no Brasil, a repetição do crime cada vez pior, e pra mim elas não deveriam estar na sociedade. Tem que ter sua liberdade cerceada. Em alguns casos até sua vida.

PESQUISADORA: Você falou sobre duas coisas que considero importantes, como o fato de ser uma escolha tornar-se criminoso e que de alguma forma ele tem uma maldade em si. Você pode falar um pouco mais sobre isso?

Eu acredito que em alguns casos isso pode ser patológico ou pode ser de caráter mesmo. Uma pessoa que ao longo de sua vivência quer tirar vantagem, como políticos corruptos, e têm pessoas que têm tendência a voltar a delinquir, em alguns casos porque sentem prazer, não necessariamente seria uma doença, patologia, ou que o produto do crime delas esteja trazendo vantagens financeiras pra vida dela que fazem que elas não queiram viver uma vida comum sem cometer mal pras pessoas, sabendo que poderia ter ganhado menos. Como os políticos corruptos, os traficantes de armas, drogas. Então pra mim existem sim pessoas que agem individual por interesse próprio, são más em essência e que essas pessoas têm para mim, uma possibilidade muito pequena, senão nula, de ser uma pessoa do bem, só se for iluminada por uma entidade divina.

PESQUISADORA: Você não acha que de alguma forma o liberalismo estimula esse pensamento mais individualista, como você falou que preza mais o seu interesse próprio?

O conceito de individualismo que eu entendo não é você não pensar nos outros, é você pensar em si próprio enquanto agente do seu próprio desenvolvimento. Eu creio que o que está faltando nas pessoas é o individualismo, elas acreditem em si própria, que elas acreditando, se capacitando, sendo honestas, trabalhadoras, esforçadas, conhecer mais as coisas, têm uma tendência maior em terem um desempenho individual e social melhor. Porque se você é uma pessoa que não quer agredir outra pessoa, você sabe que você só somado a força de outra pessoa conseguirá crescer mutuamente com ela, o individualismo não seria ruim nesse sentido, isso não é egoísmo ou egocentrismo, o que eu penso que as pessoas principalmente no Brasil acreditam, é que uma figura superior ou indivíduo como Estado, vai vir pra resolver seus problemas. É o que acontece quando as pessoas terceirizam suas próprias responsabilidades, enquanto indivíduo de lutar por suas próprias conquistas. Então essa questão de delegar pro Estado ou para outra entidade divina, que venha em seu socorro é algo muito negativo, uma visão muito ruim e deturpada do próprio coletivismo. Não necessariamente coletivismo é se juntar, e não necessariamente o que é bom pro indivíduo é ruim pro coletivo, não existe um grau, um eixo contínuo entre individualismo e coletivismo, você precisa pensar em si próprio, isso não significa dizer que você não é altruísta que não vai querer ajudar o próximo, uma coisa em minha opinião não tem nada a ver com a outra.

PESQUISADORA: Certo, vamos prosseguir com outra questão! Você acha que a sua decisão de voto é influenciada por alguém. Se sim, por quem?

Sim, como estava fora do debate político, até ali meados de 2010 a 2016, por exemplo, então nesse período eu não votei em ninguém, votei nulo. Estava desacreditado na política com os escândalos de corrupção, o Brasil decaindo cada vez mais, a justiça não sendo feita, que eu simplesmente decidi cuidar do que é meu: vou arrumar um emprego, me desenvolver enquanto indivíduo vou buscar uma empresa, independente do estado. Aí em 2016 durante o *impeachment*, eu voltei a assistir os jornais, a voltar pro debate político que eu achei que já não existia mais. Na época não conhecia o conservadorismo, o liberalismo, essas outras vertentes de pensamento, e não essas que estava em *mainstream* (na moda) como o socialismo, progressismo, eu comecei a acompanhar timidamente e depois comecei a acompanhar mais, principalmente por Youtube, redes sociais, debater com colegas, e fui

percebendo que existem outras vertentes que estavam surgindo, outras que já existiam, mas que eram tímidas, não afloraram para o povo e tal, e eu comecei a perceber logo que eu não tinha percebido antes que o brasileiro médio, digamos assim, até meio estranho dizer isso, mas aquele brasileiro a maior parte tem perfil conservador, são católicos.

PESQUISADORA: O que você quer dizer por brasileiro médio?

O digamos assim, uma pessoa que apoia determinadas pautas, pesquisas mostram que a maioria dos brasileiros são conservadores, que defendem pautas conservadoras, geralmente são católicas romanas ou evangélicas, a maioria também votou favoravelmente ao armamento, que as pessoas tenham o direito de ter sua arma, que é uma pauta conservadora, outra pauta é contra o aborto fora do que diz a legislação, também à questão da não liberação das drogas. Então percebi que a maioria dos brasileiros eram conservadores, e eu não conhecia o conservadorismo enquanto vertente política e ideológica e agora elas estão começando a aparecer e se declarar, antigamente quem votada no PSDB, em oposição à esquerda ao PT, a partidos que, digamos assim, socialistas, trabalhistas, votam porque não se identificavam com aqueles representantes, com seus ideais, mas não tinha ninguém em que eles se identificassem algo que representassem eles, então começaram a ver em alguns candidatos como o próprio Bolsonaro, que acabaram encarnando esse tipo de indivíduo que defende essa pauta que está na política, e poderia colocar em prática essas pautas.

PESQUISADORA: Então hoje você se considera conservador?

Não, eu me considero liberal, mas apoio algumas pautas conservadoras. A liberação das armas, porque eu acredito que se um bandido souber que você tem uma arma em casa ele vai pensar antes de invadir sua casa; eu defendo o armamento civil; outra pauta que eu defendo é a questão da escola sem partido, apesar de não considerar esse nome correto e nem considero a proposta boa, mas o que eu considero que a discussão da escola sem partido já ganhou muito, principalmente pelo debate, ou seja, o debate em torno disso, da abordagem de vários temas no meio escolar, daquilo que faz parte do debate político, o que é cerceado no ambiente escolar posto em pauta e que o viés ideológico não impeça do professor passar isso, e que o viés ideológico do professor não demonize posições políticas/ideológicas diferentes da que ele propõe. Eu proponho escola com partidos que você não tenha professores que omitem a

existência de movimentos desse tipo, que abordem eles e discutam eles e não demonizam esse discurso nas escolas.

PESQUISADORA: E você acredita que há um movimento ideológico dos professores dentro das escolas?

Há, eu creio que sim o viés ideológico, por exemplo, a gente aprendeu na escola que o termo neoliberalismo é uma evolução do liberalismo, como um segundo passo, isso já é uma enviesamento do conhecimento, isso fere o ideal conservador, o conservadorismo nunca defendeu o neoliberalismo, eles chamam de outra coisa, de corporativismo, e eu defendo essa pluralidade maior. O meio regulador da educação, o viés ideológico que os professores têm, (que no meu caso, eu nunca tive um professor que me passou um conhecimento enviesado), o professor também não pode ser culpado por passar o que está no material, e a própria formação do professor é algo particular. Os professores podem se auto declarar o que eles querem, é liberdade deles; eu não concordo quando demoniza o professor. O que não dá é que no meio educacional, em que os filhos e as famílias são obrigados a estar ali, que eles doutrinam os alunos num determinado viés ideológicos, eu já vi casos, poucos, mas existe, eu já vi que tal candidato é ruim, tal visão de mundo é ruim, e se o aluno se posicionar o professor acaba prejudicando ele. Então o que eu creio que tenha que ter no ambiente educacional, um ambiente de debate, que o aluno não seja penalizado. Eu creio que tenha que existir é debate, debate de verdade. O que não pode dizer é que o conservadorismo é pior do que o progressismo, o aluno, o professor não podem ser penalizados por se dizer uma coisa ou outra. Então o que eu creio a escola sem partido é ineficaz, apesar de a ideia ser boa, o que tinha que entender é o que professor não poder fazer em sala de aula, então pra mim já ganhou no debate.

PESQUISADORA: Você falou bastante até agora sobre sua identificação com o liberalismo, quais foram as suas principais aproximações e interesses neste sistema?

Principalmente com a revolta, com a ação do Estado, a ação dos estadistas principalmente. Falar em ação de Estado já cai em contradição, pois entidades abstratas não agem, o indivíduo age, os estados não agem. Estadistas agem de acordo com normas que foram delineadas para o Estado. Então durante minha vinda para Aracaju, quando eu comecei a trabalhar, durante minha vida escolar, eu vi que os políticos não agem por viés ideológico e sim corporativismo

e por interesse próprio, agem de acordo com o que é melhor, convém para si e próprio grupo, então comecei a pensar já que as pessoas não tem ideologia, elas não seguem aquilo que elas falam então não acredito mais na política, não vou votar mais em ninguém e não tenho mais interesse em acompanhar isso. Então parei de acompanhar os jornais, os debates políticos, e durante esse período eu procurei pensar mais em mim mesmo, ser mais individualista, então nesse período eu comecei a estudar mais, a procurar um trabalho, a me dedicar mais a ser uma pessoa que tivesse um pouco mais de destaque aos olhos dos outros, seja dentro da minha empresa, seja na faculdade, então eu comecei a cultivar isso dentro de mim mesmo, e quando eu comecei a estudar o liberalismo em meados de 2016 eu percebi que eu me identificava com isso, que era exatamente aquilo que eu estava fazendo, que é o que eu acredito; eu percebi que o fato de não ter me identificado com nenhum outro tipo de ideologia antes, como socialismo, progressismo esses que já conhecíamos, isso significa dizer que não fui apresentado a essa visão de mundo e que agora eu sei que posso dizer que tendo mais pro viés liberalista. Eu só não tendo para um anarco capitalismo, digamos assim, porque eu creio que o estado tem uma função, a defesa da soberania nacional, imparcialidade na questão da justiça, de segurança pública de maneira imparcial, porque se a iniciativa privada entrasse nesse meio, ao invés de ter polícia, ter milícia, ao invés de ter exército, ter mercenários; ao invés de ter uma justiça privada, por exemplo, que é o que defendem os anarco capitalistas eu não creio que venha dá certo, nem mesmo eles acreditam que isso possa dar certo, mas como acreditam que a iniciativa privada é mais eficiente do que o estado, então eu me identifico com o liberalismo nesse sentido, mas a interferência na vida das pessoas tem que ser mínimas ou nulas.

**PESQUISADORA:** Diante disso que você expôs, sobre a mínima interferência do estado na vida das pessoas, o que você acha das pautas que vem sendo prioritárias para esse presidente?

Então, acho muito complexo isso, porque é o seguinte, se você olhar o conceito de progressismo e você olhar o movimento progressista, são duas coisas completamente diferentes. Em conceito o progressismo seria dizer o seguinte, olha (o que eu entendo né) que o desenvolvimento científico, que o desenvolvimento da sociedade leva ao progresso natural, ou seja, você não pode frear esse tipo de coisa, isso eu concordo, mas o movimento progressista, eu não me identifico com isso, porque é um movimento mais voltado pra esquerda, um movimento mais voltado pro intervencionismo estatal, que acredita que o estado interferindo na economia vai trazer o desenvolvimento, eu não acredito nesse tipo de coisa,

inclusive por experiência própria, ou seja, a ação estatal que tivemos na economia do Brasil não foi uma ação efetiva, foi uma ação que gerou corporativismo, que gerou uma desigualdade ruim. Porque pra mim desigualdade ruim não é se eu sou rico e você é pobre, isso pra mim não é desigualdade. Desigualdade ela só é ruim quando ela é artificialmente gerada pelo estado, a desigualdade existe, aí é desigualdade ruim por que tem dinheiro público envolvido, aí como o caso dos campeões nacionais do tempo do PT, como a Odebrecht, JBS, essas empresas se você jogar no livre mercado eles não teriam o poder que tem hoje, elas só estão assim porque o estado usou dinheiro nosso, aplicou dinheiro público, isso pra mim eu não concordo. Elas não cresceram por que é boa e inovadora isso eu não concordo. Isso em essência é algo defendido pelos progressistas, e ele pode sim pegar uma parcela e dos nossos impostos, dos nossos tributos e subsidiar a indústria, isso eu não concordo, isso pra mim é um passo pra corrupção.

PESQUISADORA: Foi o primeiro momento durante essa entrevista que você alterou o tom de voz, e ficou mais agitado, você percebeu isso?

Sim, porque por experiência própria pelo que venho proibido no Brasil, é algo que vem sendo feito, é algo que não é liberalismo; isso até cerceia a liberdade de outros indivíduos de empreender, crescer em igualdade de proporção com outras empresas. Se eu quiser abrir uma empresa como é que vou concorrer com a JBS que recebe dinheiro do governo? A JBS era um frigorífico de esquina, que foi escolhida a dedo pra receber dinheiro nosso; então é algo que me revolta, porque isso cerceia a liberdade dos outros de empreenderem e de poderem ter igualdade de condições e chances de sucesso, isso até cerceia a liberdade do indivíduo, e além de ser dinheiro público investido em empresas.

PESQUISADORA: Então você acredita que o candidato que você votou defende o liberalismo e vai acabar com esse mecanismo que você citou e vem sendo realizado no Brasil?

Em discurso sim, inclusive há nem tanto tempo, Bolsonaro não defendia isso, ele era mais estatizante, mas eu creio que a aproximação dele com Paulo Guedes, com defensores do liberalismo tenham mudado ele e acho que não completamente, mas eu não acho que é uma contradição dele, como há cinco anos, porque ele ainda defende as riquezas naturais e é algo que precisa ser protegido. Ele é contra a privatização da Petrobrás, ele é contra a exploração

livre das riquezas naturais, ele acredita que elas são reservas estratégicas do Brasil pras crises, eu sou contra isso; isso é uma questão de eficiência, mas isso mostra que ele não abandonou sua visão de que o estado é importante, mas pra mim ele entendeu que o livre mercado é importante e de que a redução do estado na vida dos indivíduos isso também é importante, que essa manutenção em parte de coisas que ele acreditava não é contradição, não é porque tá na moda, eu acredito que ele conversou com liberais e mudou de opinião, mas existem vestígios no seu pensamento, nacionalista, patriota, entendeu? Que no Brasil você não pode simplesmente liberar geral, mas precisa ter um grau maior de liberalismo, ou um grau menor de interferência do estatal na economia e na vida das pessoas.

PESQUISADORA: Você vem acompanhado nos últimos anos uma ascensão do discurso conservador no mundo todo, e de políticas mais voltadas para a extrema direita, mais liberais. Como você entende esse fenômeno?

Eu não saberia dizer o porquê, isso é que eu ainda estou acompanhando, e que na verdade é algo que veio se acumulando quando eu ainda tava fora do debate político. Por exemplo, aqui no Brasil, que a panela de pressão explodiu em 2013 e foi quando as pessoas saíram às ruas, ninguém sabe porque ninguém sabe a que se manifestavam, mas todos sabem que existem muitos motivos, era contra corrupção, contra o aumento de 20 centavos na tarifa do ônibus, era todo mundo achacando os partidos políticos, foi o estopim para o debate político. Pra mim foi o importante para o debate sair do anonimato. O que eu venho acompanhando é que o debate conservador e liberal já existia em vários vieses, mas que o povo não conhecia, então foi a partir dali que começaram a surgir outros movimentos, como Brasil livre, vem pras ruas, canais no Youtube, facebook, redes sociais, que começaram ganhar notoriedade por defender pautas que essas pessoas (como meu próprio exemplo), se viram representadas. Por isso quando eu disse que eu comecei a pensar mais em mim mesmo, quando o estado caiu em descrença pra mim. Mas a pauta conservadora vem sendo defendida há anos, antes elas não se chamavam de nada, hoje elas sabem que isso se chama conservadorismo, enquanto vertente de pensamento.

PESQUISADORA: Mas no Brasil esse movimento conservador, de extrema direita sempre existiu, inclusive saímos de uma ditadura a pouquíssimo tempo, e pautas conservadoras sempre foram frente de luta.

Mas recentemente teve também Olavo de Carvalho, Eneias Carneiro, que defendiam conservadorismo. O que eu digo é que na virada do Brasil império e república viera muitos resquícios, com militares muitas vezes no poder, pela forma que eles chegaram ao poder, pra mim (não o fato de serem militares, mas sim como chegaram ao poder) é indício de fragilidade do Brasil em termos de manutenção e estabilidade das suas bases. Você vê Vargas, Dutra, militares de 60 e 70, chegaram ao poder negando os que vieram antes, vou utilizar esse discurso aqui pra inflamar o povo, e com esses discurso eu vou e entro aqui no governo. Pra mim a história em si é algo enviesado, porque ela é contada por um ser humano, então não sei o que aconteceu, mas creio que precisam ser apresentados os vários lados da história.

Eu tava vendo um tempo desses a constituição da verdade que tava interrogando o coronel Ustra, que teria sido um torturador, que escreveu um livro mostrando vários documentos oficiais, que não teria sido levado pra Bahia pró julgamento dele, para serem utilizados na diziam dele. Ali ele tava sendo obviamente julgado acusado, então fiquei pensando que aprende na escola, que coronel Ustra teria sido um torturador, e visão que eu tinha é que ele era um monstro que prendia artistas, pessoas contra o regime, que torturava e matava. Mas esses senhor escreveu um livro, apontando vários erros na interpretação dos documentos, mostrando fotos, o cara estava ali mostrando que ele não era o que diziam ser ou não era exatamente aquilo, porque ele disse realmente que torturou, mas que não teria matado ninguém e as pessoas que tinham morrido seriam rebeldes comunistas que queriam instalar outro tipo de ditadura aqui no Brasil, e estava em estado de guerra e se estava então você podia matar, atira pra matar e que estava amparado pelo estado de guerra que era previsto em constituição. Então se estava em guerra e quem morreu eram os rebeldes que estavam contra a constituição, então quem tava com a razão: os militares ou rebeldes? Muitos vieram implantar a ditadura comunista, foi treinado na União Soviética, Cuba, na China. Então o que seria melhor ter a ditadura que tivemos aqui ou seria melhor que os comunistas tivessem assumido o poder e se tivéssemos um país parecido com a China que 50 milhões foram assassinados? O que foi melhor ou pior? Aí a dúvida surge, aí no fim das contas eu não sei de nada. Chega nessas horas e meu cérebro me dá o comando para eu parar de pensar, que não vai dar em lugar nenhum, então eu deixo pra lá, isso é coisa pra se debater.

**PESQUISADORA:** O partido político dele importa? Por quê?

Não, eu inclusive sou favorável a candidaturas independentes, sem partido político, mas aí tem um componente importante, porque um partido tem estatutos. Se você tá em um partido e

muda pra outro com viés totalmente diferente isso mostra contradição, que tá querendo enganar alguém, ou que de fato mudou sua visão. Já vi acontecer no Brasil. Até porque no Brasil o partido não tem muita ideologia, nem as pessoas que estão neles.

PESQUISADORA: E você acredita ser importante as pessoas terem uma ideologia?

Sim, tem que existir o posicionamento dos indivíduos, e dos próprios partidos, que de alguma forma têm, principalmente os políticos que interferem na nossa vida, e isso impede o falso moralismo, e impede que aquela pessoa caísse em contradição com aquilo que ela vá fazer, e isso defendo pra setores da mídia, setores civis, movimentos sociais. A gente sabe que os movimentos que se dizem isentos, ONGs, que sabemos que seus membros tem viés ideológico, e acho que isso deve ser exposto, e pela importância do debate político hoje no Brasil é estranho um setor que se diz sem viés ideológico, isso gera nas pessoas um pé atrás.

PESQUISADORA: O que você sentiu quando o presidente que você votou ganhou?

Não senti nada, até porque ainda tenho descrédito na política, porque pra mim Bolsonaro não é diferente da velha política, eu votei no discurso dele, e porque achei que o ministro da economia é bom, não tive nenhum sentimento bom. Mas se Haddad tivesse ganhado, eu sentiria uma revolta muito grande, uma revolta tremenda. Eu poderia dizer que só senti alívio por Haddad não ter ganhado.

PESQUISADORA: O que você gostaria que mudasse no Brasil com esse presidente?

Corrupção diminuísse, porque ela impacta na economia, a corrupção não vai acabar já tá tendo esses escândalos aí com o filho, com o próprio Bolsonaro. Pra mim votar no político achando que ele não vai se corromper, pra mim é inocência. Eu votei achando que a corrupção poderia diminuir. Uma vez eu li que os escândalos do Brasil depois do PT são considerados os maiores escândalos políticos mundiais, com maior desvio, e quadrilha dentro do governo dentro e fora do Brasil. Isso eu anseio começa diminuição. Eu tava tendo medo da imparcialidade da justiça, mas to vendo que a justiça está sendo parcial. Eu não acredito em isenção não, porque a polícia, os juízes, têm viés ideológico, minha preocupação era com isso. Mas creio que esses últimos anos os órgão estão cumprindo a lei, tentando cumprir as leis, e creio que por conta disso a corrupção vai diminuir.

PESQUISADORA: Tem mais alguma questão que você gostaria de acrescentar?

Não acho que já falei muito (risos).

PESQUISADORA: Só tenho a agradecer, pela sua participação, e assim que publicarmos envio uma cópia para você.

Quando a entrevista finalizou, começamos a conversar sobre o mestrado, ele conta sobre o rompimento da sua bolsa, e fala da sua vida profissional, que precisou largar o emprego para se dedicar exclusivamente ao mestrado. Saiu do trabalho em 2017 quando iniciou o mestrado e ganhou a bolsa, então resolveu se demitir, não recebeu nenhum benefício pois não houve acordo de demissão com a empresa em que estava empregado, saiu sem receber nada, apesar da empresa muito boa comigo, as leis que regem as empresas são pra proteger elas, por exemplo a empresa não poderia me demitir, e em outro momento me contratar novamente, e agora eu sei que tenho chance de voltar pra lá. Dessa forma foi melhor perder naquela época.

Conta como foi alguns percalços da sua carreira profissional, sobre o que fazia como vendedor, sobre a carga horária, sobre seus colegas e como estes exerciam de modo pouco interessado suas atribuições, e isso pra ele é algo que revolta, pois mostra que o indivíduo está ali só para ter um emprego, que não deseja crescer dentro da empresa em que trabalha empresa essa que fornece o sustento, e que para ele uma pessoa que não está interessada em crescer nem deveria estar ali. Porque as empresas oferecem treinamentos, capacitações e em poucos anos a depender do seu desempenho você pode se tornar até gerente, mudar de cidade e assim construir sua carreira, mas depende exclusivamente do desejo do indivíduo. Conta que nessa empresa conheceu um colega, que era um excelente funcionário, pontual, realizava todas as suas atribuições, sempre muito colega dos outros e companheiro. Este colega participava de todas as capacitações e eventos e para os colegas ele já era uma liderança, mesmo sem ter o cargo, e todos sempre estimularam para que ele fosse o encarregado do grupo (uma espécie de chefia). Com o tempo este mesmo colega conseguiu o cargo de chefia, e foi quando começou a perceber que seu colega estava ficando cada vez mais triste, mais isolado, já não conversava tanto, não estava tão presente, e fui questionar a ele o que tava acontecendo, começamos a voltar de ônibus juntos, e nos tornamos amigos, e ele me contou que desde que havia assumido este cargo, seus colegas se afastaram, começaram a ficar com raiva quando ele cobrava pontualidade, que realizassem as tarefas (coisas de chefe), porém

isso estava te fazendo muito mal, foi quando ele resolveu pedir demissão do cargo de chefia e voltou ao mesmo cargo que os amigos, e isso resolveu o problema dele. Então pra mim esse caso é diferente eu não julgo esse meu colega, porque mesmo ele sendo um bom chefe, ele não conseguia lidar com as responsabilidades de um. Mas as outras pessoas que não se dedicam, não estão motivados, eu não aceito não, por mim eles não merecem ter nem emprego.

Ah e esse meu amigo ele é bem gay viu, não esconde pra ninguém, e foi com ele que eu fui aprendendo a não ser tão homofóbico, comecei a andar com ele e é meu amigo até hoje encontro ele sempre no ponto de ônibus. Então assim eu entendo ele, mas os outros não.

O celular do entrevistado toca e precisamos encerrar a conversa.

## **ENTREVISTA 2**

PESQUISADORA: Como você escolhe votar em seus candidatos?

Eu pesquiso em internet, em revista, no Jornal Nacional, essas coisas...

PESQUISADORA: Quais aspectos você considera importantes no momento da decisão do voto?

Primeiramente que ele seja honesto, que imponha respeito nas suas entrevistas que seja verdadeiro, tenha pulsos fortes.

PESQUISADORA: E o que seria ter pulso forte pra você?

Pra mim é você impor sua proposta e segurar o que você está dizendo né?

PESQUISADORA: E quais propostas do seu candidato que ele apresentava desta forma?

A respeito da redução da maioria penal, a respeito da castração química para estupradores sou a favor.

PESQUISADORA: São duas pautas tratadas como pautas de segurança pública, você se interessa por essas questões?

Sim, sim porque estamos em decadência na parte de direitos, sei que os direitos humanos são para os seres humanos, mas os direitos humanos não estão incluindo os cidadãos de bem, eles só estão incluindo a classe e família de presidiários.

PESQUISADORA: O que você pensa do ganho desses direitos para essa população?

Eu acho que tem direito, só que algumas pautas se você for analisar você vai ver que esses ganham mais que um cidadão de bem que trabalha, mais que um salário mínimo, até porque têm familiares que sofreram a perda dos seus parentes que não recebem, e os filhos de presidiários recebem, eu sei que ele não tem nada a ver, mas acho errado. Acho que Bolsonaro e Paulo Guedes podem ajudar nessas coisas.

PESQUISADORA: Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?

A economia brasileira de 10 anos pra cá caiu muito, com a Odebrecht, Banco do Brasil, Itaú, são muitas empresas que prejudicou o Brasil, sabemos que o rombo é de quase 400 milhões e quem tá pagando é a população brasileira, que eu sou a favor, mas não em todos os aspectos.

PESQUISADORA: Com essas notícias de corrupção envolvendo o filho de Bolsonaro e o próprio, qual sua opinião sobre isso?

Eu acho assim, que onde tem fumaça há fogo, eu acho que tem que investigar sim, e seguir a lei como Bolsonaro quer quem for culpado tem que cumprir.

PESQUISADORA: E você acredita que Bolsonaro está envolvido também?

Olhe, não sei, porque é família né? Família sabe de tudo, eu sei que não existe candidato honesto no Brasil, mas Bolsonaro era o que o Brasil estava precisando. Ele era quem representava o que eu mais queria, as questões da criminalidade saúde e educação.

PESQUISADORA: Essa decisão é influenciada por alguém? Se sim, por quem?

O que me chamou atenção foram as pesquisas, as redes sociais, as entrevistas, a mídia pra mim é e não é importante porque ela não passa a notícia que é verdadeira, ele distorce e passa o que eles querem passar, principalmente a Globo e a Rede Record.

PESQUISADORA: E você acha que nas redes sociais as notícias eram mais imparciais que na televisão?

Pra mim sim, porque a gente pesquisava a fundo, ia ver se realmente a notícia era verdadeira ou não para depois dar opinião.

PESQUISADORA: Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?

A economia, assistência social aos necessitados realmente, a saúde, a prevenção, a educação. Na economia eu gostaria que mudasse as regalias, pra mim é uma das questões que mais prejudicam o país. Prefeitos se aposentam bem antes que o trabalhador, e têm vários benefícios, com valores absurdos que não concordo, teria que ter igualdade na questão dos salários também. Na pública e privada as coisas são bem diferentes, na rede privada é bem melhor, acho que deveria ter igualdade, você não vai ver um professor de rede pública e privada com os mesmos benefícios.

PESQUISADORA: O que você pensa das privatizações?

Acredito que boa parte das privatizações seria interessante, mas não todas. A questão da saúde, creio que todos que tem condições não deixam de ir pro particular, pro público, porque todos sabemos o atendimento.

PESQUISADORA: Você citou a assistência, quais pautas de Bolsonaro você acredita que contempla essa área?

Acho que ele precisa rever, principalmente, a questão trabalhista, porque o trabalhador rural está se prejudicando, isso eu não concordo não colocar o rombo do país nas costas dos trabalhadores sendo que a culpa é das empresas que recebem propina e não têm punição.

Eu acho que o PT trabalhou bem nas questões da assistência, mas tem alguns pontos que eles erraram muito, e acho que Bolsonaro vai mudar isso, eles facilitaram pró cidadão acompanhar as notícias não só a que eles queriam mostrar, mas como um todo mesmo. Tem outros pontos do PT que eu também concordo que são as questões sociais, mas eles pecam muito na fiscalização, facilitam demais, e quem realmente precisa não recebe. Muitos vereadores e prefeito pegam os cartões e recebem tirando de quem precisa mesmo. Os trabalhadores rurais que plantam suas roças plantam 200, 300 tarefas de terra pedem ressarcimento do governo por cada safra perdida, sendo que eles não perderam e sim ganharam duas vezes.

PESQUISADORA: Pelo que você está falando têm muitas pautas do PT que você se aproxima, quais questões você se distancia?

A questão dos direitos humanos eu não concordo, mesmo sendo uma vida, mas os criminosos recebem apoio dos direitos humanos, e as famílias das vítimas não recebiam apoio nenhum.

PESQUISADORA: O partido político dele importa na hora da decisão e por quê?

Pra mim não, o que importa são os candidatos, se são honestos, se tem índole, esse tipo de coisas, primeiro pra mim é a honestidade que é a que ta faltando no país.

PESQUISADORA: O discurso do candidato é importante?

Pra mim creio que não, porque não sei se aquilo é verdadeiro se aquelas palavras dele vem do coração da pessoa, não é?

PESQUISADORA: Como foi que você, de alguma forma, acreditou mais em Bolsonaro do que nos outros candidatos?

Acreditei mais nessa parte mesmo de criminalidade, foi mais nada nas propostas mesmo né? Mas, por exemplo, a forma dele não discursar como se diz a forma de ele falar tudo na lata não tem medo de me falar o que pensa, em partes ser um pouco radical também e esse radicalismo representava honestidade.

PESQUISADORA: O que você sentiu quando seu candidato ganhou?

Eu senti alegria, porque foi o primeiro candidato que eu estudei que ganhou. Se ele tivesse perdido eu teria sentido um pouco de tristeza, só que eu queria que o candidato que ganhasse fizesse um bom trabalho para melhorar o país para transformar as famílias, mudar a economia, deixar seu país com mais moral fora do Brasil.

**PESQUISADORA:** O que você gostaria que mudasse no Brasil com esse presidente?

Gostaria que as famílias tivessem salário mais justo, porque não concordo com salário atual, gostaria que implantassem mais escolas em periferias pra dar mais oportunidade e tentar amenizar a criminalidade do país. Hospitais no Brasil. Gostaria que tivesse mais hospitais, a saúde tá em decadência, os pacientes estão acamados em corredores. Concordo com o corte de festas nas cidades com dinheiro público, eu sei que beneficia muita gente muitas famílias com vendas, mas eu não concordo.

**PESQUISADORA:** Bolsonaro apresenta um discurso conservador, muitas pautas apontadas por ele são ditas conservadoras, como você enxerga isso?

Algumas eu concordo, não todas, eu concordo em questão porque como é que um adolescente de 16 anos tem livre arbítrio para escolher um presidente, que é uma coisa importante para o nosso país, tem a responsabilidade, desafio você não ter essa responsabilidade de assumir pelo seu filho, ele vai começar mais cedo a delinquência, essa questão para mim 16 anos eu concordo. A castração química que eu concordo o quê me crê que vai ser como lidar com aquele pedófilo, aquele estuprador, vai intimidar dele cometer o ato, sei que deveria ser feito mais prevenção, encontrar formas de combater esse ato de violência contra mulher, pra não chegar a esse ato. Concordo com o porte armas, mas não sair liberando assim para qualquer. Primeiro você tem que ser limpo na justiça emprego, maior de 21 anos, cidadão de bem, que seja só para ter quando eu fico dentro de casa você não precisa tá saindo na rua. Só a posse para ter em casa, porque o sujeito precisa ter o direito de se defender né?

**PESQUISADORA:** O que seria pra você um cidadão de bem, que você já citou umas duas vezes?

Cidadão de bem para você realmente. Seja honesto, trabalhador, independente do seu cargo. Se você for professor ou feirante não importa, o que importa é você não dever nada à justiça, você respeite todas as pessoas onde você anda.

**PESQUISADORA:** Você acredita na justiça?

Hoje eu não acredito na justiça que ela seja correta para todos. Não acredito muito que tem muito beneficiado, filhinho de papai, quem tem mais condições. Justiça para mim seria se todos realmente recebessem sua punição devida, pelo ato que se cometeu, ela é muito favorável, principalmente pra quem é de classe alta.

**PESQUISADORA:** Você se considera conservador?

Conservador como muitos falam não, eu sou conservador na parte da família. Tipo que todas as famílias tivessem seus direitos, que toda casa tivesse um emprego, ia ajudar o país nesta desigualdade social eu não concordo em uma casa ter muitos cargos, a pessoa precisa ser formada, capacitada na área pra trabalhar, acabar com o apadrinhamento, e não trabalhar só por indicação, como acontece na maioria dos interiores.

A questão da economia que defendemos, a economia liberal, acredito eu que vai diminuir mais a desigualdade entre as famílias e vai gerar mais empregos para população.

**PESQUISADORA:** Então você entende que as classes sociais mais vulneráveis precisam de mais estímulos para se desenvolver?

Precisa na verdade de mais oportunidades, mais escola. Pra mim um ponto que concordo é a escola sem partido. Você tem o direito de escolha, escola pública uma escola militar, creio eu se você tem livre arbítrio de escolher, não seu pai, sua mãe escolher, mas sim o adolescente escolher.

**PESQUISADORA:** O que você acha que a escola militar poderia ajudar?

Na segurança. Eu sei que na polícia também, como em todo lugar tem pessoas honestas e desonestas, no ponto de vista é punir e investigar e se tiver cometendo crime aceitar suborno

deve ser exonerado do cargo, a polícia deve proteger o cidadão, o papel dela não é espancar, é tentar tirar aquela pessoa que está no caminho errado e colocar no caminho certo. Eu acredito muito no militarismo, de alguma forma vai ajudar a disciplinar a sociedade porque estamos numa desordem e a polícia pode colocar ordem novamente. Acho que o caminho é incentivar na parte da Educação, tentar colocar nas periferias para diminuir criminalidade, deveria lançar projetos para tentar estimular crianças nos Esportes.

**PESQUISADORA:** Qual o seu ponto de vista de como está a nossa sociedade?

Do meu ponto de vista uma sociedade desonesta, a maioria procura a facilidade e não a coisa correta, só à parte fácil: furar fila de hospital porque conhecem gente. Não concordo com esse privilégio, porque você tem conhecimento, educação, essas coisas...

**PESQUISADORA:** E quais seriam as saídas para essa sociedade?

No meu ver todos começassem a pensar no benefício ao próximo, e não no seu benefício. Acho que seria assim, eu acredito que a gente consegue o que a gente quer, mas por mérito, não alguém indicando, mas que você conquistou o que lutou pra ter. Eu desacreditei na política por causa dessas coisas, eu acho que todos são culpados por deixar o país nessa decadência. Não só os políticos, a população, a própria sociedade, nós damos motivo pra eles fazerem isso, a gente da propina para facilitar sua vida, aí vem aquela conversinha brasileira, aí você vai alimentando né.

**PESQUISADORA:** Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Não, só acho que essa questão da criminalidade foi mais importante, porque o país hoje precisa muito dos seus outros governantes, ou outros ofereceram realmente o que o país precisava. Eu acho que eu estou interessado no que eu queria, e não podemos tentar justificar um erro com outro, tem que aparecer os culpados e serem punidos.

Agradeço viu? Obrigada!

### **ENTREVISTA 3**

**PESQUISADORA:** Como você escolhe votar em algum candidato?

Eu voto pela honestidade. Eu não gosto e não entendo muito de política só que eu voto pelo que eu vejo nos jornais passando, entendeu? Eu votei em Bolsonaro porque, tipo, eu assisto muito a Globo, e eles pesquisaram muito sobre a vida dele porque não queriam que ele fosse o presidente aí eles nunca acharam nada de fato que ele roubou mesmo alguma coisa.

PESQUISADORA: Então a Globo é um veículo de informação que você utiliza para formar suas opiniões?

Na verdade, não. Meu marido diz que não dá mais para confiar na Globo porque eles estão se aliando à esquerda agora. E como eles queriam muito que Bolsonaro não ganhasse, eu achei assim, que se eles pesquisaram e não encontraram nada, é porque era realmente verdade, eles pesquisam muito, e vão atrás das origens, se ele já tivesse roubado a Globo com certeza teria divulgado pra ele não se eleger.

PESQUISADORA: Então para você a mídia tem importância nesse momento da escolha?

Sim, além do Instagram o então Jornal Nacional, porque no Instagram eu sigo muita coisa de direita, é o que eu mais sigo, e eles são muito a favor dele.

PESQUISADORA: Você se definiria como de direita?

Eu não entendo muito de política, mas eu sigo porque me atrai ultimamente, porque antes eu não era assim não, foi depois de Lula ter se envolvido com tanta coisa, com tantos escândalos entendeu? Porque eu gostava muito dele aí depois que aconteceu essas coisas, eu sempre fui a favor de Lula ele era importante pra mim.

PESQUISADORA: Por que ele era importante para você?

Porque ele ajudou muita gente, meu pai dizia que só vendia suas compras porque agora o povo tinha como comprar, então por isso eu sempre votei no PT, não pelo PT, mas por causa de Lula.

PESQUISADORA: Então você confiava em Lula, e não no partido político, não é? Você acha que partido político do candidato influência na escolha?

O partido não. Eu votei em Bolsonaro também pela questão da economia que ele apresentava, ele conseguia se sair melhor falando de economia do que Haddad entendeu, e no Brasil todo caos de crise financeira vem por aí por isso questão da economia.

PESQUISADORA: Quais eram as propostas de economia que ele falava que mais te interessam?

A questão das privatizações! Meu marido (ele é médico) sempre me falava que a saúde vai melhorar bastante com Bolsonaro, e porque iria melhorar para ele, e pra saúde do Brasil.

PESQUISADORA: em que aspectos você acha que iria melhor tanto para a classe médica, quanto pro Brasil?

Então ele fala muito que nos governos do PT, os médicos do Brasil não eram valorizados, que eles preferiam, trazer médicos de fora, sem qualidade de atendimento, e não se importavam em valorizar os daqui, eu mesma conheço uma amiga do meu marido que não arrumou emprego ainda, e já se formou tem uns dois ano. Ele diz que se eles forem mais valorizados a população terá um atendimento melhor, terão mais médicos para atender.

PESQUISADORA: Mas você sabe que o programa mais médico precisou ser criado, pois os médicos brasileiros não queriam atender nas periferias, zonas rurais, por exemplo?

Isso é verdade, a gente mesmo lá no interior se não fossem os médicos cubanos o povo não teria atendimento, e é verdade mesmo, porque uma vez essa amiga disse que não ia de jeito nenhum trabalhar em alguns lugares. Não tinha pensado assim antes.

PESQUISADORA: Quais aspectos você considera importantes no momento da decisão do seu voto?

A minha decisão mesmo foi tirar o PT, quando eu vi que só estavam eles dois no segundo turno, não teve jeito, ali eu sabia que tinha que tirar, que tinha que votar em Bolsonaro por

causa da corrupção. Isso faz vergonha ao nosso país que podia ter tudo e está aí envolvido aí em tanta coisa.

PESQUISADORA: Essa decisão foi influenciada por mais alguma coisa ou por alguém?

Sim pelo meu esposo. Sim eu queria que o PT saísse, acho que as estradas melhoraram se colocasse pedágio, e tirasse alguns impostos, mais empregos pros médicos, a segurança também, aumento do poder de polícia, aumento na quantidade também. Eu só não concordo com as questões da liberação das armas, eu acho assim, tem um cidadão de bem que tipo não tem nenhum problema psicológico e você tá aqui comigo a gente discute e tal e você tem a posse, a posse é pra ficar em casa né? Mas essa pessoa que tem a posse vai querer andar, vai querer ter porte, mesmo sem ter, vai colocar no carro, vai andar com ela. Aí gente tá aqui discutindo, tá sem arma não vai acontecer nada, mas se você tiver uma arma ou eu, no momento da discussão ou se tiver bebendo e tal, sai para se divertir e pode acabar fazendo uma coisa que faria se não tivesse com a arma. Eu também acho muito perigoso uma arma em casa, pra criança, pra família.

PESQUISADORA: Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?

Saúde com mais hospital, melhorar os hospitais, aí então a contratação de médico também porque tem poucos. A questão da segurança também é muito importante, tem muitas mortes e assaltos, eu já fui assaltada aqui na frente de casa e ninguém fez nada, não tinha polícia, não tinha nada, isso era umas 18 horas da tarde, em casa é muito perigoso. Quando eu fui para São Paulo esses dias é uma cultura totalmente diferente as pessoas usando celular, apesar de que 20:00 horas lá ainda está claro né, mas tipo tudo de bom! Em Aracaju não dá não, a violência é um dos fatores que você vai ver, vai melhorar.

PESQUISADORA: Quais os projetos que você ouviu do candidato que você acha interessante que poderia minimizar a violência?

Eu vi um aqui (esqueci o nome da polícia) que é pra aumentar a quantidade eu acho que é uma que tem no Rio de Janeiro, alguma coisa assim, e trazer esses policiais, e espero que ele seja honesto viu? Para fazer o que ele disse. Ah sim e muito importante é o candidato ser honesto.

PESQUISADORA: O que você sentiu quando o presidente que você votou ganhou?

Eu fiquei feliz porque eu tenho uma esperança de que alguma coisa possa mudar para melhor. Eu acho que com o PT iria continuar a mesma coisa não tava, a economia ia continuar ruim a inflação aumentando.

PESQUISADORA: O que você gostaria que mudasse no Brasil com Bolsonaro?

Que não tivesse corrupção na política brasileira, que as verbas fossem para o que realmente precisa, fossem distribuídas para os lugares que dizem que vão serem distribuídas. Então eu acredito e espero que ele possa mudar, se ele não fizer nada antes mesmo podem tirar, eu não gosto do vice dele, eu não confio, ele é muito ignorante, não gosto e não confio nele, só em Bolsonaro.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que acha importante falar que foi importante na decisão do seu voto?

Bem por causa da corrupção mesmo, por causa do PT, por que eu sempre gostei muito de Lula, desde pequena, e quando aconteceu essas coisas eu fiquei muito triste, porque têm coisas que não foram comprovadas, mas eu acho que ele roubou muito, e depois disso eu comecei a desacreditar. No tempo de Dilma eu achava que era golpe, mas depois eu vi que não era. Eu não acho que ele vai tirar os direitos que o PT conquistou porque foram muito importantes pro povo, e é tão difícil implantar depois pra depois tirar, acho que ele pode até reduzir, mas tirar não, porque tem pessoas que não têm necessidade ter alguns auxílios entendeu? Eu não entendo muito de política, a maioria do povo quer dizer, muita gente não entende nada de política, a pessoa vota assim pelo que ela vê, superficialmente, mas não sabe de nada.

PESQUISADORA: Você acha que conhecer a política é importante e que é um problema as pessoas não entenderem?

Eu não entendo muito de política, a maioria do povo quer dizer, muita gente não entende nada de política, a pessoa vota assim pelo que ela vê, superficialmente, mas não sabe de nada.

Acho muito importante, mas não me interessa muito não, tenho outras coisas pra pensar, mas no tempo dos debates, eu ia pra academia e assistia todos, mas só pra ver mesmo.

Obrigada!

#### **ENTREVISTA 4**

PESQUISADORA: Como você escolhe seus candidatos?

Eu escolho através do que ele propôs né? Que no caso é através dos debates que eles vão mostrando o que eles vão fazer se caso ganhar.

PESQUISADORA: O discurso dele é importante na hora da escolha?

É um é um dos fatores que se leva a dar um voto em algum candidato né?!

PESQUISADORA: Quais aspectos você considera importante no momento da sua decisão? O que vai fazer você votar em uma pessoa ou em outra?

As propostas mesmo.

PESQUISADORA: Por exemplo, quais as propostas que você mais se identifica?

Sobre a saúde, educação. Também uma coisa que me chamou bastante atenção foi a parte da segurança, né. Foi isso que me fez voltar nele, não foi porque eu quero ter a arma não viu. Mas que pelo menos tem assim, as nossas leis está muito a desejar então esse é o fator principal que eu determinei votar nele.

PESQUISADORA: o que você acredita que poderia mudar dentro desse aspecto da segurança?

Mulher, a questão também dos presidiários né. Porque eles fazem o que quer e na verdade somos nós que estamos presos e eles estão soltos e fazem o que quer. Porque isso foi um fato que me ajudou a escolher ele como candidato, porque as nossas leis são muito favoráveis à bandidagem, e aí eu preferi votar nele justamente por isso, porque por já ter visto que o PT há

muito tempo não resolveu grande coisa então ele é novo né? É um novo como presidente, ele já era da parte política, mas não como presidente. Isso aí foi uma parte que me chamou atenção.

PESQUISADORA: E você falou da questão das leis dos presídios né? O que é que você acha que poderia mudar lá dentro para melhorar?

É porque eles usam os celulares, usam televisão, usam o que querem né? Usam drogas, vendem drogas e até aquela parte da organização criminosa, isso aí é demais tem uma organização de dentro da cadeia que comanda dentro e fora!

PESQUISADORA: Então o que você tá querendo dizer, mais ou menos, é que deveria ter mais rigor dentro das leis, é o que você tá faltando?

Isso.

PESQUISADORA: Sua decisão de votar em um candidato ou outro, você acha que é influenciada por alguém, ou por alguma coisa? Se sim, por quê?

Ah, não! De jeito nenhum! Ninguém me convence. Se eu quero pronto!

PESQUISADORA: Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?

Na parte da Segurança Pública, trabalhos também né? Porque a população é muito carente.

Olhe! Eu votei mesmo pra tirar o PT, porque eu não acreditava que eles fossem fazer mais nada além de roubar. Eu reconheço o que eles fizeram, a bandidagem tá muito grande no Brasil, não tinha como mais deixar eles não. O Bolsonaro me convenceu do voto, aí isso me ajudou na influência de votar em Bolsonaro. Porque eu já tinha visto que o PT não tinha feito grande coisa. Então eu acabei oPTando por votar na direita justamente por isso.

PESQUISADORA: E você acha que se o Bolsonaro fosse o candidato do PT você votaria nele?

Votaria. Sem dúvida, a pessoa dele, porque assim na verdade o que me convenceu mesmo foi as propostas dele.

PESQUISADORA: O partido dele tem importância pra você?

Não, na verdade eu nem sei que partido ele é, é PS... alguma coisa não influencia em nada.

PESQUISADORA: O que você sentiu quando o presidente ganhou?

Pesquisada: Alegria né? Se eu votei nele é porque justamente eu queria ele no poder.

PESQUISADORA: E se ele tivesse perdido? Você acha que teria sentido o que?

Eu teria sentido remorso porque para mim continuaria o Brasil do mesmo jeito que estava ou até iria piorar né.

PESQUISADORA: O que você gostaria que mudasse no Brasil com esse presidente?

Então a mudança de leis né. Como eu já falei, leis mais rigorosas. A corrupção também, não sei se ele não é, eu acredito que não seja corrupto, ninguém nunca provou né. Mas tá complicado. Era muito bom que colocasse cada um no seu quadrado. Educação também está muito a desejar. Um salário digno também.

PESQUISADORA: E diante desses escândalos que houve envolvendo filho, envolvendo ele. Afetou de alguma forma o olhar que você tinha dele?

Não. Porque nada se concretizou, se acontecer de realmente... Olha, porque assim eu votei nele, mas é como ele mesmo diz: se fez tem que pagar! Igualmente se ele fez ele tem que pagar. É comum de Lula, as pessoas que votaram nele que ficam dizendo “coitado”, ele para mim não é um coitado porque se ele não é culpado me diga o que foi que aconteceu com nosso Brasil? Porque nós estamos a ver navios então é por isso que eu resolvi mudar, mas vamos ver o que vai dar né?

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa para colocar? Você gostaria algo que você esqueceu? Alguma coisa que você acha que é importante falar para deixar marcado?

Não.

PESQUISADORA: Só isso

Só isso mesmo.

PESQUISADORA: Então muito obrigada, viu.

Quando finalizou a pesquisa, eles começaram a falar que haviam muitas pessoas no grupo de whatsapp da cidade, que se manifestavam muito, e que uma das principais questões era a segurança, pois não podiam sair com celular na cidade. Que acham justo terem arma em casa, pois se um bandido tem arma gente de bem poderia ter também. O marido da entrevistada é da guarda municipal, e falava da importância da segurança pública que o governo de Bolsonaro iria dar mais prioridade pra isso, mas afirma que sempre votou no PT, e reconhece o que ele fez principalmente para o Nordeste, e fica triste por Lula está preso, mas que o Brasil precisava de uma mudança, já a entrevistada afirma que não acha que o PT fez nada pelo Nordeste e sim as pessoas que lutaram para ter o que tem que não se deve agradecer ao político por nada que eles dão, porque cada um consegue com seu suor e com seu trabalho, que eles podem dar oportunidade e nada mais. Continuam falando que agora que ele venceu só nos resta pedir que ele não reduza nenhum direito, e que as questões mais importantes sejam resolvidas no Brasil.

## **ENTREVISTA 5**

PESQUISADORA: Como você escolhe seus candidatos?

Hoje eu posso dizer que escolho de forma, eu sou isento, não escolho por candidato ou por partido, nem por família, escolho por proposta e por representatividade, se realmente vai ser minha voz e essa representatividade tá falando eu me identifico.

PESQUISADORA: E quais são as principais propostas que você se identifica?

Eu acompanho Bolsonaro desde 2011, nunca se falava nem na possibilidade dele ser candidato e pra mim ele já era um representante, pelo que ele dizia, tanto eu quanto muitos estávamos cansado já dessa política velha de tanta corrupção, e aí a gente checa as propostas no perfil candidato, e você as propostas do candidato e nesse caso vemos o perfil, ele é realmente político, ele tá sendo coerente, ou ele tá falando só pra ganhar, mas aí você vê o histórico e ele realmente é assim, e continua assim até agora, então eu posso confiar, e qual a proposta dele? É dá uma reviravolta no Brasil e mudar dando viés a segurança pública.

PESQUISADORA: Você falou do perfil dele, qual seria esse perfil?

Perfil de candidato de direita, eu me identifiquei com a direita, basicamente ligado nos preceitos dele. A questão do conservadorismo é algo que eu me identifico, os valores estruturantes, valores da família, poderia resumir da família tradicional, os valores estruturantes dos bons costumes tradicionais, que por mais que sejam abertos. Porque falar em bons costumes a gente tende a ir mais para o viés da direita.

PESQUISADORA: E o que seria esses bons costumes?

A partir do momento que as políticas de esquerda passam a governar o país, eles passam a seccionar o país de forma social, a sociedade eles separam para melhor dominar a sociedade. Por exemplo a divisão de negro/branco, homem/mulher, pobre/rico, hetero/homo, entendeu, vários tipos de segmento, quando você separa, você cria o balaio de gato ali dentro, e você perde a noção de identidade enquanto nação, e fica mais fácil você impor sua ideologia.

PESQUISADORA: Pelo o que eu entendi você está falando que a esquerda que provocou essa divisão é isso?

É necessário para você sim pra doutrina de esquerda, comunista, como você quiser. É necessário você se manter por muito tempo fazer esse tipo de secção. E não só isso quando eu falo em bons costumes, é você ter a família tradicional homem, mulher e filhos o que tiver mais não é tradicional, não que a gente deva ser a favor da homofobia ou a própria discriminação, mas que a partir do momento que eu tenho o direito de ter minha consciência de formar minha opinião essa é a família tradicional, com homem, mulher e filhos, e não

importa se o cara é gay ou com quem ele se relacionam o que importa é aquilo ali, mulher homem e filhos, com quem ele se relacione não é importante é que aquilo seja respeitado. O seu direito, seu direito de eu sou homem, eu sou mulher tem que ser respeitado.

PESQUISADORA: eu fiquei um pouco confusa com sua fala, você poderia explicar melhor?

Eu tô dizendo o seguinte: que a partir do momento que você escancara, você quebra a estrutura familiar, isso tem que ser o pilar, é por isso que a gente discute essa questão dos direitos, justamente por isso, a família sendo o pilar ela vai irradiar para sociedade, por exemplo, o movimento feminista, o movimento LGBTQI+ (sei lá quantos tem aí), ele vai de contra, justamente, esse pilar social que é a família. Aí você vai me perguntar como? A partir do momento que você diz que lugar de mulher é onde ela quiser eu entendo isso, ninguém quer impor que a mulher precisa estar só em casa, mas a partir do momento que você perde a representação do pai enquanto chefe de família, não tem a representação pro filho, aí você tá desestruturando uma célula da sociedade, como se fosse um câncer, aí o que acontece, você tem um pai e uma mãe que tem que trabalhar, aí o que acontece, alguém vai ter que tomar conta da criança e quem é? Quem vai passar os valores? Quem será o espelho masculino e o espelho feminino? Quem vai ser? quando você quebra isso, pra mim acontece um problema entendeu? É como se aquela célula da sociedade ela se quebrasse e transformaram a sociedade em uma nova sociedade em um novo formato e esse formato desprovido de valores entendeu? Os valores tradicionais que são os que eu defendo.

PESQUISADORA: Você acredita que os movimentos sociais têm alguma influência nisso que você colocou?

Eu fico em dúvida com isso, eu não sei se até esses movimentos surgiram após esse enfraquecimento, ou se os próprios movimentos enfraqueceram. Então eu estava muito decepcionado com o cenário político, estava descrente né? Então foi nos governos do PT que isso tudo piorou. Porque quando você vai falar, aí em minha consciência política ela surge praticamente no segundo governo Fernando Henrique, aí eu não tinha ainda um posicionamento político, não era muito maduro para formar opinião, mas hoje eu tenho minha opinião, seria totalmente contrário aos governo PT e do próprio Fernando Henrique, que apesar de ser um governo de direita, de centro direita, mas tem viés ideológico de esquerda. Eu considero ele de centro, e eu sou da direita conservadora.

PESQUISADORA: Quais aspectos você considera importante no momento da decisão do seu voto?

Rapaz, se eu não votasse nele eu não votaria em ninguém, eu só não votaria nele se ele aceitasse o apoio de alguém no segundo turno, porque ele iria se contradizer e até agora ele não me decepcionou, tudo que ele tá fazendo ele disse que ia fazer, desde lá quando eu comecei a acompanhar em 2011, ele tem que ser justamente assim.

PESQUISADORA: Como você, lá em 2011, conheceu ele?

Youtube. Comecei vendo ele quando eu tava vendo uns vídeos de reação, que o policial reagiu e o policial matava o bandido, que ele aparecia falando que o policial tinha que se fuder mesmo, só fode a gente, aí comecei a procurar sobre ele e sobre a família dele e a partir daí comecei a falar muito sobre ele.

PESQUISADORA: Você já era policial na época?

Não, era da Guarda Municipal de Aracaju, não era policial ainda, mas eu já nasci polícia (risos), apesar dele não ser policial, as ideias dele batem muito, as ideias dos policiais das ideias conservadoras né!

PESQUISADORA: Com esses novos escândalos que tá acontecendo aí com envolvimento dele com a milícia, qual sua opinião sobre isso?

Então, tem que se ver com muito cuidado isso aí, até porque o que vem das mídias eu já filtro, eu olho muito UOL, folha de São Paulo, o que a Globo fala, eu já olho de forma crítica. Se eu mostrar aqui agora a diferença de duas matérias praticamente com mesmo viés em forma diferente, o que eu faço hoje em dia é diretamente fonte, o que ele tá fazendo o que ele diz o próprio canal dele e da família dele, a única forma de você saber o que está falando é ouvir dele ou ao porta voz, no Twitter ou no Youtube que ele entra online. E tudo que fala sobre ele e principalmente do caso Marielle. Eu, como investigador, tenho minha opinião sobre o caso sobre caso Marielle, eu tenho 100% de certeza que ele não tem envolvimento nenhum, ele pode até gostar porque eu também gostaria. Marielle para mim é uma bandida, era uma

bandida que estava investida no cargo de político, isso eu sei porque eu conheci Marielle, eu conheço a história dela, quando você lê o livro não tá o nome dela (não me lembro o nome do livro), mas fala sobre o nascimento do Comando Vermelho, ele fala até da situação, ela foi mulher do líder do Comando Vermelho, e pra mim hoje em dia crime organizado é justamente porque eles estão muito organizados, eles estão muito ousado, bem mais do que o Estado, além de colocar os representantes lá dentro, como aqui em Sergipe, como no Rio de Janeiro tem como em todo lugar tá tendo entendeu? E se ela morreu que se punam os culpados, ele foi claro quando ele disse – investigue. Agora quem tem que fazer isso é a Polícia Federal. Só porque os caras moram no mesmo condomínio que ele, um dos investigados moravam, não tem nada a ver, aí a mídia noticia o possível envolvimento dele no caso Marielle, porque tem a ver com milícia, e até hoje não achou nada.

PESQUISADORA: Mas você acha que formular sua opinião em cima do que ele fala (fui interrompida)

Não, não em cima do que ele fala. Eu pesquiso a fundo como investigador e como cidadão!

PESQUISADORA: Certo!

A questão toda é que ele fala o que eu gostaria de falar, quando ele tá falando poderia ser eu que tivesse ali. O que ele tá falando é minha representação, ele me representa, não só ele, mas o delegado Alessandro, que foi meu chefe (senador da República) ali, e outros senadores de outro Estado que também fazem essa representação. Aí você olha você vê, se eu tivesse aí, era isso que eu ia falar, era isso que eu ia dizer, e Bolsonaro tá fazendo exatamente o que ele disse que ia fazer.

PESQUISADORA: Quais questões você acredita serem prioritárias para um presidente?

Ele tem que ser honesto, verdadeiro, espontâneo, essa questão do politicamente correto já, já se foi, a questão de você tá pelo fato de você ser polícia que tenho que me comportar... meu amigo eu tenho que fazer isso aí, tem que fazer minha atribuição tenho que fazer bem feito, honesto, se eu for policial, se tiver que prender vou prender, não importa se eu venho pra faculdade de bermuda, se eu venho pro curso de Direito de terno ou não entendeu, isso aí hoje em dia o politicamente correto caiu por terra e quem ta derrubando isso é ele, que vai

trabalhar com camisa de time, de sandália, de bermuda, é o cara que chega lá fala no Twitter, tem a voz, tem voz de maior alcance e tá falando lá o que eu queria falar.

PESQUISADORA: E isso pra você é importante?

Muito. Essa acessibilidade dele é muito importante, a forma dele falar é mais humana entendeu? É o que você vê que Lula era e o que ele se tornou quando foi presidente. Aí você pergunta se tá acontecendo isso com ele? Não, o que mudou é que ele é o presidente e o poder de decisão tá na mão dele, só isso.

PESQUISADORA: E quais as prioridades de um presidente?

Então, como eu também sou administrador, eu entendo que têm questões a curto prazo e a longo prazo.

A curto ele precisa fazer a proposta da reforma da previdência. Ele fez, o problema iria ser o poder legislativo, e eu tava esperando pra ver até onde ele ia, e ele ganhou, eu teimei com muitos dos que votaram nele, que nem no primeiro nem no segundo escalão vai ter toma lá dá cá, e realmente não teve, criou agora os cargos técnicos, têm indicação. Ele criou o decreto e você vai indicar, tem que ser técnico, é de acordo com a ficha limpa, e criou uma reação contrária no senado. Isso tudo pra ele se articular para passar a reforma da previdência, e ele disse lá no Chile, que se fizer a articulação eu vou acabar preso, como Lula e Temer, ele fez a parte dele, eles que decidam se vão e como vai ter que passar. Continuando... Então a primeira coisa é a reforma para dar estabilidade à economia, e poder de investimento do capital dentro do país, para incentivar o investimento e oxigenar a economia.

Eu acho que ele tá sendo coerente não tá favorecendo ninguém. Os especialistas que estão indicado e ele tá fazendo de acordo com os estudos. Pra mim seria bom se o policial não entrasse, mas não sou técnico, se é necessário por mim tá bom.

A economia é a base, isso é o tripé dele: economia, segurança e o outro é... os militares no governo. É o grande tripé.

PESQUISADORA: O partido dele para você importa?

Negativo. Só não podia ser do PT, mas qualquer outro partido até porque ele já foi de outros, e hoje em dia não há legitimidade de representação partidária, o partido é insignificante diante da população. Quando você fala PT você só generaliza o PT, porque quase todos tiveram ou estão envolvidos em escândalos de corrupção. Têm outros partidos, mas tipo, não tá tudo generalizado porque quem tá em foco que tava no governo era o PT.

PESQUISADORA: O que foi que você sentiu quando o presidente que você votou ganhou?

Assim, até hoje ainda a gente se sente feliz né? Assim como eu me senti quando votei em Lula e Dilma, na primeira em Dilma, mas na segunda não votei nela, mas a questão de Bolsonaro é questão de honra porque a gente carregou uma campanha nas costas. Quem trabalha comigo, quem me conhece sabe quanto fomos ativistas, derrubamos mídia, grandes políticos com apenas 8 segundos de campanha eu me sinto vitorioso porque eu fiz parte disso.

PESQUISADORA: você disse que votou em Lula e Dilma. O que mudou?

Primeiro porque hoje sou independente. Hoje eu tenho capacidade de pensar. Assim eu posso votar em qualquer um, na época não era na época eu votei porque eu queria, mas também não tinha direito de pensar. Se pensar você perdia seu emprego, quando você é politicamente independente se você pode pensar.

PESQUISADORA: Você trabalha em quê nessa época?

Trabalhava na prefeitura de Capela. Passei um bom tempo, foi quando eu fui demitido de lá por causa de questões políticas, e aí eu tomei vergonha na cara e passei a estudar.

PESQUISADORA: Mas como você via os governos de Lula e Dilma?

Sabe que eu pensei nisso esses dias? Nos governos de Dilma 2009, surgiu uma cartilha de saúde, na época eu trabalhava na secretaria de saúde e essa carteira ensinava ao povo usar drogas, inclusive não cheire com papel tal, em vez de ser uma política de prevenção, ela adotou uma política de redução de danos e isso daí é legitimar a fraqueza do Estado, é você dizer eu não posso com o inimigo vou me aliar ele.

PESQUISADORA: Mas você sabe por que e como foi pensada a política de redução de danos, que ela não é uma política isolada, está aliada a toda uma política de saúde mental que se chama a RAPS?

Então, nem eu nem muita gente concordou. No dia e hoje que eu tenho maior consciência desse tipo de ação que chegam e não são poucas ações chegam na secretaria de saúde do município, é hoje eu vejo por exemplo, até a cartilha da educação chamado “kit gay”, que muitos professores de forma ignorante disse que não foi proposto mas foi feito sim, foi proposto, e foi feito licitação, aprovação pelo Ministério da Educação entendeu? Não chegou na escola devido congresso entre eles, Bolsonaro que foi um escritor das ações da Educação que gritou pra não adotar aquilo ali como livro. Não foi só na educação, mas na saúde entendeu? A erotização de crianças, na saúde e a questão da .... não é bem assim, isso tudo refletiu até na própria legislação, como é que você não pune traficante? Só tem traficante se tiver usuário, aí você deixa o cara usando droga? Beleza que não tem pena para você, mas aí você pune o traficante que vende, que eu saiba só tem traficante se tiver usuário.

PESQUISADORA: E pra finalizar, o que você gostaria que mudasse no Brasil com esse presidente?

Eu gostaria que houvesse uma reforma totalmente estruturante, tanto no poder legislativo, executivo e judiciário, nos três poderes, caísse por Terra os poderes privilegiados e as proteções parlamentares, que realmente não existissem Deus nenhum dos três poderes, que todos pudessem passar pelo mesmo julgamento. Desde quando começou a campanha eu digo Bolsonaro não é o candidato ideal, ele é o candidato necessário para colocar o país nos eixos. O país está destruído ele vai transformar da base pra gente pegar um cara com mais base, o cara mais centrado, mais tranquilo, mas com os mesmos valores dele. Eu queria que o povo parasse de pensar mais em direito e pensasse mais em Deus, os mais sábios e filósofos acreditavam na justiça de divina.

PESQUISADORA: O que você acha que melhoraria se houvessem mais pessoas assim?

Podia melhorar a base de tudo. Não faça com o outro o que você não queria que fizesse com você mesmo.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que você não lembrou de falar?

Não, tá bom. Muito obrigada!

## ANEXO

### ANEXO A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr(a) para participar da pesquisa, **ANÁLISE PSICANALÍTICA ACERCA DA JUVENTUDE E DE SUA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE**, com o objetivo de conhecer o funcionamento inconsciente da juventude a respeito do conservadorismo aplicada pela aluna de mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. As informações resultantes da pesquisa poderão contribuir para compreensão social do fenômeno social e político contemporâneo, a respeito da onda conservadora que explodiu no Brasil.

Sua contribuição é voluntária, o sr.(a) responderá questões de uma entrevista, que será aplicada por uma única PESQUISADORA.

O seu nome não aparecerá nas publicações, sendo substituído por um número. O sr.(a) tem a liberdade de se recusar a participar da pesquisa ou em qualquer fase da mesma, sem que haja prejuízo.

Nesta pesquisa, não há remuneração pela participação.

Agradecemos a sua valiosa contribuição e solicitamos que estando de acordo assine abaixo.

\_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_.

**Assinatura do participante / ou representante legal**

**Data:** \_\_/\_\_/\_\_.

---

PESQUISADORA: Flávia dos Santos Nascimento